

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO**

PALOMA RAYANA FRANÇA DA SILVA

**ENCONTRABILIDADE DA INFORMAÇÃO NOS
REPOSITÓRIOS DE INSTITUIÇÕES DE MEMÓRIA: um
enfoque nas LAMS brasileiras**

**Recife
2023**

PALOMA RAYANA FRANÇA DA SILVA

**ENCONTRABILIDADE DA INFORMAÇÃO NOS
REPOSITÓRIOS DE INSTITUIÇÕES DE MEMÓRIA: um
enfoque nas LAMS brasileiras.**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal de Pernambuco no Curso de Mestrado em Ciência da Informação como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Ciência da Informação. Área de concentração: Informação, Memória e Tecnologia. Linha de pesquisa: Memória da Informação Científica e Tecnológica.

Orientadora: Profa. Dr. Májory Karoline Fernandes de Oliveira Miranda.

Recife

2023

Catálogo na fonte
Bibliotecária Mariana de Souza Alves – CRB-4/2105

S586e Silva, Paloma Rayana França da
Encontrabilidade da informação nos repositórios de instituições de memória: um
enfoque nas LAMS brasileiras / Paloma Rayana França da Silva – Recife, 2023.
125f.: il., fig., tab.

Sob orientação de Májory Karoline Fernandes de Oliveira Miranda.
Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Pernambuco. Centro de
Artes e Comunicação. Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação,
2022.

Inclui referências e apêndice.

1. Encontrabilidade da Informação. 2. Instituições de memória. 3. Iam's. 4.
Brasil. I. Miranda, Májory Karoline Fernandes de Oliveira (Orientação). II. Título.

020 CDD (22. ed.) UFPE (CAC 2023-131)

PALOMA RAYANA FRANÇA DA SILVA

**ENCONTRABILIDADE DA INFORMAÇÃO NOS REPOSITÓRIOS DE INSTITUIÇÕES DE
MEMÓRIA: UM ENFOQUE NAS LAMS BRASILEIRAS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial para a obtenção do título de mestra em Ciência da Informação, área de concentração: informação, memória e tecnologia.

Aprovada em: 02/03/2023

BANCA EXAMINADORA

Prof^a Dr^a Májory Karoline Fernandes de Oliveira Miranda (Orientadora)
Universidade Federal de Pernambuco

Prof. Dr. Marcos Galindo Lima (Examinador Interno)
Universidade Federal de Pernambuco

Prof. Dr. Fernando Luiz Vechiato (Examinador Externo)
Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Dedico a minha amada mãe Sandra Paula e aos meus avôs maternos, Irene e Severino.

Amarei vocês por toda a eternidade e além.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente quero agradecer a Deus, Criador de todas as coisas, por ter me dado o dom da vida, sem ele eu não sou nada. “Senhor sei que sempre escutou minhas orações, por muitas vezes não me respondeu, mas em todas me consolou. Meu amor por Ti é imenso e o Teu por mim é único. Nunca em momento algum me desamparastes não porque mereço, entretanto, porque És Amoroso.” A Deus toda honra, glória e entrega!

A minha amada mãe, Sandra Paula (in memória) por ter me dado todo o amor que uma mãe poderia ter dado a uma filha, mesmo que por pouco tempo, “a você todo o meu verdadeiro amor”. A minha avó Irene Maria (in memória) que com muita dedicação e esforço tomou conta de mim, cinco netos e 15 filhos, “você, vó, foi à maior incentivadora na minha educação mesmo nunca tendo pisado em uma escola, nunca sequer foi alfabetizada, porém sempre soube que estaria na educação o meu futuro, sou grata por seu amor, por seu alento e não tem um dia que eu não pense em você. Só te digo uma coisa: Irene pode ir tranquila “Teu rebanho tá pronto”” (GADÚ, 2009).

Dedico essa pesquisa ao meu amado e amável avô Severino (meu biuzinho) que me ensinou a lutar pelos meus sonhos, a insistir em mim e nos meus objetivos, a nunca passar por cima dos outros nem dos meus princípios éticos e morais, lutar por uma causa é importante principalmente se for para um bem coletivo onde as minorias podem ser assistidas. Trabalhar com ele nas causas comunitárias me mostrou a importância de olhar o próximo e suas necessidades, te amo meu maravilhoso avô.

Sou imensamente grata a mim! Por mesmo nos momentos mais difíceis lutei e continuo lutando pelos meus sonhos e objetivos, o que muitos chamam de teimosia, eu chamo de perseverança. Sou grata a mim, que mesmo com déficit de atenção e dislexia não parei. Entendi que ao longo da caminhada a única coisa que eu não poderia fazer era desistir. Minha capacidade não se limita as minhas dificuldades. Sou grata a mim, por me entender e me respeitar nesse processo complexo e de autoconhecimento que a academia me fez passar. Compreender e ressignificar nunca foram tão necessários.

A todos os meus tios e tias que considero como irmãos, pois fomos criados assim, somos tão parecidos e ao mesmo tempo tão diferentes. Que nossas raízes de amor e respeito a qual fomos ensinados sempre nos permita olhar um ao outro com afeto lembrando que apesar de tudo temos os nossos laços de sangue.

Venho demonstrar minha eterna gratidão, amor, carinho e respeito a duas mulheres que entraram na minha vida em um momento onde tudo parecia perdido, eu digo e repito foi minha mãe e minha avó que pediram para Deus a permissão da entrada de Ana Beatriz e Sonia Aguiar no meu caminho. Minhas madrinhas, meus amores, minhas amigas, minhas conselheiras, não sei e nunca vou saber agradecer o amor, a atenção e tanto cuidado. Meu coração é só amor por vocês, as palavras são poucas, mas o afeto, respeito e cumplicidade entre nós são imensos. A Ana Beatriz que ao meu ver é a melhor e mais competente bibliotecária que já conheci, te agradeço por me mostra como é ser um profissional dentro do mercado de trabalho, sempre se aperfeiçoando, tratando a todos com respeito e carinho, você é o que um bibliotecário precisa ser, gratidão por ser você a me mostrar tudo isso.

Agradeço aos meus amigos de mestrado que passaram comigo por todos os momentos dessa fase Mayara Atanásio e Paulo Crispim, só posso dizer que compartilhamos os nossos melhores e piores momentos, como dizemos: a terapia está paga! Nunca desistam dos seus sonhos mesmo que sejamos os únicos a acreditar que um dia tudo dará certo. Somos os diferentes dentro da nossa realidade acadêmica, e isso é grande.

Também sou grata aos meus amigos de graduação e da vida Joice Costa, Heitor Cavagnari, Bianca Arruda e Layany Pires, vocês foram e serão amigos que levarei para sempre. Obrigada por todo o carinho, atenção, afeto, cumplicidade. O amor de irmãos que nunca tive encontrei em vocês. Deus nos dá as pessoas certas nos momentos certos.

Agradeço também a minha orientadora Majory Miranda por toda a dedicação e por aceitar o desafio de me orientar. Foi e está sendo um prazer e um período de grande aprendizagem pra mim tê-la nesses dois anos, orgulho de ser conduzida por uma grande mulher!

Aqui quero pedir com licença a academia, pois não posso deixar de dar o devido valor aos profissionais que deram a base para que eu pudesse chegar aonde cheguei. Minha história não começa na universidade, não foi à universidade que me alfabetizou, foi tia Marize aquela que aos seus 16 anos já ensinava uma turma de 15 alunos na escolinha comunitária de graça (escola essa que também trabalhei aos meus 14 anos), não foi a universidade que pegou na minha mão quando eu tinha sete anos com medo

por ir para uma escola maior, foi tia Tereza que me viu assustada e disse "vai ficar tudo bem".

Foi à professora Janaina que repetiu pra mim incessantemente (até mesmo depois da aula) aquele assunto de português que eu não estava entendendo na terceira série, foi a professora Juci da quarta série que viu que eu tinha aptidão para apresentações e sempre me colocava nas peças. Foi o professor Evandro que com muita paciência me ajudou no meu período de adolescência de questionar tudo, o professor Silas do ensino médio, foi ele o culpado por eu me apaixonar por literatura quando entrava em sala de aula com seu violão cantando os poemas e sonetos, foi no magistério que a professora Luciene e a profa. Fátima olharam pra mim depois de uma apresentação e falaram: você será uma professora maravilhosa, a docência está em você!

Foi no magistério que a Lindaci olhou nos meus olhos e disse: eu tenho orgulho de ter tido uma aluna tão dedicada e atenciosa, me fazendo enxergar com essas palavras características que eu não via. Por essas histórias eu preciso dizer não foi só a universidade que me formou foram todos esses profissionais que me construíram, foram eles que colocaram os tijolos que fazem a fundamentação da minha base não apenas com conteúdos educacionais, mas com ética, respeito, amor, compreensão, incentivo e paciência. Profissionais que viam nos alunos suas possibilidades, que nos abraçavam quando chorávamos por que compreendiam que o aluno é um ser composto por sentimentos e emoções, eu só posso dizer a todos vocês, gratidão por fazerem parte da minha história, das minhas memórias, da minha educação.

Dentro da universidade minha eterna gratidão a única professora que tocou meu coração como todos os outros fizeram, Sonia você me alfabetizou (com os conteúdos acadêmicos), você me deu a mão e disse que tudo ia ficar bem (e tudo ficou), você passou horas depois da aula me ensinando não apenas conteúdos, mas me ensinando sobre a vida, você entendeu os meus anseios interiores e respeitou o meu processo, você viu em mim o potencial e as qualidades que nem eu mesma conseguia enxergar, me abraçou e me abraça quando eu choro obrigada por deixar uma marca tão bonita em minha história educacional, se tenho um modelo/exemplo, ele é você. Obrigada por tudo e por tanto.

Gostaria de agradecer a todo o Departamento de Ciência da Informação e a coordenação do Programa de Pós-Graduação, juntamente com os professores que

contribuíram com seus conhecimentos ao longo desses dois anos. Agradeço a Capes por incentivar minha pesquisa e colaborar com ela, impulsionando o desenvolvimento e acreditando nos alunos de Pós-Graduação de todo o país.

Agradecer é uma questão de dar honra aqueles que contribuem ou contribuíram para a nossa evolução.

“Que todas as crenças religiosas sejam respeitadas, e até mesmo a não crença religiosa. Que possamos comungar na crença da humanidade, da diversidade, do bem comum. Que seja declarada justa toda forma de amor. Que nenhuma mulher seja alvo do machismo estrutural. Que a juventude negra não seja alvo do extermínio. Que Marias Eduardas não sejam assassinadas dentro da escola. Que Marquinhos da Maré não sejam assassinados indo para a escola. Que Marielles possam chegar em segurança nas suas próprias casas. Que todo agricultor tenha uma terra para plantar, que todo sem-teto tenha uma casa para morar. Que os indígenas sejam respeitados nas suas crenças. Que as fronteiras acabem e as armas caiam no chão. Que a felicidade venha sobre nós, respeitando toda dor e consolando toda lágrima, porque felicidade de verdade só é possível sob a bênção da comunhão. Amém, axé, e o que de mais universal existe: amor” (VIEIRA, 2019).

RESUMO

Pesquisa sobre a integração das bibliotecas, arquivos e museus (LAM's) com a viabilidade de unificação de coleções digitais dos três centros de informação do país. A perspectiva de propiciar a disseminação, o acesso, o uso e o usufruto dos conteúdos informacionais pelos usuários a partir da análise da encontrabilidade da informação. Objetiva-se com esta pesquisa analisar a encontrabilidade da informação diante da possibilidade de interação entre as LAM das principais instituições de memória do país, Biblioteca Nacional, o Arquivo Nacional e o Museu Nacional. Para tanto, há a necessidade de entender os fundamentos epistemológicos das instituições de memória; Caracterizar os conceitos dos repositórios institucionais; Verificar se os critérios de encontrabilidade estão ausentes nas políticas de Lams, com êxito na GLAM's Europeia; Estruturar questões sobre as políticas de coleções da Biblioteca Nacional, do Arquivo Nacional e do Museu Nacional; Propor iniciativas para encontrabilidade em LAMs. Trata-se de pesquisa descritiva, com objetivo exploratório e abordagem qualitativa e configura-se como análise de casos por tratar das três principais instituições de memória nacional. Realizado levantamento bibliográfico para o devido embasamento teórico, o levantamento das leituras foi realizado a partir do Protocolo de Revisão Sistêmica de Leitura nas bases de dados Brapci, Scielo, BDTD e Periódicos CAPES, juntamente com análise documental realizada no plano estratégico de gestão da GLAM's Europeia juntamente com a plataforma onde disponibiliza suas coleções. Os instrumentos de coleta necessários foram questões de análises estruturadas com perguntas pré-definidas direcionadas aos gestores das instituições de memória da amostra da pesquisa. Em relação a análise feita, foi identificada a falta de critérios de encontrabilidade da informação nas plataformas do Museu Nacional e Arquivo Nacional e parcialmente na Biblioteca Nacional, as mesmas instituições não disponibilizam as políticas dos repositórios e a única que respondeu as questões de análise foi a Biblioteca Nacional. Concluímos que as instituições necessitam repensar a forma de acesso e uso da informação, visando o usuário e suas reais necessidades, criar uma interação mais direta com o usuário para compreensão do público, estabelecer um plano de ação onde os critérios de encontrabilidade presentes na elaboração da interface, onde seria necessário que as três criassem suas políticas, critérios ou conteúdos que especificassem suas coleções e a forma como elas precisam ser tratadas e disponibilizadas dentro do formato digital.

Palavras-Chave: Encontrabilidade da Informação; instituições de memória; lam's; Brasil.

ABSTRACT

Research on the integration of libraries, archives and museums (LAM's) with the feasibility of unifying digital collections from the three information centers in the country. The perspective of promoting the dissemination, access, use and enjoyment of informational content by users based on the analysis of the findability of information. The objective of this research is to analyze the findability of information in view of the possibility of interaction between the LAM of the main memory institutions in the country, the National Library, the National Archive and the National Museum. For that, there is a need to understand the epistemological foundations of memory institutions; Characterize the concepts of institutional repositories; Check if the findability criteria are absent in Lams policies, successfully in GLAM's Europeana; Structure questions about the collections policies of the National Library, the National Archives and the National Museum; Propose initiatives for findability in LAMs. This is a descriptive research, with an exploratory objective and a qualitative approach, and is configured as a case analysis as it deals with the three main institutions of national memory. A bibliographical survey was carried out for the due theoretical basis, the survey of the readings was carried out from the Systemic Reading Review Protocol in the Brapci, Scielo, BDTD and Periodicals CAPES databases, together with document analysis carried out in the strategic management plan of GLAM's Eurpoeana along with the platform where it makes its collections available. The necessary collection instruments were structured analysis questions with pre-defined questions addressed to the managers of the memory institutions in the research sample. Regarding the analysis carried out, the lack of criteria for finding information on the platforms of the National Museum and the National Archive and partially in the National Library was identified, the same institutions do not provide the policies of the repositories and the only one that answered the analysis questions was the National Library. We conclude that institutions need to rethink the way of accessing and using information, targeting the user and their real needs, creating a more direct interaction with the user to understand the public, establishing an action plan where the findability criteria present in the elaboration of the interface, where it would be necessary for the three to create their policies, criteria or contents that specify their collections and how they need to be treated and made available within the digital format.

Keywords: Information Findability; memory institutions; lam's; Brazil.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1-	Linha do tempo dos desenvolvimentos tecnológicos.	38
Figura 2-	Disposições das coleções dentro da plataforma	91
Figura 3-	Disposições dos conteúdos dentro das pastas temáticas	92
Figura 4-	Área do perfil do usuário Europeana	92
Figura 5-	Página BN	94
Figura 6-	Pesquisa na BNdigital	95
Figura 7-	Página principal do Arquivo Nacional	100
Figura 8-	Busca pelo termo SIAN	100
Figura 9-	Acesso ao sistema de informações do Arquivo Nacional	101
Figura 10-	Busca de coleções pelo SIAN	102
Figura 11-	Pesquisa avançada na base do SIAN	102
Figura 12-	Designação das coleções dentro do site do Museu Nacional	104
Figura 13-	Exposição de partedo acervo físico	105
Figura 14-	Subdivisões das exposições do Museu Nacional	105

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1- Quantitativos de documentos encontrados por base de datos 84

LISTA DE QUADROS

Quadro 1-	Traços essenciais do Paradigma Custodial	30
Quadro 2-	Traços essenciais do Paradigma Pós- Custodial	36
Quadro 3-	Divisões culturais e desenvolvimentos tecnológicos da informação	42
Quadro 4-	Protocolo de RSL	79
Quadro 5-	Síntese Metodológica	83
Quadro 6-	Coleta SciELO	85
Quadro 7-	Coleta BRAPCI	86
Quadro 8-	Coleta Portal de Periódicos CAPES	87
Quadro 9-	Coleta BDTD	89

LISTA DE SIGLAS

BRAPCI	Base de dados de Periódicos em Ciência da Informação
BN	Biblioteca Nacional
FOSTER	Facilitate Open Science Training for European Research
FTP	File Transfer Protocol
IIB	Instituto Internacional de Bibliografia
LAMs	Litreries, museuns and archives
RBU	Repertório Bibliográfico Universal
RSL	Revisão Sistemica de Literatura
SCIELO	Scientific Electronic Library Online
SIAN	Sistema de Informação do Arquivo Nacional
TIC's	Tecnologias de Informação e Comunicação
WWW	World Wide Web

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	17
2	INSTITUIÇÕES DE MEMÓRIA: o paradigma e suas transformações	24
2.1	DA REVOLUÇÃO COMUNICACIONAL ÀS TRANSFORMAÇÕES TECNOLÓGICAS: O INÍCIO DA CULTURA DIGITAL	37
2.2	INSTITUIÇÕES DE MEMÓRIA: UM DIÁLOGO COMUM	46
3	O ACESSO ABERTO AOS REPOSITÓRIOS DE INSTITUIÇÕES DE MEMÓRIA: POLÍTICAS PARA A FORMAÇÃO DE COLEÇÕES	54
3.1	CIÊNCIA ABERTA E CIÊNCIA CIDADÃ	54
3.2	MARCO REGULAMENTAR	58
3.3	REPOSITÓRIOS DIGITAIS	59
3.4	REPOSITÓRIOS DE INSTITUIÇÕES DE MEMÓRIA	59
3.5	POLÍTICAS PARA REPOSITÓRIOS	63
4	ENCONTRABILIDADE DA INFORMAÇÃO E A INTEGRAÇÃO DAS LAM'S	66
4.1	INTENCIONALIDADE E SEUS CRITÉRIOS	70
4.2	INTEGRAÇÃO DAS LAM'S	73
5	METODOLOGIA	76
5.1	DELIMITAÇÕES DO OBJETO DE ESTUDO	77
6	ANÁLISES DA PESQUISA	84
6.1	ANÁLISES DO RSL DA DISSERTAÇÃO	84
6.2	ANÁLISES GLAM EUROPEANA E SUAS COLEÇÕES	90
6.2.1	Organização das Coleções no site	91
6.2.2	Política de Conteúdo Estratégico Europeia	93
6.3	COLETA DAS INSTITUIÇÕES DE MEMÓRIA	93
6.3.1	Biblioteca Nacional	94
6.3.2	Arquivo Nacional	99
6.3.3	Museu Nacional	103
7	CONSIDERAÇÕES FINAIS	104
	REFERÊNCIAS	112
	APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO APLICADO ÀS INSTITUIÇÕES DE MEMÓRIA	121

1 INTRODUÇÃO

A partir das primeiras civilizações percebe-se a necessidade de preservar o conhecimento e a forma como este pode ser repassado de uma geração a outra. Ao longo da história, o homem procurou deixar a sua marca por onde passava, ao registrar nas paredes das cavernas os fenômenos que ocorreram desde a descoberta do fogo na Pré-história, ou redigir com os monges copistas os episódios que narraram a Idade Média. Segundo Araújo (2010), comumente, relaciona-se o surgimento das bibliotecas e arquivos à passagem da oralidade para a escrita, e a dos museus relacionada ao colecionismo¹ que marcou as grandes civilizações.

Por muito tempo, os arquivos, museus e bibliotecas tinham a mesma instituição para organização e armazenamento de suas coleções documentais. Destaca-se, então, como base, a integralização ocorrida na Biblioteca de Alexandria que além de possuir um rico acervo de livros e documentos históricos, possuía coleções de artes, esculturas e jardins botânicos. Constituindo assim, um templo de cultura e informação para o povo (ALMEIDA, 2016).

Após o surgimento dos mosteiros, onde por muito tempo as informações permaneceram restritas no século XV, apenas sendo retratadas obras que religiosamente eram permitidas, tratando a biblioteca e a informação contidas nas suas coleções como obras satânicas que tirariam o ser humano do caminho de Deus. Gutenberg traz à inovação da imprensa fazendo com que as coleções crescessem de uma forma exponencial retirando das mãos dos monges copistas a incumbência da reprodução de informações, anteriormente por posse das igrejas e monastérios (ALMEIDA, 2016).

Dessa forma, mais pessoas passaram a ter acesso à informação e conhecimento. Já no século XVIII, aconteceram as transições dos museus privados (onde suas coleções eram formadas por obras que pertenciam aos povos, porém apenas as elites tinham acesso), para os museus públicos (MARQUES, 2010).

Essas novas formas de reestruturação ficaram mais evidentes nos séculos XIX e XX com o surgimento dos trabalhos específicos na área do

¹ O colecionismo pode ser definido como o hábito de juntar “coisas” que possuem propriedades ou características comuns e que servem para conhecer o mundo. Essa definição aponta para reconhecer o colecionismo como um fato social, no sentido Durkheimiano, que apresentaria as propriedades de exterioridade, objetividade e coerção social (DURKHEIM, 1985, p. 2)

conhecimento, onde bibliotecários, museólogos e arquivistas puderam especificar suas atividades fazendo com que cada instituição possuísse a custódia de suas coleções: “objetos tridimensionais de valor patrimonial passariam a pertencer aos museus, livros às bibliotecas e, manuscritos e documentos originais aos arquivos” (MARQUES, 2010, p.53).

É necessário compreender que a Revolução Industrial, assim como, a Revolução Francesa tem uma grande contribuição para a evolução das instituições dentro da sociedade, por isso, a mesma foi dividida em 4 períodos que foram surgindo de acordo com as evoluções tecnológicas. Impactando a sociedade e levando ao crescimento da busca por informação. O aumento do número de bibliotecas, arquivos e museus dentro e fora da Europa ocorre graças à revolução da burguesia e sua expansão capitalista.

Precisa-se compreender que essas novas formas de utilização das instituições de memória começaram pelo acesso da Burguesia na Revolução Francesa e ganhou uma dimensão mais popular no primeiro período da Revolução Industrial (XIX e XX) em meados de 1765 na Inglaterra. Foi nesse período que os museus e bibliotecas passaram a preservar suas coleções como patrimônio social, histórico e artístico, através dos movimentos de expansão europeia (Chagas, 2002).

Essa primeira fase da revolução foi marcada pela utilização de mecanismos dentro das grandes indústrias, o surgimento das máquinas para acelerar as produções e substituir a mão de obra humana “[...] a invenção de um grande número de máquinas que facilita e abrevia o trabalho, possibilitando a uma única pessoa fazer o trabalho que de outra forma, teria sido feito por muitas” (SMITH, 1996, p. 69).

No segundo período por volta de 1870, com o crescimento tecnológico e acesso aos conhecimentos específicos surgem novas tecnologias, como os automóveis, os meios de comunicação, como o telefone e o rádio, fazendo com que a humanidade passasse a se comunicar, interagir e socializar, quebrando barreiras de distância e projetando novas formas de buscas e uso a informação. A terceira revolução surgiu após o final da segunda Guerra Mundial, com a descoberta de uma nova energia, a nuclear, assim, em 1969 a chegada dos equipamentos eletrônicos, telecomunicações e computadores corroboraram essa descoberta. Essas novas tecnologias deram a oportunidade para o desenvolvimento de pesquisas mais avançadas. E por último a quarta revolução industrial ou indústria 4.0, veio com os novos fenômenos tecnológicos - digitalização das informações, utilização e reutilização dos dados de pesquisas.

Dentro das unidades de informação, memória e conhecimento as características predominantes dessa nova indústria é o acesso em rede de conteúdos, coleções e serviços por meio da rede. Com os marcos tecnológicos de cada período, as instituições precisaram se adaptar a esses novos conceitos para receber esses novos pensamentos e formas de enxergar a informação, e de produzi-las.

Com base nas novas formas organizacionais que as instituições passaram a ter, também houve a necessidade de uma reorganização nas coleções para melhor atender a demanda e as necessidades dos usuários que frequentam suas unidades de informação. Para isso, os métodos de formar e desenvolver coleções tiveram que ser adaptados às características de cada entidade. Gerando, assim, cada vez mais uma particularidade em cada uma delas.

Com as atuais mudanças sociais, como democratização, fragmentação e popularização, as redes globais de comunicação e as relações interconectadas vêm crescendo a cada dia. Também aumenta a necessidade da aproximação do indivíduo com as informações pertinentes a sua necessidade. Nos dias de hoje, essa preocupação se faz presente, porém, abrangendo além das coleções físicas as coleções digitais.

Para sanar as necessidades dos usuários e pesquisadores que necessitam das coleções, as instituições buscam se adequar às mudanças trazidas pelas tecnologias de Informação e Comunicação (TIC). A partir do acesso rápido, por meio da internet às bases de dados, com o intuito de divulgar os conteúdos que os centros de pesquisas e instituições de cultura, memória e educação, foi possível a criação de repositórios digitais, que passaram a ter uma função fundamental, não apenas na divulgação de materiais informacionais, mas na produção de pesquisas secundárias devido à utilização das suas coleções.

Mesmo com o surgimento dos repositórios digitais e das bases específicas de conteúdos, continuou havendo a preocupação de como tornar visível essas coleções e de que forma deixá-las acessíveis à todas as pessoas que necessitam de suas informações.

Como citado acima, na antiguidade, muitas bibliotecas também atuavam como museus e (ou) arquivos. Um dos pontos mais importantes que liga esses três tipos de instituições é o ato de preservar seus documentos, objetos e (ou) recursos informacionais para que se tenha acesso, sobretudo por gerações. Por isso, bibliotecas, arquivos e museus são “instituições de memória” onde se trabalha com a coleta, o tratamento, a organização e a disseminação da informação em diversos suportes e nas mais variadas coleções.

As instituições sofreram mudanças na organização de seus acervos, na organização de suas estruturas físicas e, principalmente, no modo de ver as necessidades informacionais dos usuários. As compreensões trazidas pelas novas tecnologias de comunicação e informação foram de grande relevância para essas transformações institucionais, advindas das demandas dos grupos sociais e dos indivíduos.

As configurações dos sistemas e dos suportes informacionais precisaram ser revistos de acordo com a cultura que as civilizações vivenciavam em cada período histórico, e destaca-se que seguem em transformação. Como afirma Santaella (2003), os períodos culturais, como: oralidade, escrita, imprensa, das massas, das mídias e digital da informação, trouxeram meios diferentes de comunicação que fazem com que a sociedade interaja de novas formas.

Entendendo que essas culturas foram desenvolvidas para suprir demandas trazidas pelos eventos históricos tais como: Revolução Francesa, Primeira e Segunda Guerra Mundial, por exemplo. Devido a geração de mais informações e inclusive de grandes quantidades de pesquisas que necessitavam ser gerenciadas e divulgadas, ocorreu o aparecimento de técnicas, depois a criação de tecnologias, criadas com o intuito de consumo e propagação do sistema capitalista, entretanto, a divulgação e a utilização para os indivíduos acabaram por colaborar para que movimentos sociais surgissem na luta por direitos igualitários, fazendo com que empresas e instituições de memória e informação repensassem suas formas de acesso e uso, ao longo desses períodos culturais.

No caso das unidades de informação das instituições, houve a necessidade de criação de estruturas digitais para a divulgação de coleções e produtos desenvolvidos para o usuário da informação, como: sites, bases de dados e repositórios digitais, catálogos bibliográficos e portais de periódico. As criações dessas plataformas necessitaram ser estudadas para que se pudesse atender aos públicos que precisavam utilizar seus conteúdos. Dessa forma, a análise de melhores formas de dispor a informação precisou ser realizada, métodos foram adequados para que as interações dos conteúdos das plataformas com os indivíduos pudessem acontecer.

A partir das estruturações desses sites e repositórios digitais pelas instituições, novas formas de organizar e representar as coleções foram criadas, no âmbito das bibliotecas, arquivos e museus, e os profissionais responsáveis por essas organizações criaram políticas e padrões de estrutura, acesso, depósito, uso, etc.

LAM's é o acrônimo² em inglês empregado para as bibliotecas, arquivos e museus. Este conceito tem por finalidade integrar e divulgar as coleções de suas respectivas instituições formando uma rede de compartilhamento e maximização do acesso às suas coleções (WAIBEL, 2018, n.p. Tradução nossa).

As instituições supracitadas, mesmo nos dias atuais, onde as necessidades informacionais crescem vertiginosamente, e com elas, novas práticas de buscas e serviços são necessárias, continuam para pesquisadores e usuários fontes primárias na busca por conhecimento. Com base nas mudanças surgidas, essas instituições de memória precisam aderir a plataformas e sites digitais com o intuito de divulgar e disseminar não apenas suas coleções, mas também seus serviços de atendimento com modernidade e praticidade nas resoluções de suas demandas.

Para os ambientes digitais, sugeridos para as instituições de memórias, - como bibliotecas, arquivos e museus -, que na maior parte de seus conteúdos são documentos arquivísticos, coleções de obras digitalizadas e imagens de objetos tridimensionais, sugere-se o uso de repositórios interligados. Uma única plataforma que venha a reunir esses documentos. O que atende a demanda dos três públicos em um único sítio.

Para isso, existe a necessidade de focar em melhores meios de navegação e de acesso aos conteúdos, de forma mais fácil e ágil, para a melhoria da qualidade do produto e serviço ofertado para o uso. Visando essas questões, busca-se o estudo desses ambientes a partir do conceito operatório de Encontrabilidade da Informação, que vai além do processo em si, mas da reflexão dos atributos e na relação deles com o usuário, “tendo como finalidades facilitar o desenvolvimento de ambientes informacionais contemplando a E.I” (ROA-MARTÍNEZ, (2019, p.91).

A partir das buscas por informação e das novas práticas organizacionais do conhecimento, que surgiram no decorrer das décadas, a fim de suprir as novas demandas e necessidades dos usuários, a prática de boas formas de utilização dos recursos digitais em ambientes virtuais tem feito com que cientistas da informação repensem em como disponibilizar os conteúdos e documentos de forma acessível a todos que utilizem o conteúdo.

A viabilidade pode ocorrer por meio da política de interação a ser feita e de uma estrutura de informação que tenha parâmetros de encontrabilidade, que permitam que os

²Palavra que se forma pela junção das primeiras letras ou das sílabas iniciais de um grupo de palavras, de uma expressão. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/acronimo/>.

usuários cheguem às suas informações. Consideram-se essas informações com a demanda informacional que os interagentes possuem.

Observa-se a configuração do novo perfil de usuário participativo, atuante e inovador no processo da produção e do uso da informação. De fato tem crescido principalmente com o desenvolvimento de tecnologias e das redes sociais de interação, onde eles passam a criar seus próprios conteúdos e a disseminá-los. Essa visão de usuário que busca, interage e produz conteúdos pode ser entendida nos três processos informacionais abordados por Buckland (1991) trazendo a informação como coisa, conhecimento e processo.

Relacionando com os interagentes eles buscam a informação (coisa) independentemente do suporte, eles adquirem a informação (conhecimento) e repassam essa informação por meio de outras informações produzidas (processo). Em linhas gerais, trata-se de um processo informacional, a partir da demanda que a sociedade tem, porém, essas interações não necessariamente precisam acontecer em uma ordem, elas não são estáticas.

Diante dessas considerações, surgiu o seguinte questionamento para esta pesquisa: Os repositórios de instituições de memória das LAM's nacionais aplicam o conceito de encontrabilidade com a perspectiva de interação das suas coleções digitais?

Partindo dessa indagação pressupomos que as instituições de memória precisam se adaptar à mudança de paradigma que se volta para o interagente da informação, e os meios de acesso e a navegação em conteúdos de forma dinâmica. Desse modo, a pesquisa tem como objetivo geral analisar a encontrabilidade da informação e a possibilidade de interação entre as LAM das principais instituições de memória do país, Biblioteca Nacional, o Arquivo Nacional e o Museu Nacional.

Para isso, torna-se necessário entender as transições epistemológicas das instituições de memória, a partir dos paradigmas Custodial e Pós-Custodial; Verificar os critérios de encontrabilidade na política da Europeia; Estruturar questões sobre as políticas de coleções da Biblioteca Nacional, do Arquivo Nacional e do Museu Nacional; Propor iniciativas para encontrabilidade em LAM's.

A pesquisa é de caráter descritivo, com objetivo exploratório e abordagem qualitativa e configura-se como análise de estudo de caso, por tratar das três principais instituições de memória nacional. Nas seções seguintes serão abordados os conteúdos pesquisados na literatura: na segunda seção, discute-se o paradigma e suas transformações nas instituições de memória, na terceira seção o movimento de acesso

aberto e as características dos repositórios das instituições de memória; na quarta seção a encontrabilidade da informação e a integração das LAM's. Na quinta seção descreve-se o percurso metodológico a ser seguido para obtenção dos objetivos estipulados e por fim, o cronograma com os períodos em que cada etapa será realizada. Finaliza-se com as referências bibliográficas.

2 INSTITUIÇÕES DE MEMÓRIA: O PARADIGMA E SUAS TRANSFORMAÇÕES

O conhecimento é produzido em sociedade com participação no meio coletivo, em que passamos a enxergá-lo como um processo epistemológico. Japiassú (1977, p. 27) afirma que:

O conhecimento passou a ser processo, não como um dado adquirido uma vez por todas. Essa noção de conhecimento foi substituída por outra, que vê antes de tudo como um processo, como uma história que, aos poucos e interessantemente, faz-nos captar a realidade a ser conhecida. Devemos falar hoje de conhecimento-processo e não mais conhecimento-dado.

Por epistemologia, em seu sentido amplo, consideramos o estudo metódico e reflexivo do saber, de sua organização, de sua formação, de seu desenvolvimento, de seu funcionamento e de seus produtos intelectuais. (JAPIASSÚ, 1977).

A partir dos processos sociais e históricos os seres humanos constroem seus conhecimentos de uma forma coletiva, juntamente com a visão ética e moral construída ao longo dos anos. Esses processos de conhecimento coletivo-social das ciências e dos saberes se manifestaram durante o decorrer da história das civilizações e com o crescente desenvolvimento das tecnologias que surgiram em cada período.

O saber necessita ser refletido e internalizado para haver uma organização, estruturação, aflora-se o conhecimento discutido e repensado, tornando-se assim, um conceito cíclico. Como um movimento de retorno repetitivo com uma periodicidade, porém esse retorno não é feito com o mesmo olhar. Para Japiassú (1977, p. 16) haveria, assim, três tipos de epistemologias, sendo as mesmas: “Epistemologia global, epistemologia particular e a epistemologia específica”.

Faz-se interessante pontuar para o estudo dessa pesquisa a epistemologia global também conhecida como a epistemologia geral, que segundo o autor (1977, p. 16), volta-se ao tratamento do “saber global, assim considerado, com a virtualidade e problemas do conjunto de sua organização, quer sejam especulativos, quer seja científicos”.

Com isso, a tarefa da epistemologia, que tem por significado o “discurso (*logos*) sobre a ciência (*episteme*) [...] seria a possibilidade de conhecer esses conhecimentos” (JAPIASSÚ, 1977). O autor chama a atenção para a flexibilidade do modo de empregar a epistemologia, suas bases “filosóficas e ideológicas pode justificar uma teoria geral do conhecimento (de teoria mais ou menos filosófica), ou estudos mais restritos interrogando-se sobre a gênese e a estrutura das ciências” (JAPIASSÚ, 1977, p. 38).

A visão global sobre a epistemologia tem por objetivo conhecer e se aprofundar nos conhecimentos das ciências e como elas chegaram ao seu patamar, para refletir filosoficamente e socialmente as construções nas quais suas teorias foram criadas.

Compreendendo a necessidade dos estudos dos paradigmas para as ciências. Deixa-se claro o conceito utilizado de paradigmas, como “exemplo, modelo, padrão, contudo, tal como vem sendo empregada nas discussões contemporâneas das Ciências Humanas”, segundo Neto (2011, p. 345).

No entendimento do autor, os paradigmas ou modelos padronizados de estruturas científicas em particular das ciências humanas, como o “paradigma pedagógico, paradigma da modernidade, paradigmas culturais, tornando-se uma categoria compreensiva de diferentes fenômenos” (NETO, 2011, p. 346).

Para Kuhn (1998, p.59)

O conhecimento científico é definido basicamente pela adoção de um paradigma, e um paradigma nada mais é do que uma estrutura mental – composta por teorias, experiências, métodos e instrumentos – que serve para organizar o pensamento, de determinado modo, a realidade e os seus eventos.

A epistemologia do conhecimento chega a um entendimento macro e micro de sua construção histórica, social, filosófica e cultural. A partir desses estudos científicos e sociais é possível entender questões e problemas teóricos, que possibilitam a resolução de questionamentos anteriormente feitos e que não possuíam respostas, tais respostas partem de um olhar crítico sobre o fenômeno investigado.

Para Kuhn, paradigmas são realizações científicas universalmente conhecidas que durante um certo período de tempo nos oferecem, além dos problemas, as soluções modelares para a comunidade que está envolvida com a ciência (GRINSPUN, 2001, p. 40).

Kuhn (1998, p. 59) assevera que “uma comunidade científica, ao adquirir um paradigma, adquire igualmente um critério para a escolha de problemas que, enquanto o paradigma for aceito, poderemos considerar como dotados de uma solução possível” dando ao pesquisador ou cientista caminhos para os questionamentos e soluções compreensíveis.

Entretanto, Morin (2000) extrapola o conceito anteriormente empregado por Kuhn, explicando que paradigma passa a ser uma “estrutura mental que organiza e dá coerência aos fenômenos experimentados, que encontra problemas e propõe soluções. Entendendo que essa estrutura é coletiva e que propõe a coletividade, pois é fundada no acordo dos indivíduos sobre o sentido” (NETO, 2011).

Morin (2000) traz em seu livro dois pontos sobre paradigmas que mostram a importância dos estudos das ciências a partir de um olhar coletivo, são eles: a promoção e a seleção dos conceitos-mestres da inteligibilidade e a determinação das operações lógicas-mestras da inteligibilidade.

O primeiro denota:

A ordem, nas concepções deterministas, a Matéria, nas concepções materialistas, o Espírito, nas concepções espiritualistas, a Estrutura, nas concepções estruturalistas, são os conceitos-mestres selecionados /selecionadores, que excluem ou subordinam os conceitos que lhes são antinômicos (a desordem, o espírito, a matéria). Desse modo, o nível paradigmático é o do princípio de seleção das idéias que estão integradas no discurso ou na teoria, ou postas de lado e rejeitadas (MORIN, 2000, p. 24-25).

Aqui podemos propor a seleção dos conceitos que são compreensíveis dentro dos contextos estudados e analisados, entendendo que dentro da ciência há um núcleo para ser estudado, um foco, um objeto central onde todo o contexto gira em seu redor. O mesmo conceito pode-se descartar e selecionar outros conceitos subordinados a ele. Segundo Neto (2011, p. 349), “o paradigma, excluindo e subordinando conceitos a partir de um conceito nuclear, constrói-se como um todo coerente, como uma unidade, dando forma assim a uma determinada visão de mundo”.

Já a determinação das operações lógicas-mestras da inteligibilidade exprime o sentido de que:

O paradigma está oculto sob a lógica e seleciona as operações lógicas que se tornam ao mesmo tempo preponderantes, pertinentes e evidentes sob seu domínio [...] É ele quem privilegia determinadas operações lógicas em detrimento de outras, como a disjunção em detrimento da conjunção; é o que atribui validade e universalidade à lógica que elegeu (MORIN, 2000, p. 25).

As duas peculiaridades abordadas por Morin (2000) têm como objetivo mostrar como os conceitos se interligam dentro dos paradigmas estudados.

A partir da visão dos autores, Morin (2000) e Kuhn (1998), compreende-se o processo paradigmático como algo complexo, no sentido de construir conceitos e métodos para um padrão de uma estrutura a ser analisada.

Com o entendimento dos autores podemos ver a importância deles para a evolução do pensamento crítico, entretanto, essa criticidade abordada não se faz presente apenas no meio científico, há dentro das esferas sociais, instituições que possuem seus modelos definidos em prol dos grupos sociais que utilizam de suas expertises e peculiaridades.

As mudanças de paradigmas não ocorrem a partir de grandes acontecimentos, porém, são por meio dessas mudanças sociais, tecnológicas, de pensamentos e comportamentos no qual a instituição está inserida. As transformações paradigmáticas nos ambientes informacionais e de memória também passam por esse processo de entendimento e compreensão social. Esse pensamento fica bem claro quando os autores Santos; Lima; Soares (2015, p. 8) afirmam que:

Desdobrando-se a questão para o âmbito da cultura de guarda arquivística memorial observa-se que não houve a eliminação do velho paradigma [...], por um novo. Ocorreram descontinuidades de alguns processos sociais, e, a ressignificação de outros, modelados por abstrações humanas pertinentes à conjuntura vigente.

Dentro dos sistemas de informação e memória não são diferentes, temos as instituições que trabalham com a guarda, organização e difusão de informações possuindo suas estruturas definidas. No trato dessas instituições dois paradigmas envolvendo a Ciência da Informação se destacam, são eles o modelo Custodial e o Pós-Custodial. O primeiro modelo aborda “a perspectiva da memória advinda [...], das práticas custodiais ligadas às antigas instituições de memória, como as bibliotecas, arquivos e museus” (SILVA *et al.* 2018, p. 95).

O paradigma custodial e patrimonialista desenvolveu-se, sobretudo, a partir de uma formação localizada e centrada no *locus* profissional (Arquivos, Bibliotecas e Museus), com suas tarefas e exigências práticas que se sobrepunham a eventuais preocupações teóricas e reflexivas (SILVA, 2009, p. 78).

O período custodial dos acervos não era apenas por guarda e preservação dos documentos que “pertenciam” as bibliotecas, arquivos e museus, porém, era uma questão de restrição de acesso. Mesmo depois da Revolução Francesa onde o acesso as produções textuais deveria ter sido liberado para toda a sociedade, por muito tempo ainda possuía restrições ao acesso.

As restrições eram uma forma não velada, entretanto, as estruturas físicas das instituições juntamente com as normas e políticas institucionais eram planejadas para que alguns grupos sociais com características específicas não fizessem o uso dos espaços, nem tão pouco dos acervos.

Mesmo entendendo que “as instituições patrimonialistas e culturais nasceram vocacionadas para incorporar a produção intelectual e político-administrativa de um

povo, em suma, os testemunhos escritos da sua identidade para uma partilha coletiva” (SILVA, 2009, p. 84), essa coletividade era restrita por justamente se ter um pensamento de que a partir do momento em que toda a sociedade pudesse ter acesso aos conteúdos informacionais; conhecimentos sobre cultura, história e filosofia trariam pensamentos de críticos e as classes inferiorizadas tomariam consciência do seu poder de atuar nas decisões do coletivo.

Dessa forma, as transições acontecem justamente no período em que os movimentos europeus culminaram nos tombamentos de patrimônios, principalmente no Período da Revolução Francesa, com a chegada do iluminismo dando outro significado político (Choay, 2014). Com isso, foi tirado o foco dos monumentos eclesiásticos e transferidos para todos os patrimônios nacionais para que ocorresse a preservação desses espaços. De fato, a Revolução Francesa passou a atuar efetivamente por meio das ligas insurgentes na conservação patrimonial. Começando com apontamentos das instituições eclesiásticas e transferindo para o estado, isso se deu por conta dos altos índices de vandalismo ocorridos nos embates e manifestações no período revolucionário, na qual as propriedades patrimoniais passaram a ser alvo (Choay, 2014).

Assim, precisou-se instaurar no período da monarquia constitucional, uma junta institucional que passou a resguardar todos esses patrimônios físicos que faziam parte da memória francesa. Entretanto, nesse mesmo momento histórico muitos dos bens que pertenciam a essas instituições haviam sido comercializados devido às crises financeiras que assolavam a sociedade. Para Choay (2014), nesse período os museus passaram a ser organizados e pensados para o fomento de diversas formas de aprendizagem, como: conhecimento a civilização da própria França e seu passado, artes e filosofia, porém, as questões financeiras governamentais não permitiram que a ideia tivesse êxito.

Com isso, os períodos da Revolução Francesa foram de grande importância para as construções da ideia de acesso aberto às instituições de memória e informação para as camadas sociais anteriormente desassistidas, o movimento impulsionado pela burguesia fez com que o acesso saísse das mãos do rei e do clero, todavia foram apenas na Revolução industrial que realmente os povos das camadas mais inferiores puderam ter acesso as instituições de memória.

Entendendo a história das instituições de memória e informação após a Revolução Francesa, percebe-se a dinâmica da interação parcial dessas instituições com os públicos. Permanecendo dessa forma, por muitos anos.

Nos dias atuais ainda encontramos algumas instituições com esses traços, contrariando assim o espírito revolucionário de igualdade de direitos e acesso a toda informação social produzida, dessa forma, os centros de informação que atuam dessa maneira têm como discurso a priorização da guarda do patrimônio para a preservação cultural e histórica dos documentos, evitando assim, sua degradação (SILVA, 2009).

As desigualdades de acesso à informação em relação às bibliotecas na época do paradigma custodial é descrita por Silva (2009) da seguinte forma:

Nessa *má biblioteca*, os catálogos devem estar divididos ao máximo, separando-se com cuidado o catálogo dos livros do das revistas e levando o capricho ao extremo de manter ortografias antigas e estranhas; os temas devem ser escolhidos pelo bibliotecário a demora na entrega do livro deve ser muito prolongada [...] só pode ser entregue um livro de cada vez; deve ser desencorajada a leitura cruzada de vários livros porque causa estrabismo; a ausência de máquinas fotocopadoras deve ser total (SILVA, 2009, p. 82).

As mesmas limitações eram estendidas aos museus e arquivos. Os ricos possuíam seus próprios acervos particulares, porém a realidade da maioria dos grupos sociais que eram compostos por trabalhadores industriais, não possuía condições nem tempo para o uso dos espaços. Deste modo, o envolvimento de questões políticas no âmbito das restrições de uso dos ambientes e das coleções disponíveis passa a ser compreensível.

Sobre essas coleções, desde a antiguidade, percebe-se que as bibliotecas possuem uma grande dificuldade em organizar seus acervos, visto que realmente o objetivo era apenas a busca por conhecimento, portanto, adquirindo o maior volume de obras que fosse possível.

Segundo Vergueiro (1997), somente a partir da década de 1970 no Brasil, passou-se a ter uma preocupação maior no que se diz respeito à qualidade e melhoria dos acervos vigentes. A partir do momento que houve uma grande demanda de informação em diversos suportes surgiu a necessidade de organização para que cada usuário obtivesse a informação que realmente necessitava. Foi-se criando desde então métodos e estratégias de selecionar e adquirir acervos que interessassem o público alvo das instituições. Surge o desenvolvimento de coleções. Entretanto, essas formas de

organizar as coleções dentro das instituições de memória e informação mantinham um rigor característico das práticas de organização para a guarda do conhecimento.

A real necessidade dos usuários para Vergueiro (1989) envolve o processo de desenvolvimento de coleções, que vai além de adquirir, selecionar e organizar as obras. Torna-se um processo ininterrupto e formado por etapas cíclicas, são elas: estudo de comunidade, políticas de seleção, seleção, aquisição, desbastamento, avaliação e descarte.

Os profissionais que trabalhavam com a informação no período custodial necessitavam refletir sobre o papel dessa atividade, onde a formação e desenvolvimento de coleções não era um processo isolado, pois, ele interagia e interage com todos os setores da biblioteca, principalmente com o serviço de referência, que é onde ocorre o contato com os usuários. É nesse setor que podem ser diagnosticadas carências informacionais, dificuldades de suprimento de conteúdos demandados e desejos de conhecimentos novos por parte dos usuários que a biblioteca ainda não possuía. Havia uma preocupação com o desenvolvimento de coleções em ambientes físicos e seus diferentes suportes, porém, para a preservação e guarda.

Abaixo segue os traços do Paradigma Custodial descritos por Silva e Ribeiro (2011).

Quadro 1-Traços essenciais do Paradigma Custodial

TRAÇOS DO PARADIGMA CUSTODIAL
Sobrevalorização da custódia ou guarda, conservação e restauro do suporte, como função basilar da atividade profissional de arquivistas e bibliotecários.
Identificação do serviço/missão custodial e pública de arquivo e de biblioteca, com a preservação da cultura “erudita”, “letrada” ou “intelectualizada” (as artes, as letras e as ciências), em antinomia mais ou menos explícita, com a cultura popular, “de massas” e de entretenimento;
Enfatização da memória como fonte legitimadora do Estado-Nação e da cultura como reforço identitário do mesmo Estado e respectivo Povo, sob a égide de ideologias de viés nacionalista;
Importância crescente do acesso ao “conteúdo”, através de instrumentos de pesquisa (guias, catálogos e índices) dos documentos e do aprofundamento dos modelos de classificação e indexação, derivados do importante legado tecnicista e normativo dos belgas Paul Otlet e Henri La Fontaine, com impacto na área da documentação científica e técnica, possibilitando a multiplicação de Centros de Serviços de Documentação/Informação, menos vocacionais para a custódia e mais para a disseminação informacional;
Prevalência da divisão e assunção profissional decorrente da criação e desenvolvimento dos serviços/instituições Arquivo e Biblioteca, indutora de um arreigado e instintivo espírito corporativo que fomenta a confusão entre profissão e ciência (persiste a ideia equivocada de que as profissões de arquivista, de bibliotecário e de documentalista geram, naturalmente, disciplinas científicas autônomas como a Arquivística, a Biblioteconomia ou a Documentação.

Fonte:(SILVA; RIBEIRO, 2011 p. 34-35).

Ao longo do século XIX, os especialistas das instituições de memória precisaram compreender seus espaços, as necessidades dos acervos e do público que atendiam. Otlet em seu livro *Traité de Documentation* (1934) aborda três necessidades importantes para que esses profissionais entendam a proposta nas quais suas instituições necessitariam focar para atender tais demandas.

A primeira seria a motivação intelectual onde a instituição de memória e informação é colaboradora na produção da ciência e intelecto da sociedade; a segunda é a motivação técnica que entende que para estabelecer serviços, atendimentos e materiais de qualidade precisa-se de uma equipe de profissionais preparados e qualificados e bons equipamentos para a divulgação e atendimento; a terceira passa a ser a motivação social onde os profissionais assimilam que o documento, o serviço e as atividades desenvolvidas são para a sociedade, com isso, tudo o que se pretende ser pensado precisaria ser acessível ao externo.

Ao analisar as três motivações abordadas por Otlet, passa-se a compreender que o autor já mostrava aos profissionais da informação da época a necessidade de adequação dos centros de informação e memória de adequarem seus serviços às reais necessidades dos usuários, no qual eram os reais utilizadores dos documentos salvaguardados pelas instituições.

Dessa maneira, afirmando que além das bibliotecas, arquivos e museus serem instituições de memória, elas passam a ser espaços sociais, onde os profissionais que atuam em suas dependências passam a ser mediadores entre a informação e o usuário não intervindo na construção do pensamento, mas, propondo novas formas de acesso e uso informacional dos materiais produzidos e disseminados por meio dessas instituições. Se faz necessário manter uma neutralidade moral no acompanhamento técnico para que o usuário possa construir suas opiniões literárias a partir das suas vivências sem interrupção de terceiros.

O bibliotecário, arquivista e documentalista cai dentro, claramente, da categoria de mediador, não exatamente como o jornalista, que se posiciona entre o acontecimento e os membros de uma comunidade partilhando com estes a sua representação do acontecido e influenciando, inevitavelmente, a gênese e a evolução de uma opinião pública, mas podendo, também, interferir e a interferência pode ser incisiva junto de crianças, de adolescentes e de jovens, orientando as suas leituras, audições musicais, preferências estéticas, etc. (SILVA, 2009, p. 86).

O entendimento de mediação da informação por meio dos profissionais que atuam dentro das instituições de memória informacional foi de grande valia para abrir os horizontes da informação como um fator de interação social, para compreender a importância dos agentes na organização e busca acessível dos conteúdos dentro das coleções existentes. Entende-se por mediação na visão de Silva (2009, p.70):

É o elo entre o enunciador e o destinatário pelo qual se fundam e garantem a coerência e a continuidade institucionais da comunicação. A mediação manifesta-se na emergência de uma linguagem, de um sistema de representações comum a toda uma comunidade, a toda uma cultura.

Contudo, necessitaria novas visões e formas de utilização da informação para que as sociedades pudessem acessar os conteúdos de uma forma democrática e participativa. No começo do século XX, com o surgimento de novas tecnologias e a produção de conteúdos colaborativos entre profissionais das ciências, passou-se a ser repensada a questão do acesso à informação para todos, como seria a guarda e o armazenamento das produções tanto científicas quanto sociais que as civilizações estavam formando. A partir dessas indagações e movimentos de conscientização surge outra visão sobre as instituições e sobre a ciência.

A tecnologia passa a estar imbricada em diversos seguimentos sociais, econômicos e governamentais. É responsável por dar suporte aos diversos processos de trabalho e de produção, além de influenciar tendências na vida cotidiana (MACHADO; VIANA; MATIAS, 2020, P. 7).

Com o crescente número de informações pós-guerras e com a chegada da internet os profissionais bibliotecários, arquivistas e museólogos precisaram enxergar suas coleções, documentos e suportes de outra forma, ou seja, a compreensão de que o usuário não é apenas um consumidor de informação, mas um interagente que usufrui e produz mais conteúdos, passou a ser analisada.

As redes sociais de interação, as pesquisas colaborativas e a democratização do pensamento crítico social fizeram com que não apenas fossem reproduzidas as opiniões e pesquisas científicas, mas, criados conceitos novos e repensados conteúdos anteriormente não aceitos. Percebe-se com isso a chegada do paradigma Pós- Custodial, nas quais questões, como: coleta, produção, organização para uma melhor divulgação, acesso e uso passaram a ser consideradas nas estruturas das instituições de memória e informação.

A partir do desenvolvimento de coleções em um local com o fluxo e concentração de informações crescentes a cada dia juntamente com as tecnologias,

passaram a serem pensadas novas estruturas de bibliotecas que pudessem atender as demandas trazidas juntamente com o período pós-custodial. Desse modo novas formas de pensamento sobre informação, usuário, coleções e o profissional como mediador dentre eles foram inseridas.

Com o surgimento das tecnologias da informação durante a Segunda Guerra Mundial e da Ciência da Informação, fundamentaram-se novos estudos para várias áreas do conhecimento, como: a Sociologia, a Filosofia e a Ciência da Computação. Com isso, a informação se consolidou como a ponte para o conhecimento dentro da sociedade.

Le Coadic ressalta:

Seja pelo simples prazer de conhecer (Freud), de estar informado sobre os acontecimentos políticos, os progressos da ciência e da tecnologia, ou pelo prazer menos simples de estar a par dos últimos temas e resultados das pesquisas (fatos, teorias, hipóteses, etc.), de acompanhar a vanguarda do conhecimento científico, o objetivo da informação permanece sendo a apreensão de sentidos ou seres em sua significação, ou seja, continua sendo o conhecimento; e o meio é a transmissão do suporte, da estrutura (LE COADIC, 1996, p. 5).

A partir disso, evidencia-se que, independente da forma, conteúdo, suporte, ou finalidade, a informação representa progresso, ou seja, desenvolvimento do saber humano.

Tratada como matéria prima das mais variadas áreas, a informação visa, sobretudo, a produção, armazenamento e disseminação de conhecimento. Ao longo dos anos e com os avanços trazidos pela tecnologia, do paradigma pós- custodial, a visão sobre a importância da informação cresceu, fazendo com que Paul Otlet, pensasse no conhecimento como uma forma corporativa. Crendo que seria possível o indivíduo desenvolver coleções de dados e transmiti-los para que outros tivessem o mesmo conhecimento ao mesmo tempo por meio de algum sistema interligado, surgindo assim uma teia informacional.

Com a visão de Otlet sobre a informação de uma forma corporativa e redes comunitárias e a coletividade trazida pela internet à necessidade dos usuários por informação mudou. A forma de organizar as coleções nas bibliotecas, arquivos e museus tomou outro sentido. Passando de guardiões da informação e detentores dos conjuntos de informações para disseminadores e mediadores do conhecimento.

O papel de mediação assumido pelos bibliotecários e pelos arquivistas está, hoje, fortemente condicionado e tensionado pela influência e pelo poder dos informáticos, que, efetivamente, controlam o processo tecnológico e o

desenho e fixação no *software* dos metadados (elementos descritivos que foram, durante décadas, atributo exclusivo dos profissionais) (SILVA, 2009, p. 94).

Ainda para Silva (2009), são esses profissionais que “modelam ativamente a interação reativa (mediada por computador)” adaptando as informações disponibilizadas nas plataformas de uma forma que seja compreensível para que os interagentes encontrem as informações que buscam e interajam com as máquinas (computador) sem grandes dificuldades.

As indagações sobre como o processo migratório do antes físico possivelmente passaria ao digital e onde os documentos ficariam disponibilizados para o acesso, tornaram-se freqüente no meio dos bibliotecários, arquivistas e museólogos. Com isso, passam a serem incluídos também dentro dos espaços digitais, documentos arquivísticos, coleções de fotografia digitalizadas, peças de museus fotografadas e também digitalizadas, entendendo que cada instituição esteja de posse de suas plataformas, gerenciando suas coleções de acordo com o público alvo.

A partir dessas buscas por técnicas que suprissem as necessidades dos bibliotecários e suas novas dificuldades frente aos novos formatos dos suportes informacionais, houve a ânsia de buscar em outras áreas práticas que pudessem ser readequadas a Ciência da Informação.

Correa e Santos abordam essas mudanças da seguinte forma:

Todo este cenário resultou em uma proposta diferenciada de formação profissional, voltada às questões tecnológicas demandadas pela Sociedade da Informação culminando, já na entrada do século XXI, em alterações curriculares nos cursos de graduação [...]. Esse movimento gerou também a criação de cursos de graduação com nomenclaturas diferenciadas, que se propunham a formar um profissional mais adequado em tempos de informação eletrônica (CORREA; SANTOS, 2015, p. 2).

Essa nova formação trazida pelas autoras ganha peso fazendo com que muitos cursos adquiram técnicas da administração para a formulação da disciplina de formação e desenvolvimento de coleções para o trabalho nos centros de informação e memória, passando assim a entender melhor a gestão de estoques de informação dentro dos ambientes informacionais.

Essa necessidade de um novo conceito deu-se pelas novas demandas tecnológicas. Segundo Correa e Santos (2015, p. 6) “A ideia de estoque remete ao

conceito de materiais cuja aquisição e manutenção envolve recursos que possuem valores e por isso não devem em hipótese alguma permanecer ociosos”. Mesmo no contexto das plataformas digitais criadas pelas instituições há a necessidade de que os materiais sejam utilizados pelos interagentes que acessem os sites institucionais.

Nesse sentido, a informação bem como o estoque de informação tem que manter-se em movimento dentro dos centros de informação, cultura e memória tornando-se assim, um ambiente informacional que possa ter algum desenvolvimento visível para a instituição, ou meio na qual está inserido juntamente com a ciência.

Porém, Correa e Santos salientam que:

Na sociedade atual, esta deve acontecer em níveis muito mais elevados. As unidades de informação atuais, bem como seus gestores precisam atentar para o fato de que hoje os “usuários” são também co-autores de boa parte da informação, interagindo em seus processos de criação e fluxo, especialmente no ambiente digital (CORREA; SANTOS, 2015, p. 8).

Assim como as coleções impressas, as digitais também merecem atenção e planejamento, para isso necessita que os profissionais conversem com outras áreas, pois, disponibilizar as coleções em bases específicas necessita de um planejamento que vai além das competências de organização e gerenciamento, como a especificação de software e hardware apropriado para a demanda das bases onde essas coleções digitais serão anexadas.

Anna (2015) explica que também devemos nos preocupar com o planejamento do processo de digitalização, pois, requer conhecimentos internos e externos à organização, ou seja, é necessário conhecer todo o material de trabalho para saber as condições adequadas para o desenvolvimento das coleções digitais.

Com essas afirmações, Correa (2013, p. 2) constata que:

Gerenciar estoques de informação implica [...] na elaboração de planos de metas e objetivos de desenvolvimento e expansão do acervo, levando em consideração tanto os objetivos da instituição mantenedora da unidade de informação (U.I.), a missão [...], quanto a demandas reais e potenciais de sua clientela.

Esse gerenciamento de estoques passa a gerar, além de renda para a instituição por meio dos interagentes ou clientes (como as autoras identificam os utilizadores dos ambientes físicos e digitais das instituições) que utilizem suas informações tanto nas

coleções físicas quanto nas digitais, bem como, uma circulação maior da informação que nos leva a uma demanda maior de sua produção.

Todas essas questões ligadas aos processos tecnológicos, gerenciais que focam nas construções de meios que ligam a informação e os usuários fazem parte de um novo contexto. Por meio desse direcionamento no comportamento dos grupos sociais que utilizam as plataformas para o desenvolvimento de novas pesquisas, portanto, ocorre à valorização da informação e a contribuição dos conteúdos para a sociedade e os seus fenômenos.

Logo, essas características surgem com o desenvolvimento do paradigma Pós-Custodial, que tem por base a prioridade ao acesso informacional, mudança das atividades dos profissionais, etc. Segue abaixo um quadro com os traços essenciais do Paradigma Pós-Custodial elencados pelos autores Silva e Ribeiro (2011).

Quadro 2- Traços essenciais do Paradigma Pós- Custodial

TRAÇOS DO PARADIGMA PÓS- CUSTODIAL
Valorização da informação enquanto fenômeno humano e social, sendo a materialização num qualquer suporte um epifenômeno;
Constatação do incessante e natural dinamismo informacional, oposto ao “imobilismo” documental, traduzindo-se aquele pelo trinômio criação-seleção natural versus acesso-uso, e o segundo, na antinomia efêmero versus permanência;
Prioridade máxima dada ao acesso à informação, por todos em condições bem definidas e transparentes, pois só o acesso público justifica e legitima a custódia e a preservação;
Imperativo de indagar, compreender e explicitar (conhecer) a informação social, através de modelos teórico-científicos cada vez mais exigentes e eficazes, em vez do universo rudimentar e fechado da prática empírica composta por um conjunto uniforme e acrítico de modos/regras de fazer, de procedimentos só aparentemente “asséptivos” ou neutrais de criação, classificação, ordenação e recuperação;
Alteração do atual quadro teórico-funcional da atividade disciplinar e profissional por uma postura diferente, sintonizada com o universo dinâmico das Ciências Sociais e empenhada na compreensão do social e do cultural, com óbvias implicações nos modelos formativos dos futuros profissionais da informação;
Substituição da lógica instrumental, patente nas expressões “gestão de documentos” e “gestão da informação”, pela lógica científica compreensiva da informação na gestão, isto é, a informação social está implicada no processo de gestão de qualquer entidade ou organização e, assim sendo, as práticas informacionais decorrem e articulam-se com as concepções e práticas dos gestores e actores e com a estrutura e cultura organizacionais, devendo o cientista da informação, em vez de, ou antes, de estabelecer regras operativas, compreender o sentido de tais práticas e apresentar dentro de certos modelos teóricos as soluções (retro ou) prospectivas mais adequadas.

Fonte: (SILVA; RIBEIRO, 2011 p. 58-60).

Necessita-se entender, contudo, que nem todos os países tiveram a experiência de passar para o Paradigma Pós-Custodial devido ao processo de transformação para a Era da Informação, esse processo tornasse lento devido a uma série de fatores sociais,

econômicos, culturais e políticos que acabam por retardar essa demanda de crescimento informacional. “No entanto, cada vez mais se percebe que cada país, na atual Era da Informação, precisa de uma estratégia bem definida que permita relançar e ajustar à infraestrutura tecnológica disponível as suas políticas de informação” (SILVA; RIBEIRO, 2011, p. 60-61).

Com o surgimento do paradigma pós custodial, novas fontes e tecnologias de informações passaram a integrar o sistema social, induzindo diretamente na produção, divulgação e consumo de produtos, mudando e moldando, dessa forma, as estruturas culturais e modo de vida dos seres humanos.

2.1 DA REVOLUÇÃO COMUNICACIONAL ÀS TRANSFORMAÇÕES TECNOLÓGICAS: O INÍCIO DA CULTURA DIGITAL.

Gostaríamos de destacar que este capítulo aborda o surgimento e desenvolvimento, da transformação e dos modelos de informação representados pelos paradigmas da CI e da comunicação ao longo das décadas, tais modelos atendem as demandas das sociedades capitalistas e governos voltados a pratica do investimento e consumo.

A partir dos estudos de Castells (2020), onde o autor aborda as revoluções, as tecnologias da informação estruturam as práticas sociais e as visões de crescimento, e passamos a compreender a comunicação informacional, tomando rumos voltados ao impacto na economia, por meio das interações sociais e os estudos das culturas em seus diferentes tipos.

Um paradigma econômico e tecnológico é um agrupamento de inovações técnicas, organizacionais e administrativas inter-relacionadas cujas vantagens devem ser descobertas não apenas em uma nova gama de produtos e sistemas, mas também e, sobretudo na dinâmica de estrutura dos custos relativos de todos os possíveis insumos para a produção. Em cada novo paradigma, um insumo específico ou conjunto e insumos pode ser descrito como o fator-chave desse paradigma caracterizado pela queda dos custos reativos e pela disponibilidade universal. A mudança contemporânea de paradigmas pode ser vista como uma transferência de uma tecnologia baseada principalmente em insumos baratos de energia para uma outra que se baseia predominantemente em insumos baratos de informação derivados de avanços da tecnologia em microeletrônica e telecomunicações (FREEMAN,1988, p. 3).

A partir desse novo paradigma, novas estruturas de pensamento, mecanismos e produtos passaram a ser gerados de acordo com as necessidades dos grupos sociais, levando em conta as crenças, desenvolvimento político e econômico que permeiam. É importante ressaltar a identificação os fluxos de conteúdos informacionais crescentes de acordo com cada período histórico. Segue abaixo uma linha do tempo com as características de desenvolvimento tecnológico informacional.

Figura 01- Linha do tempo dos desenvolvimentos tecnológicos.



Fonte: CASTELLS, 2020.

A Revolução Comunicacional trata desse processo de entendimento onde “não necessita haver a centralidade do conhecimento e da informação, porém, a utilização para a geração de conhecimentos e dispositivos móveis de processo/comunicação” (CASTELLS, 2020, p.88) base sustentada nos dias atuais.

A partir desses raciocínios, as sociedades passaram a compreender as tecnologias da informação como fontes de conhecimento para novas práticas que poderiam beneficiar o desenvolvimento socioeconômico, assim sendo, todas as demais revoluções que surgiram posteriores a ela (Revolução Comunicacional), tiveram como visão a produção para o mercado. Foi o que aconteceu com a Revolução industrial, “apesar de não se basear em ciência, apoiava-se em um amplo uso de informações, aplicando e desenvolvendo os conhecimentos preexistentes.” (CASTELLS, 2020, p.88) que devido as suas produções tecnológicas alguns historiadores a dividiram em duas revoluções.

A primeira teve início em meados do século XVIII, com a chegada das máquinas a vapor, a fiadeira, novos maquinários no setor metalúrgico, e a característica principal, a substituição das ferramentas e manuais por máquinas nas indústrias gerando assim,

um alto índice de desempregos nas grandes capitais. Após cem anos dessas tecnologias surge à segunda revolução industrial com novas informações, novas visões e outras estruturas de mercado e avanços sociais dando alusões aos desenvolvimentos de eletricidade, produtos químicos, chegada do telégrafo e posteriormente a do telefone, dando início a outras construções de conhecimento e formas de consumo (CASTELLS, 2020).

O crescimento informacional e novas inteligências voltadas para a informação evoluíram significativamente após as duas segundas guerras mundiais que ocorreram no século XX, com a grande demanda de dados e informação que circularam nas sociedades durante os períodos e do fim da segunda guerra dando início a Revolução Eletrônica e Informacional.

Nesse período surgiu como forma de organização das informações, geradas nesse período, dispositivos que facilitavam o acesso de cientistas e pesquisadores. Em meados do ano de 1945 o cientista e engenheiro Vannevar Bush escreve um artigo onde retrata a necessidade da criação de um aparelho que armazene conteúdos informacionais para ser acessado pelos pesquisadores instantaneamente. Surgiu, assim, o Memex que segundo Kripka; Viali e Lahm (2016, p. 63), passou a possibilitar:

A busca por associação, que se constitui na sua principal ideia inovadora, onde seria possível o acesso automático de um documento a outro associado, o que remetia à ideia do hipertexto, como o que foi desenvolvido posteriormente. Referiu-se à construção de trilhas de interesse, no processo de armazenamento de materiais, que possibilitassem o resgate do documento por associações.

Pode-se caracterizar esse equipamento como um tipo de biblioteca que possuiria textos, imagens, etc. O acesso segundo Buch aconteceria a partir de trilhas, como a mente humana.

Que para os Kripka; Viali e Lahm (2016, p. 66):

A possibilidade de existência de um processo mecânico que simulasse o complexo funcionamento neural do cérebro e dos processos de associação de ideias, para resolver o problema de armazenamento e de acesso à grandes quantidades de informações, geradas por meio de processos científicos, ou não, na construção do conhecimento.

Em outrora essa característica dos pensamentos de Buch cruzam com a intencionalidade da informação, onde visam o estudo do funcionamento cognitivo na construção dos processos de busca da informação ainda na mente do usuário, para melhor organização das estruturas de plataformas e sites com a intenção de facilitar o acesso das informações ali disponíveis.

Com o surgimento do controle de tráfego aéreo, produção em massa de antibióticos e a chegada do computador como marco principal do século. A partir dessas revoluções outras tecnologias foram surgindo aprimorando a utilização de aparelhos, o seguimento de uso e acesso da informação.

Cada grande avanço em um campo tecnológico específico amplifica os efeitos das tecnologias da informação conexas. A convergência de todas essas tecnologias eletrônicas no campo da comunicação interativa levou a criação da internet, talvez o mais revolucionário meio tecnológico da Era da Informação (CASTELLS, 2020, p.100).

A internet deu-se a partir das iniciativas de instituições de pesquisa e defesa dos estados na década de 1960 com o intuito de resistir a conflitos militares, sendo no começo uma tecnologia alternativa para compartilhamentos de pacotes informacionais em rede. Porém, foi no começo da década de 1990 que a internet passou a tomar uma amplitude social e ser utilizada para outros fins, criando assim, a interação de usuários para usuários e com diversos tipos de conteúdos.

No começo dessa mesma década surgiu a *World Wide Web*. “Na realidade, a WWW é um espaço que permite a troca de informações multimídia (texto, som, gráficos e vídeo) por meio da estrutura da internet. É uma das formas de utilização da rede, assim como o e-mail (correio eletrônico), o FTP (*File Transfer Protocol*) ou outros menos conhecidos atualmente” (MONTEIRO, 2001, p. 29). Para o autor a internet se tornou o meio de comunicação mais utilizado da atualidade, criando com isso, novas formas de cultura. Foi por meio da internet que novas tecnologias de rede e comunicação se fixaram como suporte para acesso e uso da informação.

Na década de 1970 surge a Biotecnologia como um divisor de águas dentro das ciências biológicas, a utilização de tecnologias voltadas para o desenvolvimento de pesquisas e o aprofundamento do ser humano, tais como: qualidade de vida, reprodução, clones de animais com o intuito de chegar à clonagem de órgãos humanos, levando-nos a compreender que todas as pesquisas fomentadas pela biologia são focadas para a saúde e qualidade de vida da humanidade.

É necessário reconhecer que a evolução biológica humana, agora melhor entendida em termos culturais, impõe à humanidade- a nós- a conscientização de que ferramentas e máquinas são inseparáveis da evolução da natureza humana. Também precisamos perceber que o desenvolvimento das máquinas,

culminando com o computador, mostra-nos, de forma inevitável, que as mesmas teorias úteis na explicação do funcionamento de dispositivos mecânicos também têm utilidade no entendimento do animal humano- vice-versa, pois a compreensão do cérebro humano elucida a natureza da inteligência artificial (MAZLISH, 1993, n.p).

Considerando a perspectiva de países desenvolvidos, as transformações tecnológicas acontecem por meio da interação, estado, universidade e empresas, onde cada um deles possui importante relevância no desenvolvimento, incentivo e políticas. Para Kirst (1996, p. 93) “o Estado é provedor de recursos financeiros e formulador de política tecnológica. A Universidade e a Empresa promovem o desenvolvimento tecnológico por meio de instituições e departamentos empresariais de pesquisa e extensão” fazendo com que as empresas invistam nas tecnologias que serão utilizadas não apenas por clientes, mas por todo o público na qual tem interesse, quanto mais bem desenvolvido o produto com mais rapidez será consumido.

Porém, na opinião do autor nos países subdesenvolvidos “o que se verifica é uma ‘dependência tecnológica’. Frequentemente, as tecnologias importadas são inadequadas necessitando periodicamente de correções de rumo, o que agrava cada vez mais a dependência” (KIRST, 1996, p. 93). Com o surgimento do uso da internet e as transformações tecnológicas, novos meios de buscas, navegadores, sites, redes sociais, e produtos de acessibilidade passaram a conectar usuários com a informação por meio da geração de cruzamentos de dados, para que com isso, as expectativas do estado, empresa e universidade pudessem ser alcançadas, o que seria a retirada dos usuários da posição de meros receptores informacionais para interagentes da informação.

Dessa forma a importância da tecnologia nas revoluções históricas envolve toda a economia por meio da produtividade e gerenciamento de novos produtos de consumo acompanhando o crescimento da mão de obra e globalização do mercado. Surgindo então, novas formas de culturas institucionais onde de acordo com Castells (2020, p. 217) “cultura nessa estrutura analítica, não deve ser considerada um conjunto de valores e crenças ligadas a uma determinada sociedade [...] a economia informacional, como acontece com todas as formas de produção historicamente distintas, é caracterizada por cultura e instituições específicas”. Essa cultura abordada pelo autor salienta o processo organizacional e de produção dos setores empresariais surgindo uma matriz a ser seguida (CASTELLS, 2020).

Partindo da compreensão do processo histórico-cultural dos desenvolvimentos tecnológicos surgidos ao longo do tempo e pontuando as transformações paradigmáticas

da informação e suas novas formas de divulgação é que as culturas que surgem a partir das técnicas desenvolvidas, passam a fazer parte do coletivo que agrega valor atuando como ser cognitivo na quebra dos paradigmas tecnológicos.

Com a visão paradigmática e suas mudanças ao decorrer da história da informação, a autora Santaella (2003) renomeia esses paradigmas como períodos culturais, dividindo os momentos históricos ao qual cada um se relaciona.

Sobre cultura, Taylor (1878) afirma que tudo aquilo que está fora do ser humano, que não é transmitido por genética, sendo todo um conjunto que inclui crenças, valores, moral, costumes, conhecimento e tudo o que o homem faz como produto para um meio é cultura. Sendo possível um único ser humano conhecer e interagir com diversos tipos de “culturas” já que “nossas sociedades se interconectaram globalmente e tornaram-se culturalmente inter-relacionadas” (CASTELLS, 1999, p. 19). Dessa forma, uma pessoa não pode ser classificada como parte de apenas uma cultura, porém de várias, diferentemente muitas vezes não aparentando as semelhanças entre elas (TILIO, 2009).

Com isso, as divisões de Santaella (2003) não foram feitas abruptamente, muito pelo contrário, essas transições foram realizadas sutilmente a partir das novas práticas sociais e as novas demandas que foram surgindo com as práticas sociais. Desde o surgimento do papiro até as novas tecnologias surgidas, como tabletes, computador, celular, etc. Houve mudanças paradigmáticas necessárias para a construção de novos pensamentos.

As seis divisões culturais abordadas pela autora mostram pontualmente essas mudanças e transformações culturais. São elas: a cultura oral, a cultura escrita, a cultura empresa, a cultura de massa, a cultura das mídias e a cultura digital. Seguem os desenvolvimentos tecnológicos que se agregam à essas culturas.

Quadro 3- Divisões culturais e desenvolvimentos tecnológicos da informação.

Culturas	Desenvolvimentos tecnológicos de cada cultura.
Cultura oral	Toda a transmissão informacional era repassada através da oralidade. Conversas, contações de histórias, etc. Para Zumber (1987) essa cultura fazia parte das sociedades nos tempos que as mesmas eram desprovidas todo o sistema de simbolização gráfica e nos grupos sociais isolados e analfabetos. Há civilizações que possuem esse tipo de cultura nos dias atuais.
	As sociedades viram a necessidade de registrar o seu cotidiano, suas historias e seus conhecimentos para as gerações futuras, como forma de assegurar as

Cultura escrita	tradições dos grupos sociais. Surgindo, assim, a escrita em paredes, pedras e papiros, ao longo dos séculos surgiram outras tecnologias utilizadas nos dias de hoje, como: papel, blocos de notas dos celulares, etc. A escrita é uma cultura que continua fortemente. “Ela sobrevive na imaginação visual da profusão dos tipos gráficos hoje existentes. Sobrevive ainda nos processos diagramáticos do jornal, na visualidade da poesia, no design atual de páginas da Web” (SANTAELLA, 2003, p. 26). Nessa cultura surgiram os livros, as bibliotecas, as tiragens eram com poucos exemplares e não eram todos os indivíduos que tinham acesso aos mesmos.
Cultura impressa	Marcada com a invenção da imprensa de Gutenberg, alto crescimento e circulação de livros, revistas e jornais. “Em decorrência da invenção da prensa tipográfica pôde-se observar: a baixa do preço dos livros; uma relativa popularização do objeto; mudança interior nas práticas de leitura; reorganização do espaço gráfico [...] passagem de uma leitura oralizada para uma leitura silenciosa [...] feita consigo mesmo e para si mesmo” (GUIMARÃES e GONÇALVES, 2013, p. 4).
Cultura de massa	“O termo cultura de massa começou a ser empregado a partir do desenvolvimento das tecnologias de comunicação, que passaram a produzir e disseminar conteúdos e informações padronizados a uma grande quantidade de pessoas de diferentes e distantes regiões” (LUCENA, 2016, p. 281). Período que se destacou com a chegada do telegrafo e telefone, porém teve seu auge com as tecnologias do Radio e televisão. Segundo Lucena (2012, p.43) “Essa revolução tecnológica, aliada a uma economia de mercado, oportunizou o desenvolvimento de uma sociedade de consumo e de uma cultura de massa que se consolidou no século XX”.
Cultura das mídias	A partir da década de 80 passaram a surgir uma grande quantidade de fotocopiadoras, videocassetes, aparelhos para gravação de vídeos, equipamentos do tipo walkman e walktalk. E com o surgimento dessas novas tecnologias a crescente onda de videoclipes, videogames e uma grande ascensão de filmes em VHS para compras e locações, surgimento da TV privada, (SANTAELLA, 2013). Fomentando o capitalismo através dessas novas formas de acesso a informação, cultura e entretenimento.
Cultura digital	Apesar de ser muito confundida com as culturas de mídias e massa, a cultura digital, porém “esta ocorrendo nas convergências das mídias, um fenômeno muito distinto das mídias típicas de cultura das mídias” (SANTAELLA, 2003), essa fala da autora coincide com o posicionamento de Kensk que especifica as características de onde a cultura digital atua e o meio a qual pertence, o autor colabora dizendo: “A Cultura Digital é prioritariamente virtual, acessível pelas

	interfaces que posicionam o usuário em tempos e espaços distintos dos em que seus corpos físicos se apresentam”. (2018, p. 3). A partir dessas duas colaborações chegasse à compreensão que a cultura digital é a cultura da circulação e acesso de informação e conhecimento através das novas mídias.
--	---

Fonte: Zumber (1987); Santaella (2003); Guimarães e Gonçalves (2013); Lucena (2012).

Segundo o quadro acima, as mudanças de culturas são marcadas pelas transmissões e apresentação da comunicação, os aparelhos e técnicas de acesso e disponibilização mudam, porém, o objetivo continua sendo o mesmo, o do acesso à informação.

As divisões abordadas pela autora:

A divisão em seis eras pode parecer excessiva, mas, se não as levarmos em consideração, acabamos perdendo especificidades importantes e reveladoras. Por exemplo: a cultura impressa não nasceu diretamente da cultura oral. Foi antecedida por uma rica cultura da escrita não alfabética. A memória dessas escritas trouxe grandes contribuições para a visualidade da arte moderna (SANTAELLA, 2003, p.26).

Na visão capitalista, cada aparelho tecnológico a ser projetado passa a ser um novo meio que as empresas e organizações possuem para divulgação e consumo de produtos a serem adquiridos pelas sociedades.

Na visão socialista, as transformações tecnológicas surgem com a intenção de divulgação informacional para que todos possam ter acesso à conteúdos, com isso, a criação de fluxos informacionais, onde na concepção de Valentim (2010, p. 13), “os fluxos de informação ou fluxos informacionais se constituem em elemento fundamental dos ambientes informacionais [...] os fluxos informacionais são reflexos naturais dos ambientes ao qual pertencem, tanto em relação ao conteúdo quanto em relação à forma” a partir dessa visão os utilizadores desses fluxos conseguem criar com maior facilidade as teias informacionais entre diferentes usuários que tenham interesses em comum. “A fim de contemplar as mudanças fenomenológicas no âmbito da cultura e da mídia – e o inegável papel da informação e dos seus fluxos na construção dessa “teia” culturais e midiáticas (FEITOSA, 2017, p. 4).

Ao partir desse pensamento, Santaella (2003, p. 25) afirma que o importante são as mensagens e conteúdos trazidos pelas ferramentas “ora, mídias são meio, e os meios como o próprio nome diz, são simplesmente meios, isto é, suportes materiais, canais físicos, nos quais as linguagens se corporificam e por meio dos quais transitam”. Por

essa razão, o veículo, meio ou mídia de comunicação é o componente mais superficial, no sentido de ser àquela que aparece no processo comunicacional.

Como a autora relata “meios são apenas meios”, dando mais sentido a mensagem do que as novas formas tecnológicas, entretanto, os ciclos de cultura que foram descritos necessitam dessas formas tecnológicas para a divulgação de informação, sendo inevitavelmente preciso o uso das técnicas capitalistas de produção para a divulgação em massa dos conteúdos pregados pelo socialismo.

Entende-se que as culturas abordadas por Santaella (2003) são presentes nos dias atuais, onde existe a necessidade de compreender que não existem perdas de culturas, mas uma defasagem de mídias e suportes que transmitem a informação. Para a autora são esses processos de mudanças de suportes que marcam as transições de culturas.

As transformações tecnológicas foram fundamentais para a cultura digital que temos hoje, bem como as formas com que foram sendo estruturadas e submetidas à sociedade a partir da cultura de imprensa as classes mais desfavorecidas entendendo a necessidade de ter acesso à informação passando a refletir que faziam parte da sociedade e como tal possuidores de direitos, passando assim, a reivindicá-los.

Com os surgimentos das novas culturas e a popularização das tecnologias de massa, os grupos sociais passam a interagir com o meio capitalista com mais intensidade, por meio das rádios, televisões e outros aparelhos criados com a intenção do aumento de consumo por meio do áudio-visual, fazendo crescer e difundir os diversos seguimentos anteriormente acessíveis apenas às classes com grande poder aquisitivo tornando, dessa forma, a “igualdade” de consumo, vindo por outro viés percebe-se que as culturas trouxeram informação, conhecimento, mas possibilidades de crescimento no âmbito científico e desenvolvimento de pesquisas para a melhoria do ser humano, etc.

Chegando aos dias na atualidade, onde Costa (2003, p. 8) afirma que; “a cultura de hoje está intimamente ligada à ideia de interatividade, de interconexão, de inter-relação diversa e crescente é devida, a enorme expansão das tecnologias digitais na última década” correlacionando essa crescente onda às mudanças dos hábitos sociais.

Essas mudanças seguem impactando não apenas as interações sociais, porém trazendo novos olhares para as ciências, como, novas formas de pesquisas colaborativas graças à chegada da internet e a globalização das redes comunicacionais que incentivam essas formas de conexões.

A partir das novas formas de pesquisa realizadas atualmente, pesquisadores e cientistas passaram a refletir sobre o impacto disso no cotidiano das instituições as quais produzem, guardam e disponibilizam grandes quantidades de conteúdo, como arquivos, bibliotecas e museus, bem como a necessidade de rever as técnicas e tecnologias de guarda e compartilhamento dos documentos que ainda não estão inseridos na cultura digital, porém, precisam ser utilizados pela sociedade que já se encontra nela.

[...] torna-se imprescindível a criação de espaços de preservação, responsáveis não apenas pela guarda e pela integridade da informação, mas também pela sua disponibilidade e acessibilidade – aqui não se está falando apenas da informação em ciência e tecnologia, mas dessas e outras informações produzidas em instituições públicas [...]. Tais espaços de preservação digital – repositórios digitais, sistemas de gerenciamento de informação ou de preservação – têm se apresentado como relevantes mecanismos para a preservação da memória [...] (RABELLO; CASTRO, 2012, p. 23).

Todas essas novas técnicas e tecnologias citadas pelo autor fazem parte dessa nova estrutura de pensamento da cultura de preservação e acesso que torna os usuários das instituições de memória interagentes capazes de criar novos conteúdos informacionais a partir de documentos já existentes. Para que isso possa acontecer às instituições de memória necessitam compreender e incorporar nas suas práticas as ações sociais dos seus utilizadores, principalmente instituições como bibliotecas, arquivos e museus por suas importâncias e contribuições para o desenvolvimento das sociedades ao longo da história.

2.2 INSTITUIÇÕES DE MEMÓRIA: UM DIÁLOGO COMUM

No decorrer dos tempos os museus, arquivos e bibliotecas passaram a ser denominados como instituições de memória, para que autores, pesquisadores e historiadores chegassem a essa afirmação precisou-se identificar elementos que caracterizem os aspectos do fenômeno da memória social e coletiva (THIESEN, 2009).

Apesar de alguns aspectos em comum essas instituições têm peculiaridades e acontecimentos históricos distintos, mas que em alguns momentos se aproximam. Tomemos por exemplo justamente o tempo da *Biblioteca de Alexandria*, onde tais instituições conviviam em um mesmo ambiente, um espaço tido como sala de leitura no qual se possuía obras de artes, esculturas, livros, documentos, etc. Porém, com o tempo

sofreu algumas alterações onde cada tipo de material informacional acabou por ganhar o seu espaço (ALMEIDA, 2016). Outro exemplo de convivência entre essas instituições foi o caso do *British Museum* que por muitos anos possuía coleções de livros, arquivo e peças antigas, tornando-se assim, um grande centro de cultura, informação e conhecimento em um mesmo ambiente.

Até o século 18, as bibliotecas geralmente continham um número substancial de objetos, além dos livros. Da mesma forma, coleções de livros faziam parte de museus, como o caso *British Museum*, criado em 1759, cujo primeiro núcleo foi composto a partir da aquisição pelo Governo da coleção de objetos do médico e naturalista de Hans Sloane, que consistia de livros, manuscritos, espécimes naturais e uma diversidade de peças antigas (moedas, medalhas, gravuras e desenhos) e peças etnográficas (ALMEIDA, 2016, p. 163).

Para Le Goff (1984), essas instituições passaram a existir e se fazerem presente nas sociedades a partir da passagem da memória oral para a escrita onde se podem compreender as suas formações e seus desenvolvimentos de memória e cultura.

Foram tidas por muito tempo como detentoras da informação e do saber, onde esse rótulo lhes conferiu por séculos que seus bens só fossem usufruídos por um público restrito, tornando, assim, inacessível para a grande parte da população.

Essa interação de conhecimento científico produzido na academia e as instituições de memória vêm desde a antiguidade ainda do período de Alexandria quando a cidade passa a construir suas “próprias memórias”³ e identidade social por meio do legado sedimentado pelas coleções que com o passar do tempo suas instituições passaram a ter.

O Autor Jacob (2000, p. 46) afirma que:

Uma comunidade de intelectuais, que se dedica à pesquisa e ao ensino encontra na biblioteca um dos seus instrumentos de trabalho, em domínios tão diversos quanto à poética, as ciências, a história e naturalmente a filosofia.

Sendo dessa forma, o respaldo que estes “lugares de memória” deram para as pesquisas, os ensinamentos e com isso, as produções que eram desenvolvidas a partir de suas coleções. Produções essas que passaram a fazer parte de suas memórias, para isso, a noção de memória abordada por Nora (1993, p.36) “compreendendo que a memória é vivida do interior, mais ela possui a necessidade de suportes exteriores, de preferências tangíveis, de uma existência que só vive através delas”.

³Termo utilizado por Pierre Nora.

A partir dessas necessidades de expor suas produções, os arquivos passaram a entender a sua importância de extrapolar a guarda informacional de suas coleções, e divulgar as ideias produzidas pelos diferentes povos por meio da materialização de outros tipos de documentos (NORA, 1993).

Não apenas na antiguidade com a biblioteca de Alexandria ou os arquivos de Nínive⁴, a Revolução Francesa também traz a “memória coletiva dos povos ocidentais, nos seus aspectos mais evidentes [...] na expansão dos museus, arquivos e bibliotecas” (NORA, 1993, p. 36). A partir desse momento histórico às instituições de memória que antes eram apenas de acesso a elite passam a serem abertas ao povo, o que antes era apenas possível às mais altas classes sociais que possuíam o direito de usufruto.

Compreende-se que esse avanço só pode ser realizado a partir do princípio de igualdade a qual a Revolução Francesa trazia como lema, passando a ser de interesse preservar a origem de cada indivíduo. Crer-se que essas reflexões só podem ser realizadas a partir das formas de igualdades de acessos a cultura e centros de memória que proporcione a busca por uma identidade como cidadão, se inserindo como parte de um coletivo com sua história individual, mas que, todavia compoem um todo.

A partir da institucionalização desses centros de memória ocorrido no século XIX houve um significativo crescimento de materiais informacionais, gerando assim a especialização de cada instituição nos seus respectivos mat6rias. Bibliotec6rios, arquivistas e muse6logos passaram, ent6o, a compreender as estruturas institucionais para a disponibiliza76o dos acervos que precisariam sofrer mudan7as.

Com o crescente n6mero de informa76es geradas no come7o do s6culo XX com duas guerras onde muitos conhecimentos foram demandados, muitos problemas e novos objetos informacionais surgiram, mas se passou a obter novas abordagens dos saberes (THIESEN, 2009).

Ap6s a experi6ncia das duas guerras mundiais e todas as conseq66ncias para a geopol6tica dos poderes, a mem6ria social jamais poderia ser a mesma. Marcada pelas trag6dias do Holocausto, a humanidade depara-se, de forma mais objetiva, com a amea7a da finitude e o medo do esquecimento (THIESEN, 2009, p. 70).

Para salvaguardar todos esses conhecimentos produzidos nesses acontecimentos sociais precisaram-se de novas estrat6gicas dessas institui76es, adequa76es de servi7os, novas pr6ticas de trabalho e dissemina76o da informa76o, pois tais conhecimentos n6o

⁴Considerado por historiadores e arque6logos a cidade que possui os arquivos mais antigos datados do s6culo VII A.C, possuindo documentos de governo, contratos, etc. (FARIER, 2001, p. 7-8).

foram apenas produzidos por cientistas e pesquisadores, entretanto, também pela sociedade civil com seu cotidiano e suas memórias sobre esses períodos.

Para que isso pudesse acontecer bibliotecários, arquivistas e museólogos passaram a entender a necessidade da ampliação do escopo de estudo e pesquisa que seus respectivos centros precisariam ter para atender a demanda de todas essas memórias construídas para depois serem disseminadas.

A partir das produções informacionais geradas pelas guerras e o desenvolvimento gradativo das sociedades, temáticas, como: formação de coleções, técnicas de preservação, divulgação de acervos passaram a serem pautas principais dentro das instituições. Reiterando dessa forma o pensamento de Almeida (2016) que faz a seguinte afirmação:

As convergências entre essas instituições e as possibilidades cada vez mais viáveis no sentido de tornar toda a informação acessível a todos os públicos estimula-nos a rever seus processos de produção e circulação de informações em busca de novas articulações que sejam mais produtivas e eficazes.

Percebendo, segundo Homulus (1990); que as instituições de memória mesmo possuindo suas peculiaridades e formas distintas de acervos, possuem dificuldades em comum nas suas organizações, crendo dessa forma que biblioteca, arquivo e museu, por serem estruturas que trabalham a informação e a memória coletiva de um determinado povo. O autor ainda contribui salientando que as possíveis divergências poderiam deixar de existir a partir da sistematização e aderência das tecnologias que viriam a surgir futuramente.

Tornam-se parte de um sistema de divulgação cultural e histórica para o entretenimento ou enriquecimento de uma sociedade a qual estão inseridas. Fazendo com que a partir do contato com as obras informacionais os cidadãos possam adquirir conhecimento e senso crítico. Ainda reverberando nas novas formas de pesquisas científicas e buscas por conhecimentos mais profundos, tornado possível a aproximação da ciência com a memória social, histórica e coletiva de um povo por meio das diferentes formas de leituras e abordagens metodológicas que culminam na compreensão e dialogo comum.

Faz-se interessante salientar a importância de disciplinas surgidas ao longo das décadas que fortaleceram e ajudaram nas construções das características e colaboraram

para o entendimento organizacional e o amadurecimento de novas técnicas de disseminação da informação dentro dos centros de memória e informação.

Como foi o caso da bibliografia que surgiu como a primeira disciplina criada para a organização dos conteúdos documentais que começaram a serem criados a partir do começo da Idade Antiga. Zaher e Gomes (1972) afirmam que “essa atividade floresceu graças à invenção da imprensa, a bibliografia teve, desde o início, como um de seus objetivos a divulgação do conhecimento acumulado nos livros”.

Desde a criação de Gutenberg que sucedeu os serviços desenvolvidos pelos copistas, que reproduziam o conhecimento, a bibliografia ficou incumbida de levar para toda a sociedade as informações e conhecimentos que pertenciam à poucos, com isso, as bibliotecas passaram a ser utilizadas e frequentadas pela sociedade, surgindo assim, as bibliotecas públicas e centros de informações, como arquivos.

Assim, reconhecida, desde logo, como um indispensável instrumento para a pesquisa e para o desenvolvimento científico-tecnológico, a bibliografia foi objeto de preocupação de estudiosos que procuraram aprimorar técnicas e métodos para melhor controlar e divulgar o material bibliográfico existente (ZAHER; GOMES, 1972, p. 1).

Porém, com a Revolução Industrial do século XIX, e outros acontecimentos sociais que tornaram as classes sociais mais baixas atuantes na busca por seus direitos e com isso, as informações passaram a correr em um nível maior devido à circulação de jornais, revistas e folhetos informativos em Congressos e nas instituições de memória e informação. Criando-se um quantitativo exponencial de informações na Europa e Estado Unidos onde foram realizadas diversas tentativas de organização e levantamento de todos esses novos conteúdos e conhecimentos que foram surgindo (ZAHER; GOMES, 1972). Com o surgimento dos novos formatos de informação e toda a gama de conhecimento, surgiu a documentação para abarcar todos esses novos conteúdos.

Constata-se a importância da documentação no processo de preservação dos conteúdos dos documentos visando à promoção e uso das informações (ORTEGA, 2009b). Essa corrente teórica teve início no século XIX a partir das pesquisas desenvolvidas por Paul Otlet (1869-1944) e Henri La Fontaine (1854-1943) com o intuito de que todo o conhecimento pudesse ser acessado por todas as pessoas por um sistema organizacional único, sendo assim, desenvolveram o Instituto Internacional de Bibliografia (IIB), sediado na Bélgica e o Repertório Bibliográfico Universal (RBU).

Otlet adotou a palavra documentação inicialmente, em 1903, em artigo intitulado *Les sciences bibliographi que setla documentation*, no sentido do

processo de fornecimento de documentos ou referências dos mesmos àqueles que precisam da informação que eles contêm (ORTEGA, 2009a, p.5).

Ainda segundo Ortega (2009b) a sistematização feita por Otlet se deu na preocupação com a organização bibliográfica e da produção científica que estava ficando cada vez mais internacionalizada, por essa razão, diferentemente da Classificação Decimal de Dewey (CDD), a Classificação Decimal Universal (CDU) criada pelos próprios advogados torna-se mais abrangente em relação aos tipos de documentação que podem ser classificados e mais específicos em relação às temáticas; “a possibilidade que a classificação Decimal Universal oferecia de tratar documentos outros que não o livro ou o artigo de periódicos, demonstrando a preocupação [...] em poder fornecer meios de controle para os novos tipos de suporte do conhecimento” entendendo dessa forma que outros tipos de materiais poderiam ser incluídos na classificação, saindo do contexto biblioteca e expandindo para os documentos dentro dos arquivos e museus.

Com isso, a ideia visionária de Otlet, culminaria no armazenamento e classificação de todo o conhecimento humano (ORTEGA, 2009b) e na construção de uma biblioteca universal. Na perspectiva de Otlet documento não eram apenas os jornais, revistas e periódicos, etc. Entretanto, as fotos, imagens, suportes físicos que continham qualquer tipo de informação que pudesse ser relevante para a sociedade e para pesquisas futuras.

Essa visão de documento trazida e abordada por Otlet passa a ser revista quando a Documentação passa a ser estudada na perspectiva e ótica de Briet (1894-1989)⁵ que passou a considerar “O documento, mais do que o registro ou a prova de um fato, definição que ultrapassa os limites de uma concepção tradicional. O documento é base de conhecimento registrado, é signo” (LARA; MENDES 2018, p. 76).

Nesse caso Briet considera que um mesmo signo (documento) pode ser usado e interpretado em diferentes situações a depender do contexto no qual o mesmo faz parte independentemente da instituição de memória a qual pertença. Ainda seguindo a linha de pensamento da autora há em uma única informação diferentes formas de interpretação, com isso, diferentes formas de assimilação de conhecimento, “porque a condição sónica dispara necessariamente um processo semiótico, [...] mostrando que a

⁵Bibliotecária, documentalista, historiadora e escritora francesa que se dedicou ao estudo da Documentação e Ciência da Informação. Autora do livro *Qu’ est-ce que La documentation?* Também fez parte do Movimento Frances “a biblioteca moderna”.

informação da linguagem não é semelhante à informação da mensagem” (LARA; MENDES 2018, p. 77).

Para o autor Day (2006, p.59) “entender signos como índices em vez de representações diretas ou essenciais é um passo importante para nos ajudar a entender documentos não como sendo sobre fatos, mas sobre a possibilidade de fatos, mesmo em sua ausência”, contribuindo com o cenário da documentação como fator de entendimento multidisciplinar para os grupos sociais em diferentes contextos históricos e culturais, entende-se dessa forma, a necessidade um pensamento filosófico no momento da contextualização dos signos (informação) no panorama onde se encontra inserido.

Briet traz a documentação como técnica cultural “no sentido de se adequar a modos culturais específicos de produção, pois ela seria uma técnica cultural exemplar e necessária da modernidade como um todo” (LARA; MENDES, 2018, p.82), chega a esse pensamento devido ao período da Revolução Industrial na qual surgiu a Documentação na Europa. As técnicas documentárias poderiam funcionar como, “intermediários práticos entre os documentos gráficos e seus usuários” (BRIET, 2016, p. 3), com isso, outros centros de documentação e memória poderiam utilizar as produções documentais produzidas desses usuários para mais conteúdos secundários e terciários. Assim sendo, entrar-se-ia em uma cadeia de produções a partir de um documento, gerando mais informações, conteúdos e conhecimentos em diversas áreas.

Para os pesquisadores atuais essas formas de categorização da informação dentro dos centros de pesquisa e memória de períodos anteriores são de grande relevância para a organização de acervos de bibliotecas, arquivos e museus da modernidade, onde as formas de disponibilização e acesso precisam seguir uma forma de representação para que a informação não se perca e seja de relevância para quem necessita.

A partir das antigas e novas concepções de disponibilização da informação as instituições de memória, representadas por suas gestões e corpo de colaboradores, necessitaram criar meios de interagir à informação com os públicos que anteriormente frequentavam as suas estruturas físicas, com isso; bases de dados, repositórios, sites com serviços prestados que anteriormente eram de forma presencial, passaram a fazer parte dos novos portfólios das instituições.

Criando, assim, ambientes voltados ao atendimento não presencial, levando em consideração “o fato de que estamos falando de um momento de revolução tecnológica, marcada pelo fluxo intenso de informações, e também sobre o fato de que toda essa

informação digitalizada deverá ser preservada ao longo do tempo” (RABELLO, COSTA, 2012, p. 25).

Para gerenciar e organizar todas essas informações, que surgiram dentro e fora do mundo digital, às instituições de guarda e produção de conteúdos precisaram estruturar bases de dados e plataformas específicas para atender as demandas dos seus usuários, de forma que o acesso e o uso pudessem ser livres (sem custos) e acessíveis (fácil utilização). Para isso, surgem os repositórios digitais que possibilitam o acesso aos conteúdos referentes a cada tipo de instituição, apenas dependendo da missão, foco e usuários que interagem com suas plataformas na busca por informação e conhecimento.

3. O ACESSO ABERTO AOS REPOSITÓRIOS DE INSTITUIÇÕES DE MEMÓRIA: POLÍTICAS PARA A FORMAÇÃO DE COLEÇÕES.

O movimento do Acesso Aberto despontou nos meios dos pesquisadores com objetivo de “defender o livre acesso às informações científicas por meio da produção, publicação, divulgação e preservação através dos meios eletrônicos” (Rios; Lucas; Amorim, 2019, p. 149). Surgiram com o intuito de propagar a informação e pesquisa científica aos usuários, leitores e outros pesquisadores que necessitem de tais dados para gerar mais conteúdos.

A partir dessa visão de acesso livre a todas as informações produzidas e pelas necessidades que passaram a surgir no decorrer dos tempos com a crescente onda de tecnologias, os periódicos foram um dos principais incentivadores logo que seus suportes físicos não estavam mais dando assistência aos cientistas acadêmicos.

Esse incentivo passou a ser mais evidente “visto que a informação do mundo digital começou a crescer dia após dia, principalmente na área de pesquisa acadêmica” (SILVA; SILVEIRA, 2019). Os profissionais não viram apenas a necessidade de divulgar suas pesquisas e de suas instituições, mas de devolver à sociedade o investimento feito com os recursos públicos nas instituições de ensino e pesquisa que são mantidas com verbas públicas (SILVA; SILVEIRA, 2019).

O Movimento de Acesso Aberto vem para justamente dar respaldo para as práticas de divulgação de forma gratuita das produções desses profissionais e dando o que é de direito ao setor público, pois muitos pesquisadores não possuíam plataformas para o depósito de suas pesquisas ficando a mercê de periódicos privados para divulgação e compartilhamento.

3.1 CIÊNCIA ABERTA E CIÊNCIA CIDADÃ

Ao longo dos anos os debates e discussões acerca de ciência aberta e dados abertos acabam permeando diversos campos e áreas do conhecimento. A informação científica aberta é de fundamental importância para a produção de mais pesquisas e estudos em áreas correlatas, tornando assim, o processo de escrita acadêmica interdisciplinar e criativa, a partir do momento em que uma área utiliza dos dados e das produções de outras para produzir mais conhecimento e informação.

Em tempos de discussão onde os paradigmas científicos estão passando por uma reconfiguração a partir da imensa disponibilidade de dados que estão à disposição das mais variadas áreas de pesquisa, surge a preocupação em realizar estudos quanto à questão da estrutura, tratamento, uso e reuso dos dados que estão nos diversos ambientes informacionais. É nesse contexto que a Ciência da Informação tem a sua disposição de estudo para explorar o que a literatura chama de *e-Science* (PESSOA; SOUSA, 2021, p.17).

O pesquisador John Taylor passou a usar esse *E-science* para tratar com o quarto paradigma científico, que se caracteriza por meio da possibilidade de pesquisadores e colaboradores globais de diferentes áreas da ciência se juntarem, para gerar estruturas que possibilitem as pesquisas colaborativas e divulgação das mesmas (PESSOA; SOUSA, 2021).

Silva e Silveira (2019) afirmam que a ciência é um “campo nodal dentro da chamada Sociedade da Informação, uma vez que constitui o fundamento da atual acumulação de capital”. Ainda para os autores esse movimento:

Incentiva pesquisa científica desde a concepção da investigação até o uso de softwares abertos. Também promove esclarecimento na elaboração de metodologias e gestão de dados científicos, para que estes possam ser distribuídos, reutilizados e estar acessíveis a todos os níveis da sociedade, sem custos (SILVA; SILVEIRA, 2019, p.2).

Com isso, assevera a contribuição e colaboração de outros profissionais na equipe, contribuindo com suas experiências nas áreas de gerenciamento e arquitetura das informações nas plataformas, como: repositórios temáticos, institucionais, sites governamentais e sites das instituições de memória. Relacionando, dessa forma, instituições, com as disponibilidades de pesquisas para áreas diversificadas onde a investigação científica predomina na busca de novos tratamentos e metodologias.

As mudanças de comportamento e evoluções tecnológicas ajudaram as sociedades contemporâneas na produção de dados e divulgação de pesquisas fora dos ambientes tradicionais de informação, como as instituições de memória, cultura e pesquisa. Visando-se com isso uma nova percepção de ciência, dados e conhecimento que passou a ser estudado e aceito nas áreas com o potencial para a utilização das pesquisas científicas.

Castells (2012, p 119).

A partir da disponibilidade de dados da esfera pública, que relacionam espaços democráticos com possibilidades de cidadãos aderirem à manifestação de pensamento. Observa-se que essa reflexão tem relação com as propostas do movimento Ciência Cidadã, que busca aproximar o cidadão de informações científicas, a partir da liberdade de levantamento de dados, que servirão como base para produção de estudos e pesquisas científicas.

Apesar das primeiras definições de Ciência Cidadã datarem do começo dos anos de 1990, projetos com essa vertente se iniciam há algumas décadas, começando pela Ciência Moderna (MENESÊS; MORENO, 2019). O termo surgiu para designar a pesquisa realizada com a participação da sociedade na produção dos dados e informações relevantes.

Também chamada por Parra; Fressoli; Lafuente (2017, p.2):

Ciência amadora [...] podem ser encontrados em todas as épocas, ainda que só os chamemos assim a partir do século XX. Basta lembrar que a própria Royal Society é uma organização de amadores, e que a imensa maioria de homens e mulheres vinculados à ciência durante os séculos XVII e XVIII precisavam de um trabalho remunerado que lhes permitisse um tempo livre para fazer ciência.

Entende-se que a história da Ciência Aberta é formada por pesquisadores, cientistas e por outros profissionais que compõem a sociedade, como técnicos, marinheiros, naturalistas, etc.

Todos que se dedicam na busca da coleta de dados para ajuda na análise e aprofundamento da pesquisa, então, quando se fala em Ciência Cidadã estão justamente citando esses profissionais que não aparecem diretamente na produção, porém participaram de alguma forma. Para Parra, Fressoli e Lafuente (2017), “uma das maiores dificuldades dos projetos de ciência cidadã é que não necessariamente provém o entorno adequadamente para aprender mais além das capacidades que podem ser relevantes para o projeto”. A partir da falta de estruturas adequadas para que os mesmos possam desenvolver seus próprios questionamentos e assim, não se tomam para si o conhecimento disponibilizado, e com isso, não colaboram e não se apropriam da ciência.

Com essa postura os mesmos ficam de fora de pesquisas sociais, análises governamentais, estudos e levantamentos sócio-políticos e sócio-educacionais que necessitam da colaboração social. Atualmente encontra-se isso fortemente em nosso meio, nos últimos anos pesquisas governamentais estão deixando de serem realizadas, com isso, a sociedade deixa de interagir com o governo, e as pesquisas de cunho social e científico deixam de ser realizadas ou são realizadas com o mínimo de cidadãos. Onde se sabe que quanto mais pessoas participam mais a pesquisa ganhará visibilidade e proporção com os dados analisados, propostas de políticas sociais de desenvolvimento poderão ser realizadas, investimentos nas áreas, conhecimento sobre as estruturas

sociais e necessidades populacionais das regiões. Todas essas demandas podem ser trabalhadas a partir da Ciência Cidadã.

Os autores Parra, Fressoli e Lafuente (2017) afirmam que “é provável que a construção e desenvolvimento de novas instituições, práticas, protocolos e espaços facilitem formas mais horizontais, simétricas e distribuídas de interação entre as organizações de cientistas e as mobilizações de cidadãos”. Vê-se então a necessidade de investimento em laboratórios específicos para esse tipo de ciência.

Porém, encontram-se pesquisadores que ainda se abstém de algumas práticas, tomando assim, uma postura conservadora com as divulgações e acessos às suas pesquisas. Não percebendo a importância do conhecimento aberto e não visando as vantagens que podem obter aderindo a esse movimento.

No que se diz respeito às instituições de memória, ensino e pesquisa sobre essas novas práticas, concepções e visões acerca das pesquisas de acesso aberto à população para as participações coletivas, muitas estão estruturando e reestruturando suas plataformas, repositórios e bases para que o acesso e participação do público sejam feitas de forma que os interagentes tenham facilidade de navegação e compreensão das estruturas e conteúdos disponibilizados. Para isso, se faz necessário no estudo do público que acessa as bases para poder entender as reais necessidades, dificuldades e perspectivas dos mesmos, para desse ponto construir interações concernentes às pesquisas.

Para que esses estudos das dificuldades informacionais dos cidadãos que utilizam ou possam chegar a utilizar as instituições de informação e memória possa ser realizada, há uma necessidade de compreensão das estruturas sociais nas quais os mesmos estão inseridos, bem como, quais culturas e práticas são utilizadas por eles. No momento ao falar de cultura se faz necessário trazer novamente a concepção abordada por Santaella (2003) que caracteriza os períodos tecnológicos da informação como culturas.

Dar-se-á compreender que nem todos os cidadãos que utilizam as bases de dados, repositórios, sites, etc, estão no mesmo momento cultural, nas mesmas condições socioeconômicas e principalmente, não estão na busca pela mesma informação, porém é de necessidade para as construções que os mesmos tenham acesso.

Atualmente a crescente expansão das redes [...], a potencialidade da Internet e a velocidade das conexões têm proporcionado uma alteração na forma de se pensar e projetar esses sistemas de informação que estão cada vez mais

integrados ao cotidiano e ao convívio social, de tal forma que o acesso aos dados, as mídias e aos canais informacionais se tornam constantes, contínuos, móveis e as interações se tornam cada vez mais transparentes (SOUSA; PATUA, 2014, p. 69).

Com a visão dos autores sobre a necessidade de pensar como se projeta os sistemas de informações e suas formas de integração com outros sistemas e com o indivíduo, também ocorre o fato de haver uma reflexão na forma de avaliar como esses sistemas estão sendo construídos e disponibilizando os conteúdos para que o acesso seja feito por todos que desejam utilizá-los, porém para se chegar nesse raciocínio, precisariam ocorrer diversas discussões para que o acesso e uso das informações fossem de conhecimento das sociedades.

3.2 MARCO REGULAMENTAR

Para que nos dias atuais possamos ter essa grande demanda de informações disponíveis em plataformas de acesso aberto, algumas discussões sobre a temática foram necessárias para a acessibilização dos pares. Um desses encontros foi a Convenção de Santa Fé, um dos primeiros eventos que se propôs a discutir sobre o Acesso Aberto onde puderam definir estratégias como o auto arquivamento, repositórios digitais e bases de dados (Rios; Lucas; Amorim, 2019). A mesma convenção ocorreu no ano de 1999, motivada pelas necessidades de uma melhor “comunicação entre os arquivos abertos, o que resultou numa proposta alternativa ao que vinha acontecendo com a comunicação científica, nascia então o movimento Open Archives” (Rios; Lucas; Amorim, 2019).

Logo após, para os diálogos referentes às questões sobre as melhores condições para que uma obra seja considerada de acesso aberto, aconteceu a Declaração de Berlim, que para corroborar a Declaração de Budapeste aborda a necessidade de publicar os artigos avaliados pelos pares para que sejam mantidas as qualidades das mesmas publicações. Sobre as Declarações Rios; Lucas; Amorim (2019, p. 154) afirmam que:

A Declaração de Budapeste [...] já traz em seu texto formas para enfrentar o monopólio das editoras sobre as publicações científicas, ratificando duas principais ações complementares, são elas: o auto arquivamento em repositórios (via verde) e a publicação em periódicos de Acesso Aberto (via dourada). A Declaração de Bethesda de 2003 traz importante definição sobre a noção “publicação de Acesso Aberto”, definindo-a em função da autoria que cede o acesso gratuito de suas publicações permitindo sua ampla

divulgação digital ou analógica destacando a importância do depósito de uma cópia do documento - de acordo com os padrões *Open Archives*- em repositórios online e adotados por instituições ligadas ao Movimento de Acesso Aberto.

A partir das discussões trazidas nesses encontros passou-se a enxergar novas perspectivas para o uso da informação nas ciências e a forma é repassada quebrando assim paradigmas de acesso e uso das publicações cinéticas, mostrando que o acesso pode ser feito por todas as áreas. Também foi reconhecido a possível autonomia dos pesquisadores quanto ao auto arquivamento de suas obras e a escolha de onde fazer suas publicações. Sabemos que com o passar dos anos e com o surgimento e adaptação de novas tecnologias, novos olhares com relação aos pesquisadores fizeram com que as declarações precisassem ser readaptadas às novas necessidades e demandas.

As estruturas de bases de dados e repositórios passaram a serem adaptadas para que os usuários participassem do processo de construção do conhecimento por meio da busca ao acesso, ao uso e a inserção de conteúdos, principalmente nos repositórios.

3.3 REPOSITÓRIOS DIGITAIS

Otlet na década de XX já trazia a questão do acesso à informação por meio de redes, conceito de globalização através do *Mundaneum*, onde todos poderiam se conectar a informação para troca de conhecimento. Aderindo a um novo perfil de comunidade que possivelmente seria vista como o primeiro repositório, “o desenvolvimento dos ⁶repertórios era encarado por ele como uma evolução do livro, em direção ao livro universal” (SANTOS, 2007, p. 56). Além de documentalista, Otlet, via nas novas tecnologias que passaram a surgir no decorrer dos anos como avanços para a comunicação entre pesquisadores de diferentes áreas do conhecimento, com formas de organização sistêmica (WRIGHT, 2008).

Contudo, a utilização do termo repositório e seus respectivos significados ganham visibilidade com a obra “a conturbada história das bibliotecas”, Battles (2003), onde o autor aborda os termos para mostrar a organização e classificação das coleções nas bibliotecas no período moderno abordando as formas de sistematização de guarda dos livros.

⁶Pertencente a “via verde”. “Stevan Harnad, um dos principais pesquisadores e impulsionadores do movimento, criou duas estratégias de ação: a implantação da via dourada e a implantação da via verde. Harnad chamou estas estratégias de “via”, uma vez que a adoção desses “caminhos” conduz ao acesso aberto à informação científica” (LEITE, 2009, p. 7).

A palavra repositório é de uso frequente, em seu significado vernacular, nas instituições que custodiam ou guardam acervos, ou em textos de comunicação científica, como destacamos em relação ao uso [...] conservando sempre a ideia de depósito ou coleção (MASSON, 2008, p.112).

Masson (2008) esclarece que nos últimos anos o termo tem ganhado destaque na Ciência da Informação para designar a guarda de documentos digitais que estão cada vez mais crescentes devido à utilização das tecnologias. Com isso, os repositórios digitais passam a serem estruturas de depósitos, armazenamento, acesso, uso de informações em ambientes digitais. Os repositórios digitais na concepção da autora “emerge das demandas da comunicação científica” devido ao fato da inter e transdisciplinar que passaram a ser cada vez mais frequente no meio científico.

Kumaroto *et al.* (2006, p. 94), trás sua opinião sobre o surgimento das plataformas da seguinte forma:

Os repositórios digitais, também denominados como *e-prints*, surgiram como alternativas ao tradicional sistema de comunicação científica. No entanto, esses repositórios não eram de um conselho editorial que promovesse a avaliação prévia dos trabalhos pelos pares (*peerre view*).

Devido a essa falta de *peerre view* comumente utilizada nas formas tradicionais de avaliação das obras do sistema tradicional de comunicação científica, pois o que fazia a administração das bases eram pacotes de software, o que permite ao autor depositar uma nova versão e aos leitores a inserção de comentários e ainda contorna as dificuldades como custo e demora nas publicações Kumaroto *et al.*(2006).

Mueller (2006) também acha benéfico o surgimento dos repositórios digitais, pois dá visibilidade às publicações de eventos nas áreas de conhecimentos e outros meios que não são tradicionais para a publicação de conteúdos. Os autores passam a ter autonomia no momento de depositar os materiais ficando apenas sobre a responsabilidade dos profissionais que atuam no repositório a verificação se verdadeiramente estão inseridos documentos relevantes para a instituição e para a sociedade que utilizará.

Dando destaque a Romani, Fusco e Santo (2009), definem repositório, como: um banco de dados, com serviços de divulgação, disponibilização e guarda de documentos, sejam eles gerados em meio digital ou digitalizados. Possuindo em sua estrutura conjuntos de obras de diferentes formatos, porém digitais, podendo ser acessados a partir de redes computacionais.

Com a crescente demanda informacional e as tecnologias cada vez mais avançadas, as plataformas de repositórios digitais sofreram modificações a partir das visões dos profissionais da informação, que encontraram a necessidade de classificá-los devido às necessidades dos indivíduos sociais. Dessa forma, surge no seguimento de acesso aberto de conteúdos informacionais as tipologias, como, repositório temático, repositório institucional, repositório de objetos educacionais, repositório de dados científicos e repositórios de instituições de memória (SILVA, 2017). Todos voltados para a contribuição da organização, disseminação, produção de informação, educação científica, cultural e histórica.

Para Romani; Fusco; Santos (2009, p. 3):

Os repositórios digitais são capazes, por meio do seu correto uso e divulgação, de transformar os conhecimentos tácitos em conhecimentos explícitos, ou seja, fazer com que conhecimentos gerados passem a serem socializados para desenvolvimento de novos conhecimentos, fazendo com que os documentos digitais gerados estejam sempre disponíveis aos interessados de uma maneira prática e eficiente e que também sejam preservados com o passar do tempo.

Denota-se com essa afirmativa que atribuem aos repositórios o processo de produção e gerenciamento do conhecimento com o fluxo cíclico de alimentação gerada a partir de seus conteúdos utilizados por quem faz o acesso. Esses bancos de dados possuem formas de captação e preservação que facilitam os processos abordados pelos autores.

3.4 REPOSITÓRIOS DE INSTITUIÇÕES DE MEMÓRIA.

O termo instituições de memória surgiu para agrupar as instituições galerias, bibliotecas, arquivos e museus (Laurent 2006), essas instituições possuem em suas coleções peças, documentos e livros e demais materiais informacionais que contam a história das sociedades e civilizações, dessa forma, passam a gerir parte dos documentos importantes para o processo de conhecimento do indivíduo como participante social. Para Chapman; Kingsley; Dempsey (1999) “Bibliotecas, arquivos, museus e galerias são frequentemente reconhecidos como a memória coletiva de uma nação ou comunidade”.

Com as mudanças sociais essas instituições passaram a entender que os seus usuários mudaram suas formas de pesquisas, com isso, o entendimento da mudança para o formato digital passou por um novo caminho, os autores Dias e Dalton (2020, p. 20) trazem essa mudança da seguinte forma:

Em uma sociedade de constantes transformações, sobretudo pelo ponto de vista das tecnologias e da emergência da internet, essas instituições se veem estimuladas e provocadas a se reinventarem socialmente e, principalmente, fazer de seus espaços um campo para a construção de novas narrativas.

Chegam então os repositórios de instituições de memória para lidar com as questões voltadas ao uso das inovações tecnológicas digitais, com as atividades de digitalização de acervos, arquivamento e divulgação (Laurent, 2006), dos conteúdos anteriormente físicos. A partir das bases de dados às instituições de memória ganham a possibilidade de realizar a convergência das mídias facilitando o usufruto dos pesquisadores que utilizam as plataformas.

Arquivos, museus e bibliotecas estão conectando ativamente suas coleções a redes de conhecimento emergentes; texto, imagens e som são armazenados digitalmente, processados e apresentados ao usuário final via redes. Os usuários podem acessar registros de arquivo por meio de serviços de biblioteca, a apresentação de registros históricos pode ser vinculada a imagens digitais de objetos em museus e assim por diante (LAURENT, 2006, p. 4. Tradução Nossa).

Na visão do autor além dos repositórios de instituições de memória expor suas coleções, produzir exposições de obras de artes (museus), aderir à construção de catálogos de bases eletrônicas (bibliotecas e arquivos), pode-se resumir, dar acesso digital ampliando seus horizontes para novos usuários. Assim como as demais tipologias de repositório, a tipologia aqui abordada tem por características construir de fato uma inovação no sistema de comunicação entre instituição e público, podendo ser os usuários que já utilizam suas coleções ou outros que possivelmente utilizarão as plataformas como meio de pesquisa, passa a alimentar cadeias de pesquisas através das fontes ali inseridas (O INSTITUTO BRASILEIRO DE INFORMAÇÃO EM CIÊNCIA E TECNOLOGIA, 2012).

Entretanto, os repositórios de instituições de memórias têm por peculiaridades a disponibilização de fontes primárias que fora digitalizadas para acesso, possui mais de uma área de conhecimento em seus acervos. Dessa forma, gera os espaços de memória que Nora (1993) aborda como lugares de informação coletiva democratizando o acesso

a cultura, história e memória social, onde pode-se produzir conhecimento interdisciplinares a partir das visões de cada indivíduo. A missão dessa tipologia “é garantir a perpetuação da memória para as próximas gerações e torná-la mais um instrumento que agregue valor” social (ALMEIDA; OLIVEIRA E ROSA, 2019, p. 127).

Há a necessidade de cuidados para essa tipologia de repositórios por parte dos profissionais que atuam para desenvolver suas políticas, primordialmente as de preservação, por conter em seus acervos obras que são raras, com conteúdos de relevância histórica para a sociedade a qual esta inserida. Para a construção de padrões, norma, etc, necessita-se de vários profissionais.

3.5 POLÍTICAS PARA REPOSITÓRIOS

Entretanto, as questões de preservação dos documentos digitais necessitam ganhar atenção no tocante às formas de padronização da guarda e disponibilização. Passa a considerar a aquisição da plataforma no auxílio da custódia dos conteúdos digitalizados e digitais (nato-digitais) fomentando a prática de boas formas de utilização e adaptação de sistemas na condução dos usuários da informação.

O repositório digital deve ser o ambiente autêntico para a preservação em longo prazo, dispondo, por exemplo, de ferramentas para a implementação das estratégias de preservação e inserção de padrões de metadados. Neste ambiente todas as ações realizadas sobre os documentos digitais, como por exemplo, migrações, devem ser registradas, criando-se assim, um histórico de cada objeto digital armazenado, acrescentando confiabilidade aos conteúdos (SANTOS; FLORES, 2015, p. 205).

Na visão de Tomaz e Soares (2004) é necessário planejar os métodos de preservação e tecnologias necessárias para que o uso das informações digitais que possuem valor relevante para a sociedade e pesquisadores continue sendo acessível e utilizável por um longo prazo, nesse caso um período suficiente para não se preocupar com as mudanças tecnológicas.

Os autores Santos e Flores (2015); Tomaz e Soares (2004) ressaltam a importância do planejamento dos repositórios digitais para a guarda da informação a longo prazo, onde compreende-se com isso, a necessidade da construção de políticas

que conduzam o modo de utilização da plataforma e as boas práticas de preservação digital auxiliando nas escolhas de software e hardware.

Boeres e Arellano (2005) fazem considerações acerca da preservação digital, afirmando que a maior comunidade a impulsionar a utilização dos repositórios digitais e suas boas práticas de preservação foi a arquivística com o princípio de "custódia responsável" salientada por Lazorchak (2004), e o respeito ao ciclo de vida do material digital. Além dessas observações acerca da preservação dos conteúdos em repositórios, outros tipos de políticas são necessárias para um bom funcionamento, como políticas de acesso; "É nesta política que se pode definir os tipos de acesso disponibilizados aos usuários no repositório, e como isso se encontra descrito por meio das orientações/diretrizes" (SILVA, 2017), políticas de auto arquivamento que "podem ser classificadas como [...] macro-políticas, ou seja, políticas instituídas pelo Estado, e que abrangem os repositórios de todo país, seja temático ou institucional", políticas de metadados que "se refere à descrição das informações contidas no documento e quais são obrigados a serem descritos e quem irá descrevê-los", políticas de conteúdos onde "deverá ser indicado o tipo de materiais que serão aceitos e armazenados no repositório. Também é importante informar quais formatos de arquivo", políticas de submissão que define os passos que o autor deve realizar para submeter um artigo em um repositório seja ele temático ou institucional (SILVA, 2010).

Para as instituições de memória dar-se uma atenção maior as políticas de preservação que tem por objetivação de resguardar seus objetos informacionais por mais tempo, criando critérios que amenizem os efeitos da obsolescência tecnológica (SILVA, 2017). Os autores Silva e Mota (2012) contribuem afirmando que essas políticas de preservação vão de acordo com a missão e foco de cada instituição, para repositórios de instituições que abordam coleções que retratam a cultura e memória social de uma sociedade e se faz necessária uma atenção maior. Entende-se que todas as políticas são importantes para a construção dos repositórios independente da temática, público ou instituição.

As políticas de um repositório são as decisões tomadas durante o seu planejamento e a sua implementação. A implementação exige um estudo extenso da instituição em que o repositório está inserido, de maneira a formular. (SILVA, 2010, p. 37).

As instituições passam a conscientizar-se que esses documentos (políticas) necessitam estar à disposição dos usuários para esclarecimento e dúvidas, sendo

possíveis as mudanças e modificação se houver necessidade, pois “se o suporte é o digital, deverão adaptar os procedimentos compatíveis com os recursos que a automação permite e/ou exige, seja na produção, nos fluxos, no armazenamento e na recuperação” (MASSON, 2008) realizadas pelos profissionais por meio dos parâmetros desenvolvidos.

Mesmo com toda a mobilização de cientistas e pesquisadores que defende a necessidade de políticas para as organizações dos repositórios digitais, de acordo com Boeres e Arellano (2005, p. 9) “O planejamento do gerenciamento da informação digital ainda é precário; existem vários repositórios e coleções digitais redundantes, com uma identificação insuficiente dos registros essencial para a sua permanência em casos de desastre”, mostra-se com isso, que as instituições lançam suas plataformas, fazem o povoamento e não elaboram suas políticas de funcionamento e gerenciamento dos conteúdos disponibilizados colocando em risco os acervos digitais, além de não haver uma forma correta dos usuários fazerem suas buscas.

A respeito dos profissionais que atuam nos repositórios digitais, a equipe a ser constituída para organização necessita ser formada por vários profissionais que visem contribuir com suas expertises “deve ser uma ação constituída por uma equipe de profissionais capacitados, e que a participação do profissional bibliotecário no processo decisório, no planejamento e na implementação” (Miranda; Galindo E Vila Nova, 2011).

Contudo, percebe-se que com o passar dos anos os serviços de documentação e os serviços de informação foram se adaptando às necessidades informacionais da sociedade, esse crescimento começou a surgir partir do século XIX com a Documentação de Otlet e La Fontaine e tomou grandes proporções com o crescente número de informações e o progresso da informática (MASSON, 2008) até a chegada dos repositórios digitais e outras bases de divulgação do conhecimento com acesso aberto.

4. ENCONTRABILIDADE DA INFORMAÇÃO E A INTEGRAÇÃO DAS LAM'S.

Com o crescimento do livre acesso à informação, juntamente com a popularização de conteúdos informacionais (MIRANDA, 2012) que ganhou força após a Revolução Francesa, novas práticas e tecnologias precisaram ser recriadas ou reformuladas para que a sociedade se adaptasse as mudanças culturais que passaram a ter uma visão social.

Essa preocupação com as questões sociais tem impactado a forma de elaboração de meios para a obtenção de informações de qualidade, onde pesquisadores e cientistas compreendem que a informação necessita ser de fácil localização para todos os públicos, passando a criar técnicas de estudos voltas às necessidades sociais.

Apesar de *Findability* ser um termo tecnicista criado por Morville a partir da Arquitetura da Informação, será utilizado no decorrer desse capítulo o conceito Encontrabilidade da Informação utilizada pelos autores Vechiato e Vidotti (2014), onde à uma reconfiguração para a utilização dentro da Ciência da Informação e consolidando as pesquisas no âmbito nacional, em que para Morville a *Findability* é:

Uma qualidade que pode ser medida ao nível tanto do objeto que se deseja encontrar quanto do sistema em questão. Podemos estudar os atributos de um objeto em particular que o tornam com mais ou menos possibilidades de ser recuperado. O título de um documento. A cor de um colete salva-vidas. A presença de um aviso por meio de uma etiqueta RFID embutida. E podemos avaliar a proporção com que um sistema global suporta a capacidade das pessoas para encontrarem o seu caminho e, a partir disso, encontrarem o que precisam (MORVILLE, 2005, p. 4, tradução nossa).

Morville (2005) traz a partir da perspectiva técnica visando, assim, a qualidade de ser localizável ou navegável. Compreendendo o grau no qual um determinado objeto é facilmente descoberto ou o grau no qual um sistema ou ambiente suporta a navegação e recuperação. A partir da perspectiva de funcionalidade da informação nos dias atuais para as novas demandas dos interagentes que surgiram juntamente com as tecnologias e redes sociais de interação emerge a Encontrabilidade da Informação (EI), no que lhe toca, vem para atender as demandas e necessidades dos usuários em seus ambientes informacionais, onde acaba por contribuir na melhor forma de disponibilização e acesso com mais rapidez e menos esforço (SANCHEZ; VECHIATO; VIDOTTI, 2019).

Para os autores a Encontrabilidade da Informação promove a reflexão sobre a disponibilidade de produção, organização, representação, armazenamento e preservação das informações em bases de dados, repositórios, sítios digitais e plataformas, priorizando o acesso, uso e apropriação das mesmas. Dessa forma, a Encontrabilidade da Informação coloca o usuário como centro de todo o processo de busca e interação dos conteúdos. Atuando nas construções de parâmetros de qualidade das informações neles divulgadas.

Entretanto para ROA-MARTÍNEZ, (2019, p.91) a (EI) vai além do processo em si, mas da reflexão dos atributos e na relação deles com o usuário, “tendo como finalidades facilitar o desenvolvimento de ambientes informacionais contemplando a Encontrabilidade da Informação”.

Morville (2015) afirma que a EI “não é a Arquitetura da Informação, apesar desta última influenciar a primeira. Arquitetura da Informação discorre sobre estrutura e desenho dos espaços de informação nos sites, já a Encontrabilidade é sobre as qualidades de localização e navegação dos mesmos e seus conteúdos”, assim, proporcionando ao usuário um acesso mais rápido e seguro à informação.

Segundo Vechiato e Vidotti (2014, p.164).

Para promover a Encontrabilidade da informação é necessário refletir acerca das disponibilidades de produção, organização, representação, armazenamento e preservação dela, com ênfase no acesso, no uso e na apropriação. A intencionalidade dos sujeitos alicerça todos os processos informacionais, visto que eles são mediadores em todos os momentos do fluxo informacional.

“*Findability* e EI trazem a mesma característica de análise em ambientes informacionais. Websites comerciais, acadêmicos, informativos (relacionados a noticiários e jornais) ou redes sociais são passíveis de serem analisadas na conjuntura de *findability*” (CAMPOS, SOUSA E OLIVEIRA, 2021, p. 5). A partir do conceito da EI de análise, pode ser utilizado nos repositórios para que possam identificar os fatores que atrapalham o encontro da informação, para essa tipologia de base de dados os parâmetros da encontrabilidade necessitam ser estudados antes mesmo da construção da plataforma. A partir dos estudos a organização dos repositórios começará desde suas políticas de estruturação. Assim, proporcionando ao usuário um acesso mais rápido e seguro à informação.

Também para Campos, Sousa e Oliveira (2021, p. 4), “Para além de recuperar a informação, os sujeitos devem encontrá-la com autonomia, num processo informacional relativo à navegação e busca de informações em ambientes de informação analógicos e digitais”. Entendendo que o processo da encontrabilidade deve ser intuitivo favorecendo no fácil manuseio das ferramentas inseridas nos sistemas de busca.

Para a análise de conteúdos dentro de sites e plataformas de centros de informação e cultura, se faz necessário fazer com que a informação seja estruturada e organizada de forma que o interagente consiga realizar suas buscas com rapidez, facilidade e eficiência, sem que necessite de muito esforço cognitivo. Os autores Rosenfeld, Morville e Arango (2015) tratam dessa questão da estruturação de conteúdos nos ambientes digitais como uma base de três elementos necessários para conhecer, e assim, construir bases acessíveis. São elas: O contexto, o uso e o usuário.

O Contexto é considerado o campo de atuação da instituição, como por exemplo, a sua razão de existir, o seu perfil, público ou privado, uma instituição de ensino, de pesquisa ou financeira; os seus objetivos; a sua missão; as suas políticas internas; a sua cultura organizacional; os seus recursos disponíveis e suas possíveis restrições (FERREIRA; VIDOTTI, 2016, p. 87).

As autoras concluem que ao estabelecer as normativas internas de atuação no contexto na qual a instituição se propõe com o público passa ser uma forma de entender as questões estruturais das plataformas que necessitarão dar mais ênfase aos estudos dos elementos de conjuntura interna.

A partir dos estudos de suas objetividades como instituição de informação e pesquisa que visa divulgação de suas coleções ou conteúdos no geral, os responsáveis necessitam estudar e compreender seus usuários, em que a realização dessa pesquisa se faz necessária para a criação de produtos, serviços e estruturação de layouts que atendam às necessidades dos mesmos. As pesquisadoras Ferreira; Vidotti, (2016, p. 87) chegam à percepção que “é preciso identificar o tipo de usuário que irá interagir com o sistema; o público em potencial; quais as suas necessidades de informação; quais tarefas poderão ser executadas e a experiência que os usuários possuem”.

Já no sentido de conteúdos as mesmas autoras explicam que: “o conteúdo deverá ser programado para contemplar tanto o Contexto como os Usuários, considerando as necessidades do usuário; os tipos de documentos; os dados e metadados; os formatos em que os documentos serão gravados”, fazendo com que a plataforma consiga abarcar as

os documentos de forma que os mesmos não sejam corrompidos e consigam ser recuperados na íntegra.

Dessa forma, pode-se afirmar que EI vai além das questões de recuperação de informações em bases, o mesmo coloca o usuário com o centro de todo o processo mostrando que a necessidade do indivíduo e os caminhos que a apropriação do conhecimento a partir das formas de navegação (SILVA; SILVA, 2021, p. 1866).

Entretanto, para que o usuário possa tomar o centro de todo o estudo para as melhorias de acesso e uso de sistemas nas bases de dados os responsáveis necessitam aderir a métodos avaliativos que são utilizados para a verificação do que já foi construído.

Entendendo tal necessidade de estruturação os autores Vechiato e Vidotti (2014) elaboraram um instrumento de avaliação composto por 14 (quatorze) atributos que caracterizam e identificam os níveis da encontrabilidade da informação nas plataformas digitais, são eles: Taxonomias navegacionais, Instrumentos de controle terminológico, Folksonomias, Metadados, Mediação dos profissionais da informação, Affordances, Wayfinding, Descoberta de informações, Acessibilidade e Usabilidade, Intencionalidade, Mobilidade, Convergência e Ubiquidade, podendo ser também utilizadas para avaliar os repositórios das instituições de informação e memória.

Na visão dos autores esses critérios são essenciais para avaliação de plataformas de conteúdos informacionais, crendo que se as instituições responsáveis pelas mesmas se atentar no momento da construção de suas bases para esses critérios o acesso e uso dos conteúdos serão melhores aproveitados por seus usuários, salienta-se, com isso, o processo de autonomia nas buscas.

Com a utilização dos atributos é possível que o interagente consiga a partir dos seus processos cognitivos, intuitivos e vivências que obteve anteriormente possa interagir sem dificuldades com o meio digital chegando ao resultado esperado. Ao abordar o processo cognitivo realizado pelo usuário antes mesmo de estabelecer o processo de busca se válida à importância dos conhecimentos previamente adquiridos e a forma subjetiva de cada um.

Ligando-se ao fator subjetivo do homem na busca por informação e conhecimento no meio das tecnologias a partir da encontrabilidade da informação, surge a Teoria da Intencionalidade com atributo de avaliação das plataformas de web sites, bancos de dados e repositórios digitais, especificamente os repositórios que lidam com cultura e memória.

4.1 INTENCIONALIDADE E SEUS CRITÉRIOS

Durante o século XX surgem diversas correntes filosóficas para o estudo dos comportamentos do ser humano, uma delas foi a fenomenologia. Para Oliveira (2022, p.1) “fenomenologia aparece como uma das mais importantes. Inúmeros filósofos se valeram do método fenomenológico como fundamento para pensar e elaborar suas filosofias”. Compreendendo dessa forma que esse método se propõe a prática de estudos para desenvolvimentos de filosofias, o autor assevera que a utilização desse método foi muito utilizado por diversos filósofos, como Heidegger, Sartre, e Max Scheler, nas construções de seus pensamentos.

Heidegger confirma o mesmo como um “método de investigação”, “a expressão ‘fenomenologia’ significa, antes de tudo, um conceito de método” (HEIDEGGER, 2006, p. 66). Tornando-se um movimento vivo nos dias de hoje que trabalha o científico e o espiritual, tornando a “ciência das essências” de acordo com Oliveira (2022). Se propõe a analisar o ser humano e suas experiências com as pesquisas descritivas. Com isso, parte do conceito que o processo investigativo do que pode chegar a ser descoberto que é possível de ser descoberto e que está potencialmente presente, porém nem sempre são identificados nos procedimentos próprios e adequados (OLIVEIRA, 2022). Silva e Ribeiro (2002 *apud* MIRANDA, 2019, p. 136) trazem um olhar sobre a fenomenologia, como um processo subjetivo e intersubjetivo, explicando que “a informação em geral é concebida como algo de essencial não imutável, mas modelada por um conjunto fixo de propriedades intrinsecamente subjetiva e intersubjetiva que está para além dos suportes físicos e materiais que coisificam”.

A partir dessas construções filosóficas e informacionais sobre o método, Oliveira (2022, p. 2) resume e define da seguinte forma:

A fenomenologia tem por objeto as coisas que se manifestam ou se mostram, tais como se manifestam os fenômenos; neste sentido, as coisas constituem aquilo que é rigorosamente dado, aquilo que eu encontro e que é, para mim, originalmente presente. Para Husserl, o fenômeno é consciência enquanto fluxo temporal de vivências, apresentando intencionalidade enquanto estrutura, ou seja, consciência de algo.

O autor faz refletir que a intencionalidade vem do processo de materialização das ideias através de projetos, trazer ao real o que o ser humano imagina como produto, retirar do subconsciente as indagações e materializá-las, dar forma. Essas manifestações na prática podem ser indagações e reflexões realizadas no cognitivo do indivíduo e expostas por meio de perguntas e questionamentos. Para Miranda (2019, p. 139) “A partir da Intencionalidade, é possível fazer uma relação de consciência com o objeto ao ajustar e entender a palavra para então significar principalmente intenções mentais ou cognitivas que poderiam ser postas em prática”.

Pontua-se que essa intencionalidade abordada por Miranda (2010) não segue as teorias da prática humana, sendo assim permanece no campo teórico-cognitivo. Percebendo nessas práticas construtivas todo o conjunto de valores na qual se forma o indivíduo, “a partir dos atos de fala é possível identificar a Intencionalidade, porque, por meio deles, são expressas as crenças, desejos, temores, dúvidas; são compostos por um conteúdo proposicional, aquilo em que se acredita, se deseja, teme, duvida” (MIRANDA, 2019, p. 137). A autora busca mostrar a importância de como as ideias são construídas mentalmente e como elas são direcionadas para a busca de conhecimento. Com isso, o conceito de Intencionalidade passou a ser um critério avaliativo, podendo ser utilizado para análises de conteúdos em plataformas digitais. Miranda (2010),

A autora considera que a noção de experiência do usuário (ou sujeito informacional) está presente no fenômeno infocomunicacional por meio deste termo, visto que a Intencionalidade do sujeito é carregada de experiências, necessidades e competências (aqui entendemos tanto as informacionais quanto as tecnológicas), entendimento, cognição e satisfação, fornecendo, inclusive, subsídios para a estruturação de sistemas e ambientes informacionais (VECHIATO; VIDOTTI, 2014, p.52).

A perspectiva do conceito de Intencionalidade do sujeito contribui com as construções de comunicações informacionais e chega, justamente, para dar respaldo às novas formas de organização e representação da informação dentro dos sites e plataformas institucionais. É a partir da visão e necessidades dos usuários nas buscas por conteúdos, que a Teoria da Intencionalidade ganha destaque e passa a ser um atributo de fundamentação para estruturação de acesso e uso da informação, “a colaboração dos sujeitos é fundamental para a evolução da Web, pois, aliada às tecnologias [...] dos Dados, vêm contribuindo sobremaneira para que novas perspectivas para ela sejam traçadas, delineando uma Web Pragmática emergente” (VECHIATO; VIDOTTI, 2014, p. 52). A Intencionalidade para a encontrabilidade da informação, vem

auxiliar o indivíduo no processo de ligar o sentido com o objeto de busca, no caso o sentido da palavra com a informação.

A partir dos pensamentos e abordagens utilizadas pelos autores sobre a Intencionalidade como teoria cognitiva, passa-se a refletir nas possibilidades de adequação que as instituições de memória que organizam e permitem o acesso às informações, através de bases de dados e repositórios digitais, como criação de redes de interação com o interagente, compartilhamento de informações, coleções e conteúdos que correlacionam com outras instituições de memória. Isto faz com que as mesmas criem ambientes de divulgação, que possam favorecer principalmente os usuários que necessitem de tipos de pesquisas diferentes, porém, com a mesma temática.

Para essa visão da Intencionalidade dentro dos repositórios de instituições de memória, há a possibilidade de utilização dos critérios ligados a essa Teoria, são eles: Direção de ajustamento, Rede e Background, Experiência e percepção. Tais critérios são baseados na teoria de Jonh Searle (1999) e propostos por Miranda (2010, 2012, 2019) para o conceito de Informação.

Diante desta proposta inferimos que a direção e ajustamento trazem ao processo da verbalização da informação com a busca a ser realizada pelo usuário, a partir da identificação dos termos para chegar à informação necessária, Searle (1999).

A rede e background proporcionam os níveis de satisfação dos estados de intencionalidade que são relacionados. A formação de suposições que giram em torno das situações que vão surgindo na busca, e até mesmo nas respostas encontradas, Searle (1999).

E finalmente experiência e percepção dentro da intencionalidade são trazidas de forma diferente, onde a experiência conduz a ligação do visual (respostas encontradas) com os desejos anteriores (respostas que necessitavam ser encontradas) através das crenças e conteúdos anteriormente adquiridos pelas vivências do indivíduo, sejam elas pessoas ou em comunidade, Searle (1999). Esses insights são formados dentro do cognitivo. Já percepção dentro desse contexto é o ato de conseguir o que a experiência não conseguiu alcançar dentro daquela atividade que anteriormente foi realizada.

Desta forma tais critérios são propostos para refletir o conceito de informação a partir da materialização na ação de busca e sua conseqüente encontrabilidade de informação. Refletir nesses critérios de intencionalidade faz com que o pesquisador entenda a importância dos conhecimentos anteriormente adquiridos para a utilização nas buscas a serem feitas, as crenças, a objetivação, os signos, etc. tudo isso para uma

análise informacional dos conteúdos que terá acesso posteriormente às pesquisas desenvolvidas.

4.2 INTEGRAÇÃO DAS LAM'S.

Pensar sobre instituições de informação como bibliotecas, museus e arquivos nos remetem às primeiras civilizações da humanidade, onde as atividades culturais de interpretação social e de produção de registros físicos independentemente do suporte habitavam os mesmos espaços. Historicamente sempre foram interligados. Percebe-se que a relação e o processo de colaboração entre si já ocorriam por meio dos estudos nas estruturas das civilizações mais antigas.

Almeida traz esse contexto da seguinte forma:

Bibliotecas, museus e arquivos são instituições que nunca chegaram a ter suas fronteiras bem demarcadas. A formação, tanto do museu antigo quanto da biblioteca, registrava a preocupação de reunir e organizar coleções para preservá-las. Coletar e organizar livros e documentos estava diretamente relacionado a coletar e organizar curiosidades, obras de arte e espécimes das ciências naturais e sua finalidade principal era o estudo e a aquisição de conhecimento (ALMEIDA, 2016, p.163).

Ao longo do tempo essas instituições citadas pelo autor ganham seus próprios espaços criando assim métodos e técnicas que especificam o tratamento de suas coleções e gerando a necessidade de profissionais específicos em cada área. Para Araújo (2014, p. 12), o “foco de interesse dos acervos fixou-se nos conteúdos constituindo arquivos, museus e bibliotecas apenas instituições a serviço dos campos de estudo da literatura, artes, história e ciência”. Imagina-se que devem existir obstáculos enfrentados pelos profissionais da informação em reformular e organizar as coleções em bibliotecas, museus e arquivos no espaço físico, porém a demanda maior está sendo formular e adaptar tais coleções em ambientes digitais onde as dificuldades de preservação, divulgação e mediação da informação são bem maiores.

Entre meados e final do século XX, com a crescente dependência da automação e do armazenamento digital, o armazenamento físico tornou-se menos importante do que as necessidades institucionais centradas no uso da informação (BATES 2012, n.p. Tradução nossa). As instituições tiveram que lidar com essa nova demanda de informação que passou a predominar nos centros de documentação e biblioteca, mudou

o foco dos profissionais a respeito do acervo e das novas necessidades dos usuários. Logo, com a finalidade de fornecer mais informações aos usuários, as unidades de informação têm se preocupado em tratar das coleções físicas, mas também das digitais. Por exemplo, os programas consistem em uma série de parcerias entre as instituições culturais -- conhecidas coletivamente como as LAM's (acrônimo em inglês para Bibliotecas, Arquivos e Museus) -- promovendo a integração de acervos. O *Online Computer Library Center* (WAIBEL) retrata da seguinte forma em seu site:

O acesso integrado a coleções é apenas um exemplo de como bibliotecas, arquivos e museus podem maximizar sua eficiência e impacto trabalhando em conjunto [...] Dados, serviços, infraestrutura tecnológica, equipe e conhecimento compartilhados podem gerar maior produtividade dentro das instituições (WAIBEL, 2018, n.p. Tradução nossa).

Trazendo um impacto favorável no gerenciamento e compartilhamento das coleções integradas, as LAM's têm como principal característica certa sobreposição de funções, dessa forma, agem em colaboração ao invés de isoladamente, criando situações vantajosas para usuários e instituições (WAIBEL, 2018). Tem-se uma notícia favorável para os centros de informação, pois:

O setor está passando por profundas mudanças impulsionadas por uma série de tendências, principalmente as decorrentes das mudanças drásticas na forma como as pessoas acessam, compartilham e se envolvem em serviços digitais e mídias sociais habilitadas por redes de bandas largas móveis. (MANSFIELD; INVERNO; GRIFFITC; DOCKERY; BROWN, 2014, n.p. Tradução nossa)

Com essa visão de cooperação entre instituições, as bibliotecas, os arquivos e os museus dos países Europeus e dos Estados Unidos estão conseguindo colocar suas coleções em evidência no meio digital, facilitando e democratizando o acesso à informação, à cultura e à memória de sua sociedade, dessa maneira, interagindo com os usuários e abrindo novos horizontes para as mais diversas formas de acesso informacional.

Essa prática de unificação encaixasse na Infosfera da informação abordada por Floridi (1999, p. 8) em suas pesquisas, o autor explica que:

A descrição e o controle computadorizados do ambiente físico, juntamente com a construção digital de um mundo sintético, estão, finalmente, interligados com uma quarta área de aplicação, representada pela transformação do macrocosmo enciclopédico de dados, informações, idéias, conhecimento, crenças, experiências codificadas, memórias, imagens,

interpretações artísticas e outras criações mentais, em uma área de informação global. A infosfera é todo o sistema de serviços e documentos, codificados em qualquer mídia semiótica e física, cujos conteúdos incluem qualquer tipo de dados de, informações e conhecimento.

O autor explica que essas estruturas são abrangentes em relação aos conteúdos que podem fazer parte de seus acervos, conta-se com uma gama de conhecimento e informações que retratam a memória, a cultura, ideais, e pensamentos onde a importância é a disseminação global e duradoura da informação. Para isso, necessitam de estratégias globais, que partam dos profissionais da Ciência da Informação que atuam nas instituições de memória. “Nestas iniciativas percebe-se que a ênfase do profissional da Ciência da Informação se desloca das preocupações de gestão dos acervos e usuários locais para a responsabilidade compartilhada por coleções mais expansivas” (JÚNIOR; MARTINS E GERMANI, 2019).

Para isso, há o cuidado de como essas coleções integralizadas podem ser estruturadas, organizadas e acessíveis, para isso ressalta-se a necessidade de políticas. Não deixando de lado as peculiaridades e especificidades de cada instituição com sua missão e acervo. Os autores Júnior; Martins e Germani (2019) descrevem as LAMS como “o movimento das instituições de memória e com o mundo LAM – que integra Bibliotecas, Arquivos e Museus, e enfatiza o acesso como a principal missão das instituições de memória na cultura digital”, com essa afirmativa confirma-se a integração das instituições de memória com as tecnologias da informação e comunicação. Não apenas dando ênfase nas interações institucionais, todavia, fazendo com que através dessas plataformas os usuários tenham acesso ao conhecimento e novos serviços e produtos criados a partir de estudos voltados ao público.

Devido a esses fatores (essenciais para as construção e manutenção das LAMs), instituições privadas e públicas por todo o mundo têm se juntado para a criação de mecanismos e políticas que facilitem essas interações, colaborando para a formação de profissionais da área de informação para ajudar no engajamento e utilização das práticas integracionistas de acervos.

5 METODOLOGIA

Nesta seção, está descrita a metodologia utilizada para a elaboração desta pesquisa. Para Rodrigues (2007, n.p) a metodologia “é um conjunto de abordagens, técnicas e processos utilizados pela ciência para formular e resolver problemas de aquisição objetiva do conhecimento, de uma maneira sistemática”. Dessa forma, pode-se afirmar que a metodologia “é o estudo dos instrumentos utilizados para se realizar uma pesquisa” (SILVA, 2018, p. 46). Com isso, se faz indispensável uma pesquisa na qual os métodos possam ser aplicados, e assim, expor um produto final a ser apresentado. Na opinião de Andrade (1994, p.121), “a pesquisa é entendida como um conjunto de procedimentos sistemáticos, baseados no raciocínio lógico que tem por objetivo encontrar soluções para o problema proposto mediante a utilização de métodos científicos”.

A proposta desta pesquisa tem um objetivo exploratório visto que busca a familiaridade com o fenômeno investigado, fazendo com que a pesquisa possa ter uma maior compreensão acerca da encontrabilidade da informação.

O estudo é de caráter descritivo porque são identificados, interpretados, analisados os fatos e, posteriormente, registrados e narrados por meio desta pesquisa, referente à transformação do panorama paradigmático do objeto englobando possibilidades de interação entre três importantes repositórios de memória do país.

Por se tratar de um estudo descritivo, a investigação tem abordagem qualitativa. Contempla as principais demandas informacionais de repositórios de memória, na atualidade, considerando as novas tecnologias.

Os levantamentos bibliográficos já feitos em bases de dados nacionais e internacionais estipuladas previamente respeitando o que a literatura apresenta sobre as temáticas da pesquisa, consistem em definir os enfoques necessários na linha da pesquisa, considerando uma perspectiva científica. Torna-se possível a realização após escolher os tópicos-chave, autores, palavras-chave, periódicos e fontes de dados preliminares (DANE, 1990). Sendo, configurada como o fator inicial para o desenvolvimento de qualquer pesquisa científica, a revisão de literatura é fundamental para os embasamentos teóricos, podendo ser desenvolvida por meio de materiais bibliográficos já elaborados como: artigos de periódicos, livros, teses, dissertações, etc. (GIL, 2007).

A investigação teórica parte dos conceitos e aprofundamentos sobre Epistemologia, Cultura Digital, Tecnologias da Informação, Movimento de Acesso Aberto, Instituições de Memória, Repositórios de instituições de memória, a partir da interação entre Biblioteca, Arquivo e Museu (LAM's), como vem sendo aplicado em diversos países na área da Biblioteconomia. Aborda os conteúdos referenciais com a temática da Encontrabilidade da Informação.

5.1 DELIMITAÇÕES DO OBJETO DE ESTUDO

A partir do momento em que entendemos as novas demandas informacionais e o crescimento de acesso da informação, percebemos a importância dos estudos das sociedades e como as novas formas tecnológicas veem crescendo conforme as necessidades de uso da informação. Ao longo da história, as tecnologias passaram a ser desenvolvidas de acordo com os perfis de usuários e se adaptaram às culturas sociais que foram se modificando.

As organizações de informação, cultura e memória precisaram rever suas estratégias de organização, acesso, disponibilização e uso de conteúdos informacionais de uma forma em que toda a sociedade a qual está inserida, pudesse interagir mesmo que não fosse no seu espaço físico. Para isso, há estudos na literatura que as coleções dessas instituições de memória necessitariam ser repensadas e seus acervos reestruturados, surgindo com isso, a criação e a adesão dos repositórios para a guarda, disponibilização e gerenciamento dessas coleções, que são de grande relevância para as instituições.

Refletir sobre essas transformações tecnológicas com um olhar paradigmático de como no decorrer dos séculos essas instituições de memória entenderam as mudanças sociais do uso da informação, as tecnologias precisaram surgir para acompanhar o crescimento informacional para disponibilizar o acesso a coleções para que estas possam ser acessadas por qualquer pessoa, em qualquer lugar. A identificação dessas mudanças tecnológicas no desenvolvimento das políticas das coleções é um fator que deve ser levado em consideração, no processo de estruturação da plataforma que contempla o acesso às coleções, e no desenvolvimento de melhores formas para o fluxo documental e informacional.

O universo estudado é o dos repositórios das instituições no país, e a amostra engloba os repositórios da Biblioteca Nacional, do Arquivo Nacional e do Museu Nacional (LAMs), a partir da análise da encontrabilidade da informação. Justifica-se que para a amostra da pesquisa, foram selecionados os repositórios dessas três instituições de Memória Nacional, por serem os principais centros documentais e informacionais do país, bem como ambientes que tratam das memórias sociais, possuindo diversos tipos de documentos informacionais de períodos históricos diferentes. A partir da seleção, foi importante proceder com a análise das políticas dos respectivos repositórios.

Com base no exposto, tem-se que se tratar de casos de estudo ao considerar o contexto das três instituições: Biblioteca Nacional, Arquivo Nacional e Museu Nacional.

Para os levantamentos bibliográficos ao nível nacional e internacional foram realizados com base na Revisão Sistemática da Literatura (RSL), e possibilitou-se investigar profundamente os temas relacionados com a pesquisa (VALENTIM, 2020). Realizou-se a busca de artigos nas bases de dados, SciELO⁷, BRAPCI⁸, no Portal de Periódicos da CAPES⁹. Além disso, trabalhos incluídos na BDTD¹⁰. A princípio, o RSL foi desenvolvido para aplicar buscas nas bases de dados para o encontro de artigos que possuem a mesma temática (VALENTIM, 2020). A meta foi identificar os artigos relacionados à Epistemologia, instituições de memória, paradigmas da C.I, a Revolução Comunicacional, Revoluções Tecnológicas, Encontrabilidade da Informação, Repositórios Digitais e LAM'S. Não houve restrições quanto ao período, mesmo sendo as temáticas recentes no âmbito da literatura, apenas para os conteúdos referentes a paradigmas e epistemologias, deu-se preferência às literaturas mais antigas para o entendimento da evolução dos mesmos, incluindo leituras desenvolvidas a partir de livros e capítulos de livros físicos. Os critérios utilizados, segundo Valentim (2020), foram os voltados aos idiomas, dando preferência aos escritos em Português e Inglês, deixando de fora outros idiomas.

As palavras-chave foram aplicadas com os operadores booleanos: 'Instituições de memória' AND Paradigmas; 'Repositórios' AND Instituições de Memória;

⁷ScientificElectronic Library Online.

⁸Base de Dados Referenciais de Artigos de Periódicos em Ciência da Informação.

⁹Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior.

¹⁰Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações.

‘Epistemologia’ AND Ciência da Informação; ‘Cultura Digital’ AND Paradigmas, ‘Encontrabilidade da Informação’ AND Repositórios Digitais, ‘LAM’S’ AND Instituições de Memória, ‘LAM’ AND Repositórios Digitais. Em inglês, os termos utilizados foram: Institutions’ AND ‘Paradigms’, ‘Repositories’ AND ‘Memory Institutions’, ‘Epistemology’ AND ‘Information Science’, ‘Digital Culture’ AND ‘Paradigms’, ‘Information Findability’ AND ‘Digital Repositories’, ‘LAM’S’ AND ‘Memory Institutions’, LAM’S’ AND ‘Digital Repositories’.

Segue o modelo de protocolo RSL desenvolvido por Valentim (2020), no Quadro 4, que foi utilizado para a investigação nas bases mencionadas acima. Cabe ressaltar que as descrições inseridas no quadro modelo são as utilizadas nesta pesquisa:

Quadro 4- Protocolo de RSL

Protocolo RSL	Descrição
Objetivo Geral	Fazer levantamento bibliográfico nas bases de dados selecionadas sobre as temáticas a serem desenvolvidas na pesquisa.
Fontes de Informação Pesquisadas	SciELO, BRAPCI, Portal de Periódicos CAPES, BDTD
Restrição temporal	O período pesquisado se refere a: SciELO- todo o período que consta na base; BRAPCI- todo o período que consta na base; Portal de Periódicos CAPES- todo o período que consta na base; BDTD- todo o período que consta na base.
Critérios de Inclusão e de Exclusão	Inclusão: Artigos em inglês e português Exclusão: Outros idiomas
Campos Pesquisados	Campos Pesquisados: - Título - Palavras-Chave - Resumo
Procedimentos de Seleção	Procedimento realizado nos textos recuperados. Leitura dos títulos, palavras-chave e resumos dos textos recuperados, no intuito de verificar a pertinência do conteúdo ao objetivo geral

	deste Protocolo RSL.
Procedimentos de Análise	Critérios: - Identificação de definições e/ou conceitos sobre Epistemologia, instituições de memória, paradigmas da C.I, a Revolução Comunicacional, revoluções tecnológicas, encontrabilidade da informação, Repositórios digitais E LAM’S e/ou os elementos constitutivos mais significativos.
Palavras-Chave Utilizadas	Português: ‘Instituições de memória’ AND Paradigmas; ‘Repositórios’ AND Instituições de Memória; ‘Epistemologia’ AND Ciência da Informação; ‘Cultura Digital’ AND Paradigmas, ‘Encontrabilidade da Informação’ AND Repositórios Digitais, ‘LAM’S’ AND Instituições de Memória, ‘LAM’ AND Repositórios Digitais. Inglês: ‘memory institutions’ AND paradigms, ‘repositories’ AND memory institutions, ‘Epistemology AND information Science, ‘Digital Culture AND paradigms, ‘Information Findability AND Digital Repositories, ‘LAM’S’ AND memory institutions, LAM’S’ AND Digital Repositories.

Fonte: (VALENTIN, 2020, p. 2. Adaptado).

Quanto à análise documental realizada, a mesma ocorreu a partir dos documentos referentes às políticas das três instituições da amostra da pesquisa e a política da GLAM’s da Europeia, Oliveira (2007) afirma que:

Análise documental caracteriza-se pela busca de informações em documentos que não receberam nenhum tratamento científico, como relatórios, reportagens de jornais, revistas, cartas, filmes, gravações, fotografias, entre outras matérias de divulgação [...] a pesquisa documental é muito próxima da pesquisa bibliográfica. O elemento

diferenciador está na natureza das fontes: a pesquisa bibliográfica remete para as contribuições de diferentes autores sobre o tema, atentando para as fontes secundárias, enquanto a pesquisa documental recorre a materiais que ainda não receberam tratamento analítico, ou seja, as fontes primárias. Essa é a principal diferença entre a pesquisa documental e pesquisa bibliográfica (OLIVEIRA, 2007, p. 69-70).

O *corpus* de documentos analisado foi o das políticas dos repositórios de instituições de memória, da amostra, como mencionado acima. Sabe-se que essas normativas, segundo a literatura, necessitam estar disponíveis nas plataformas para que seja de consulta dos usuários.

Com os parâmetros de viabilidade analisados, de acordo com as políticas empregadas pela Europeia, surgiu o intuito de divulgação das instituições de memória da Europa, dando acesso às coleções de diversas áreas. O foco era o de reunir estratégias e recursos inovadores de informação e comunicação para que as coleções dessas instituições tivessem uma boa visibilidade, a partir de um bom desempenho tecnológico para o acesso e uso (NOGUEIRA; ARAÚJO, 2016).

O instrumento de coleta de dados para esta pesquisa é um conjunto de perguntas de pesquisa, direcionada aos gestores dos repositórios das instituições de memória da amostra, que “é uma das técnicas de coleta de dados considerada como sendo uma forma racional de conduta do pesquisador, previamente estabelecida, para dirigir com eficácia um conteúdo sistemático de conhecimentos, de maneira mais completa possível, com o mínimo de esforço de tempo” (ROSA; ARNOLDI, 2006, p. 17).

Sendo assim, nessa etapa da pesquisa o método utilizado seria o da encontrabilidade da informação que segundo Sanchez; Vechiato; Vidotti (2019), esse método traz uma reflexão, de qual modo à informação pode ser disponibilizada, organizada, representada e armazenada para a utilização do usuário em ambientes digitais, como: repositórios, sites e plataformas, tendo como principal objetivação o acesso e uso da informação. Visa dessa forma, colocar o usuário como ator central na construção e elaboração das bases a partir dos parâmetros que qualificam a informação nesse meio.

Com isso, a organização das perguntas elaboradas buscou entender as questões referentes à estrutura das plataformas que Ferreira e Vidotti (2016) trazem, a encontrabilidade atua como o estudo dos elementos que realizam a conjuntura interna para que as instituições conduzam o conteúdo de forma que seja claro ao usuário. Para que isso possa acontecer o método de encontrabilidade trabalha com três elementos: o

contexto, o uso e o usuário que se fizeram presentes na elaboração do instrumento de coleta de dados.

O instrumento auxilia na busca pelo entendimento de como a encontrabilidade pode ser viabilizada nessas LAM's. As perguntas de análise foram feitas de forma aberta e estruturada. Procurou-se entrar em contato com os responsáveis pelos repositórios das instituições de memória (Biblioteca Nacional, Arquivo Nacional e Museu Nacional), por meio de seus respectivos e-mails. Para a construção das perguntas, abordou-se sobre: os conteúdos de LAM's, as coleções das respectivas instituições, o conceito de encontrabilidade da informação como a Intencionalidade e seus critérios (direção de ajustamento, rede e *background*, experiência e percepção) (MIRANDA, 2010, 2012, 2019).

Após a elaboração do roteiro das perguntas ocorreu o envio das questões de análise pelo *Google forms* para os e-mails fornecidos pelas instituições. A análise dos dados se deu por meio de análise de conteúdo e cotejamento com a revisão teórica.

As análises das perguntas foram feitas e projetadas junto com as análises das plataformas e as respectivas políticas dos repositórios.

Segue abaixo, o quadro sintético com o detalhamento da metodologia de acordo com os objetivos propostos:

Quadro 5- Síntese Metodológica

Objetivos	O que foi realizado	Procedimentos
Entender as transições epistemológicas a partir dos paradigmas custodial e pós-custodial;	Foram realizados estudos para a fundamentação teórica desta pesquisa.	Levantamento bibliográfico conforme detalhado.
Verificar os critérios de encontrabilidade na política da Europeana;	Foi realizada investigação no website oficial da Europeana e também, estudo da sua política.	Análise da plataforma Europeana e de documento.
Estruturar questões sobre as políticas de coleções da Biblioteca Nacional, do Arquivo Nacional e do Museu Nacional;	Foram estruturadas questões sobre as políticas de coleções da Biblioteca Nacional, do Arquivo Nacional e do Museu Nacional, com conteúdos sobre encontrabilidade da informação, LAMs e políticas de coleções.	Aplicação de questionários às instituições de memória.
Propor iniciativas para encontrabilidade em LAMs.	A partir das análises realizadas na estrutura do website da Europeana, na política da Europeana, nas plataformas das instituições nacionais e a fundamentação teórica encontrada.	Análises nas plataformas das instituições pesquisadas, em documentos e materiais bibliográficos.

Fonte:Elaborado pela Pesquisadora.

6. ANÁLISES DA PESQUISA

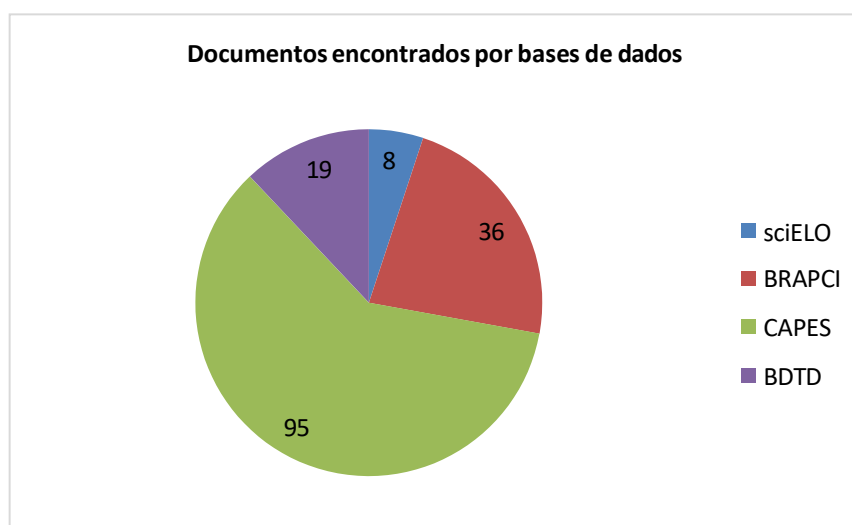
Este tópico contempla as análises realizadas ao longo da pesquisa para contemplar as proposições da mesma.

6.1 ANÁLISES DO RSL DA DISSERTAÇÃO

Para a análise do RSL da dissertação foi criada uma tabela que ajudou a afunilar e especificar a pesquisa a ser realizada. A mesma foi criada com base no protocolo de Revisão Sistemática da Leitura (RSL), estabelecendo os critérios de pesquisa. Os critérios foram aplicados nas bases de dados SciELO, BRAPCI, Portal de Periódicos CAPES e na BDTD.

A partir dos critérios estabelecidos e aplicados nas quatro bases de dados selecionadas conseguiu-se recuperar um total de cento e cinquenta e oito (158) documentos que têm em suas temáticas principais: Epistemologia, Instituições de Memória, Paradigmas da C.I, Revolução Comunicacional, Revoluções Tecnológicas, Encontrabilidade da Informação, Repositórios Digitais, e LAM's ligadas aos conteúdos de pesquisas. Esses cento e cinquenta e oito (158) itens bibliográficos estão distribuídos da seguinte forma: oito (8) foram encontrados na SciELO, trinta e seis (36) documentos foram encontrados na Brapci, noventa e cinco (95) títulos foram encontrados no portal de Periódicos Capes e dezenove (19) documentos na BDTD.

Gráfico 1- Quantitativos de documentos encontrados por base de dados



Fonte: Dados coletados para a pesquisa.

De acordo com o levantamento realizado foram encontrados artigos, livros, capítulos de livros, coleções de dados, vídeos, apresentações de materiais didáticos (aulas).

Com base nas buscas pelos títulos, palavras-chave e resumo nos idiomas de português e inglês as produções se encontram da seguinte forma:

Quadro 6- Coleta SciELO

Português	Quantidade		Inglês	Quantidade	Total
‘Instituições de memória’ AND Paradigmas	-		‘memory institutions’ AND paradigms.	1	
‘Repositórios’ AND Instituições de Memória	-		‘repositories’ AND memory institutions	-	
‘Epistemologia’ AND Ciência da Informação	5		‘Epistemology’ AND information Science	2	
‘Cultura Digital’ AND Paradigmas	-		‘Digital Culture’ AND paradigms	-	
‘Encontrabilidade da Informação’ AND Repositórios Digitais	-		‘Information Findability’ AND Digital Repositories	-	
‘LAM’S’ AND Instituições de Memória	-		‘LAM’S’ AND memory institutions	-	
‘LAM’ AND Repositórios Digitais	-		LAM’S’ AND Digital Repositories	-	8

Fonte: SciELO

Com os termos utilizados na tabela do quadro (1) um, as produções encontram-se em maior quantitativo justamente nos termos ligados a ‘Epistemologia’ AND ‘Ciência da Informação’, com cinco (5) publicações encontradas, enfatizando a grande concentração de cientistas que produzem e buscam nessa área, fortalecendo dessa forma a rede de estudos etimológicos ligados a Ciência da Informação. Nos termos de língua

inglesa o termo ‘Epistemology’ AND ‘Information Science’ com duas (2) publicações encontradas.

Dessa forma contabiliza-se ao total oito (8) produções encontradas na plataforma Scielo. Diferentemente na plataforma Brapci houve um resultado consideravelmente superior com um total de trinta e seis (36) publicações com os termos encontrados, pode-se ver na tabela que segue abaixo.

Quadro 7- Coleta BRAPCI

Português	Quantidade		Inglês	Quantidade	Total
‘Instituições de memória’ AND Paradigmas	3		‘memory institutions’ AND paradigms,	-	
‘Repositórios’ AND Instituições de Memória	4		‘repositories’ AND memory institutions	-	
‘Epistemologia’ AND Ciência da Informação	21		‘Epistemology’ AND information Science	2	
‘Cultura Digital’ AND Paradigmas	-		‘Digital Culture’ AND paradigms	-	
‘Encontrabilidade da Informação’ AND Repositórios Digitais	6		‘Information Findability’ AND Digital Repositories	-	
‘LAM’S’ AND Instituições de Memória	-		‘LAM’S’ AND memory institutions	-	
‘LAM’ AND Repositórios Digitais	-		LAM’S’ AND Digital Repositories	-	36

Fonte: BRAPCI

Com os termos utilizados na tabela do quadro (2) dois, as produções encontram-se da seguinte forma:

- ✓ Com o termo ‘Instituições de memória’ AND ‘Paradigmas’, foram encontrados três (3) produções;
- ✓ Com o termo ‘Repositórios’ AND ‘Instituições de Memória’, foram encontrados quatro (4) produções;

- ✓ Com o termo ‘Epistemologia’ AND ‘Ciência da Informação’, foram encontrados vinte e um (21) produções;
- ✓ Com o termo ‘Encontrabilidade da Informação’ AND ‘Repositórios Digitais’, foram encontrados seis (6) produções;
- ✓ Com o termo ‘Epistemology’ AND ‘Information Science’, foram encontrados duas (2) produções.

Percebe-se que os termos que mais surgiram nas pesquisas foram os termos que envolvem a Ciência da Informação ligada às instituições de memória e epistemologia, mostrando, com isso, a consolidação das temáticas no Brasil. Os termos Encontrabilidade da Informação tiveram um percentual significativo, isso mostra que os estudos na área estão sendo bem aceitos e ganhando espaço. Quanto aos demais termos empregados não foram encontrados publicações na base acessada.

Ao utilizar o Portal de Periódicos CAPES na busca pelos termos da pesquisa para o embasamento bibliográfico, encontramos um total exponencial de 95 produções divulgadas e de acesso aberto, como podemos ver no quadro 3.

Quadro 8- Coleta Portal de Periódicos CAPES

Português	Quantidade		Inglês	Quantidade	Total
‘Instituições de memória’ AND ‘Paradigmas’	-		‘memory institutions’ AND ‘paradigms’	4	
‘Repositórios’ AND ‘Instituições de Memória’	-		‘repositories’ AND ‘memory institutions’	-	
‘Epistemologia’ AND ‘Ciência da Informação’	40		‘Epistemology’ AND ‘Information Science’	40	
‘Cultura Digital’ AND ‘Paradigmas’	2		‘Digital Culture’ AND ‘Paradigms’	7	
‘Encontrabilidade da Informação’ AND ‘Repositórios Digitais’	2		‘Information Findability’ AND ‘Digital Repositories’	-	
‘LAM’S’ AND	-		‘LAM’S’ AND	-	

Instituições de Memória.			'Memory Institutions'		
'LAM' AND 'Repositórios Digitais'	-		'LAM'S' AND 'Digital Repositories'	-	95

Fonte: Periódicos CAPES.

- ✓ Com o termo 'Epistemologia' AND 'Ciência da Informação', foram encontrados quarenta (40) produções;
- ✓ Com o termo 'Cultura Digital' AND 'Paradigmas', foram encontrados duas (2) produções;
- ✓ Com o termo 'Encontrabilidade da Informação' AND 'Repositórios Digitais', foram encontrados duas (2) produções;
- ✓ Com o termo 'Memory Institutions' AND 'Paradigms', foram encontrados quatro (4) produções;
- ✓ Com o termo 'Epistemology' AND 'Information Science', foram encontrados quarenta (40) produções;
- ✓ Com o termo 'Digital Culture' AND 'Paradigms', foram encontrados sete (7) produções;

Percebe-se que na plataforma CAPES há uma grande concentração de produções com as temáticas de 'Epistemologia' AND 'Ciência da Informação' tanto em português quanto em inglês. Coincidentemente os termos que registraram maior quantitativo foram 'Epistemologia' AND 'Ciência da Informação' e sua tradução 'Epistemology' AND 'Information Science'. Apontando que possivelmente são as mesmas produções que foram retiradas dos *abstracts*, keywords e o título traduzido para o inglês. Chama-se atenção também para os termos 'Digital Culture' AND 'Paradigms', onde foram encontradas sete (7) produções que passam a ganhar destaque na busca com sete (7) produções encontradas.

O que se difere da BDTB onde foram encontradas 19 produções publicadas e todas em português, nenhum termo em inglês foi encontrado. Como mostra o Quatro 4 da coleta feita.

Quadro 9- Coleta BDTD

Português	Quantidade		Inglês	Quantidade	Total
‘Instituições de Memória’ AND ‘Paradigmas’	-		‘Memory Institutions’ AND ‘Paradigms’.	-	
‘Repositórios’ AND ‘Instituições de Memória’	-		‘Repositories’ AND ‘Memory Institutions’.	-	
‘Epistemologia’ AND ‘Ciência da Informação’	18		‘Epistemology’ AND ‘Information Science’.	-	
‘Cultura Digital’ AND ‘Paradigmas’	1		‘Digital Culture’ AND ‘Paradigms’	-	
‘Encontrabilidade da Informação’ AND ‘Repositórios Digitais’	-		‘Information Findability’ AND ‘Digital Repositories’	-	
‘LAM’S’ AND ‘Instituições de Memória’	-		‘LAM’S’ AND ‘Memory Institutions’	-	
‘LAM’ AND ‘Repositórios Digitais’	-		‘LAM’S’ AND ‘Digital Repositories’	-	19

Fonte: BDTD

Os termos encontrados foram:

‘Epistemologia’ AND ‘Ciência da Informação’ com dezoito (18) produções e ‘Cultura Digital’ AND ‘Paradigmas’ apenas com uma (1) produção. Dessa forma podemos constatar com o resultado das buscas que tem aumentado, mesmo que lentamente, as publicações envolvendo os temas da pesquisa no idioma português. Mostrando com isso, uma adesão dos autores sobre a reflexão de novas pesquisas que favorecem o acesso aberto aos materiais informacionais das instituições de memória e informação e como esses materiais podem ser melhor acessados e utilizados pelos interagentes.

Com as buscas realizadas, identifica-se que os estudos em epistemologia da informação, memória e informação são temáticas consolidadas nas línguas na qual a busca foi feita, os termos encontrabilidade da informação e culturas digitais estão em um período de crescimento de investigação e as LAM's ainda apresenta caminhos que necessitam ser percorridos, principalmente no Brasil.

6.2 ANÁLISES GLAM EUROPEANA E SUAS COLEÇÕES

É a colaboração de três instituições que visam o acesso de dados e conteúdos dos patrimônios culturais a partir da disseminação digital. Visa o crescimento da identidade da Europa por meio do acesso das coleções das suas galerias, bibliotecas, arquivos e museus. Tem por tripé três instituições, que juntas impulsionam a divulgação dos conteúdos que integram o site, são elas: Fundação Europeia¹¹, Associação de Rede Europeia¹² e o Fórum de Agregadores¹³.

As instituições citadas acima têm como principais características reunir profissionais e instituições do setor da cultura e memória de toda Europa. Fazendo com que as mesmas passem a ter melhores práticas digitais abertas para as suas coleções, tornando-as assim transparentes e seus acervos de uso e reuso para a construção de mais informação e conhecimento. Apoiando novas práticas tecnológicas de disponibilização dos conteúdos por parte das instituições.

Devido à integração das coleções de varias instituições de memória e cultura da Europa, como: galerias, bibliotecas, arquivos e museus (*galleries, libraries, archives, museums* – GLAM's). Analisamos como case de sucesso, pois a mesma é um referencial de GLAM's para todo o mundo.

¹¹A *Europeana Foundation* é uma organização independente e sem fins lucrativos que opera a plataforma Europeia e contribui para outras iniciativas digitais que colocam o patrimônio cultural em bom uso no mundo. Ajudando a desenvolver uma sociedade aberta, conhecedora e criativa (EUROPEANA, 2022).

¹² A *Europeana Network Association* (ENA) é uma comunidade forte e democrática de especialistas que trabalham no campo do patrimônio cultural digital. Estamos unidos por uma missão compartilhada de expandir e melhorar o acesso ao patrimônio cultural digital da Europa. A associação é livre e encorajamos os nossos membros a desenvolverem-se e beneficiarem de tudo o que a ENA tem para oferecer (EUROPEANA, 2022).

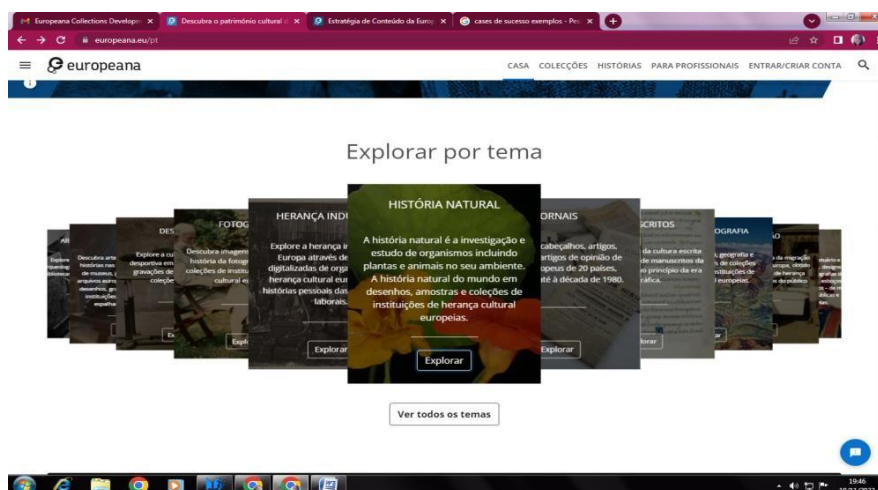
¹³ Os agregadores trabalham com instituições de patrimônio cultural para recolher dados autênticos, confiáveis e robustos e torná-los acessíveis através da Europeia. Trabalhando para trocar conhecimentos e melhores práticas que apoiam o seu trabalho (EUROPEANA, 2022).

6.2.1 Organização das Coleções no site

A instituição divulga materiais informacionais de 3700 instituições de memória, informação e cultura, gerenciando cerca de 31.341.691 imagens, 23.427.939 textos, 667.709 áudios, 343.309 vídeos e 5.843 imagens tridimensionais. Fornecendo aos profissionais, professores e investigadores conteúdos sobre o patrimônio cultural da Europa em um ambiente digital. O intuito é dar acesso a todos os europeus e sua história, cultura e memória fazendo com que além da apropriação gerem mais conteúdos que possam posteriormente serem divulgados e compartilhados, crescendo dessa forma, o número de conteúdos e conhecimentos acerca das temáticas. Servindo de inspiração para outras instituições de todo o mundo, a Europeana incentiva o acesso aberto a informação de forma gratuita e o compartilhamento da memória por meio de sua base de dados (Europeana, 2022).

Em exemplificação, tem-se coleções expostas na plataforma de acordo com os macro-temas: Arte, Segunda Guerra Mundial, Arqueologia, etc., como mostra a Figura 2:

Figura 2- Disposições das coleções dentro da plataforma

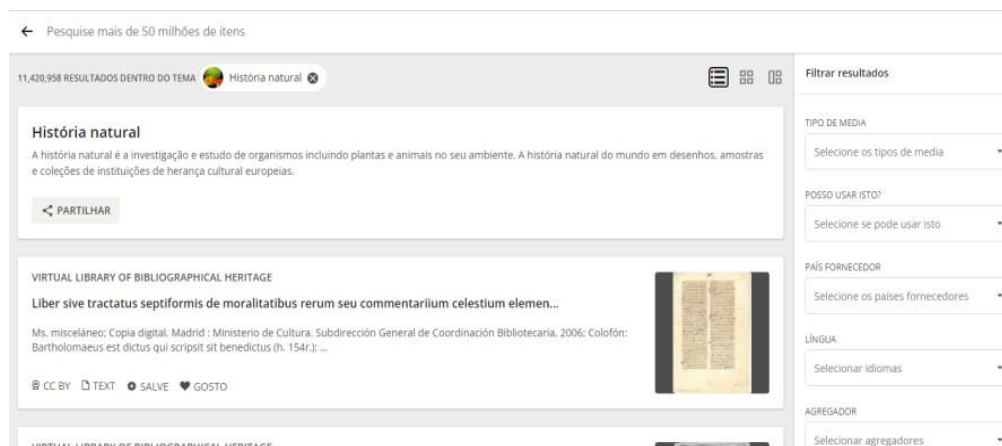


Fonte: <https://www.europeana.eu/pt>.

Dentro dessas pastas estão os conteúdos relativos às temáticas, retratados em pinturas, documentos arquivísticos, livros, esculturas e imagens de objetos tridimensionais como apresentado na Figura 3. Ao clicar no objeto informacional escolhido o usuário será redirecionado à instituição que detém o domínio. Dessa forma, o usuário poderá ter informações específicas sobre a obra. No ambiente da Europeana, o

pesquisador tem acesso apenas a dados gerais e links de outros documentos do mesmo período. Quando o usuário é redirecionado à instituição de autoridade, passa a ter mais informações e um resumo do documento.

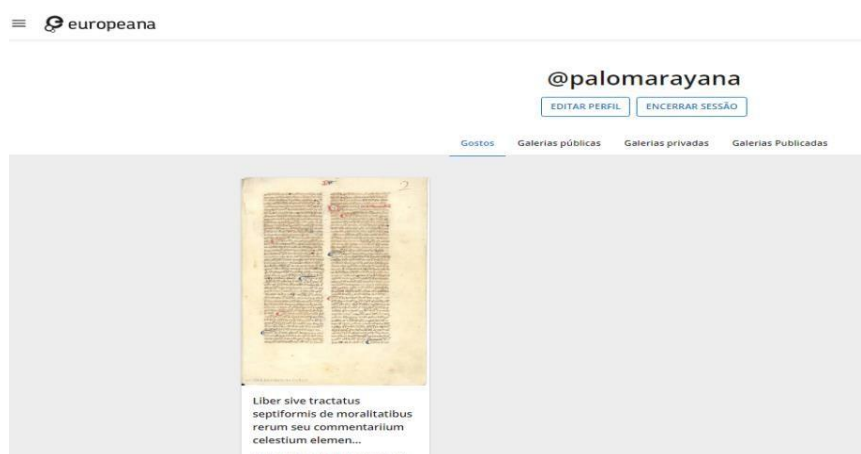
Figura 3- Disposições dos conteúdos dentro das pastas temáticas



Fonte: <https://www.europeana.eu/pt/collections/topic/156-natural-history?view=list>.

Ainda sobre o site da instituição, a mesma permite que o usuário crie um perfil interativo onde ele pode salvar os documentos pesquisados e compartilhar com outros usuários, criando dessa forma, uma rede de acesso aos conteúdos por pesquisadores de uma mesma área ou correlacionados à pesquisa. O usuário pode criar suas próprias galerias públicas ou privadas, como consta na Figura 4.

Figura 4: Área do perfil do usuário Europeana



Fonte: <https://www.europeana.eu/pt>.

6.2.2 Política de Conteúdo Estratégico Europeana

Ao analisar o conteúdo disponibilizado pela Europeana para a estruturação de suas coleções, logra-se entender que a mesma não possui uma estrutura política de desenvolvimento de coleções definida. Mas, há disponível um Manual intitulado “*Europeana Content Strategy*”, onde ficam claros os objetivos principais dessa instituição Europeana, o foco da mesma, além de difundir a cultura e a memória da Europa por meio das instituições parceiras, e ainda, gerar novos produtos que possam ser utilizados por todos os usuários (Europeana, 2022).

Para isso, a pesquisa e o levantamento dos gostos e costumes devem ser feitos periodicamente, utilizando as respostas não apenas para melhorar o sistema de atendimento ou uso dos conteúdos, mas também captando informações que entendam os gostos e as práticas.

O Manual é dividido em dois grandes capítulos, o primeiro aborda justamente a questão dos “Princípios das Estratégias de Conteúdo da Europeana”, explicando o foco na qualidade ao invés da quantidade e, Aquisição e publicação de conteúdo orientados pelas demandas trazidas pelos próprios interagentes. O segundo capítulo “Prioridades” para aquisição de conteúdo onde se atenta para as questões voltadas à Demanda do usuário para a Europeana, Coleções temáticas da Europeana, Qualidade dos dados, Tipo de conteúdo relevante para a Europeana, Intervalo de datas de conteúdo relevante para a Europeana, Escopo geográfico da aquisição de conteúdo, objetos não digitais e Acesso a objetos digitais, Obras-primas e coleções menos conhecidas para Europeana (Europeana, 2022).

Podemos perceber que a organização e incorporação de conteúdos da instituição são formuladas a partir da missão e do foco institucional, levando ao entendimento de que nem todos os conteúdos das instituições de memória são englobados à base.

6.3 COLETA DAS INSTITUIÇÕES DE MEMÓRIA

Devido à importância das instituições de memória nacionais na construção e preservação da cultura, história e informação do país, viu-se a necessidade de analisar as coleções digitais da Biblioteca Nacional, Arquivo Nacional e Museu Nacional para uma possível integração das mesmas em uma única plataforma, em que a análise foi realizada a partir dos pontos encontrados no repositório da Europeana como parâmetro.

Foram analisadas as localizações das coleções dentro do website, as formas de busca que podem ser utilizadas pelos usuários, a política das coleções ou plano de estruturação dos acervos. Abaixo segue a análise realizada dentro do website da Biblioteca Nacional. O primeiro ponto é que a instituição não possui um repositório, porém um website onde mantém seus acervos.

6.3.1 Biblioteca Nacional

A Biblioteca Nacional, situada no Rio de Janeiro, tem por finalidade principal atualmente executar políticas governamentais de acesso, uso, guarda e preservação da produção intelectual do País, possuindo um acervo de cerca de 10 milhões de itens. A instituição possui 200 anos e engloba coleções importantíssimas para a história e cultura do Brasil e da América Latina. Estando entre uma das dez (10) maiores bibliotecas nacionais do mundo e a maior da América Latina. A mesma teve origem depois do incêndio que aconteceu na Livraria Real em Lisboa em 1º de novembro de 1755¹⁴.

As coleções que estão disponíveis no âmbito digital estão separadas em quatro acervos que ficam disponíveis no website, são eles: BNdigital (biblioteca digital) Hemeroteca Digital (periódicos digitalizados, Brasiliana fotografias (preservação de imagens digitalizadas) e a Biblioteca Digital Luso-Brasileira (parceria entre a BN e a Biblioteca Nacional de Porto).

Figura 5- Página BN.



Fonte: <https://antigo.bn.gov.br/>.

¹⁴ Informação retirada da página da própria biblioteca. Disponível em: <https://antigo.bn.gov.br/sobre-bn/historico>.

Ao entrar nas coleções, o usuário é redirecionado a outra página se deparando com uma área de busca onde o mesmo pode pesquisar o periódico por título, período (ano) e local de publicação, se for fotos e imagens a busca poderá ser feita por período ou temática. No acervo Luso-Brasileira a busca pode ser realizada por palavras-chave e temáticas; Na biblioteca digital o pesquisador tem a opção da busca avançada, podendo detalhar: autor, obra, ano, título ou palavras-chave, idioma, coleção, etc. Podemos ver essa busca através da Figura 6 retratando a busca dentro do acervo. Infelizmente, no website, não foi encontrada a política da instituição referente às suas coleções.

Figura 6- Pesquisa na BNdigital.

The screenshot displays the 'ACERVO DIGITAL' search interface. At the top, there are navigation links: 'Home', 'Pesquisa' (with a magnifying glass icon), and 'Minha seleção' (with a shopping cart icon). Below these are links for 'Ajuda', 'Acessibilidade', and 'Alto contraste'. The main search area is divided into 'Busca rápida' and 'Busca combinada'. Under 'Busca combinada', there are several dropdown menus and input fields: 'Todos os campos' (set to 'Todos os campos'), 'Título', 'Autor', 'Assunto', 'Últimas aquisições' (with a date picker), 'Ano edição', 'Coleção', 'Acervo', 'Material', 'Idioma', and 'Ordenação' (set to 'Título - crescente'). There are also 'Buscar' and 'Limpar' buttons. At the bottom, there is a checkbox for 'Registros com conteúdo digital' and a large image of a library interior.

Fonte: <http://bndigital.bn.gov.br/acervodigital/>.

A partir da imagem, pode-se analisar a quantidade de recursos que o usuário tem para obter uma pesquisa mais refinada, com detalhamentos de informação, onde não se faz necessário o preenchimento de todos os campos. O pesquisador poderá escolher quais espaços preencher de acordo com as informações que achar pertinente.

A política de coleções da Biblioteca Nacional, ou diretrizes direcionadas ao gerenciamento das mesmas não foram encontradas no website, como referido acima, nem foram fornecidas por e-mail pela instituição ou responsável, quando solicitado para esta pesquisa.

Entretanto, o responsável pela instituição respondeu às questões de análise, que possibilitaram congrega informações importantes acerca da temática em pesquisa. As questões de análise foram desenvolvidas em 15 quesitos divididos em 6 seções. A

primeira seção traz a apresentação da pesquisa; na segunda seção, os termos de autorização de divulgação; na terceira seção, a identificação da instituição e responsáveis; na quarta seção, estão as políticas das coleções digitais; na quinta seção, abordamos sobre a encontrabilidade da informação; e, na sexta seção, as LAM's.

Segue abaixo, o roteiro das perguntas juntamente com as respostas fornecidas pelo responsável da Biblioteca Nacional. Com relação à autorização e ao consentimento, no caso do (a) respondente concordar em participar da pesquisa, foi informado que os resultados obtidos seriam utilizados para fins acadêmicos. O mesmo concordou com a divulgação das informações. *A priori* foram feitas perguntas a respeito da instituição e o responsável que estava à frente para responder, como nome da instituição e cargo do responsável. O respondente tem cargo de Coordenação na área Digital da BN.

Entretanto, nos contextos das temáticas expostas na pesquisa, na primeira questão, procurou-se saber sobre os impactos das transformações tecnológicas no desenvolvimento das coleções institucionais, e sobre a periodicidade em que as políticas das coleções são revisadas. Sobre esse questionamento o respondente afirmou que: *“Tem colegiados permanentes que avaliam em uma periodicidade fixa”*. Não houve especificação do período.

Na segunda questão, ainda a respeito das coleções, foram questionados quais os tipos de políticas que a instituição possui no ambiente digital. A resposta que obtivemos foi: *“há políticas de digitalização e políticas de preservação digital”*.

A terceira questão foi formulada a partir dos conteúdos de encontrabilidade da informação principalmente com referência ao atributo de intencionalidade. Sobre essa temática foi indagada como a formulação das políticas de acesso às coleções precisam ter o foco voltado para as melhores práticas de busca para a encontrabilidade, e de que forma a instituição estrutura ou pretende estruturar as políticas para que haja a facilidade de acesso aos conteúdos disponibilizados pela instituição?

Em resposta, afirmou-se que: *“buscamos adequar os meios existentes à melhor experiência para os usuários, mantemos canais abertos e estudos específicos para melhor difusão de cada tipo de conteúdo”*. Não houve menção acerca dos canais que os funcionários mantêm contato.

Sobre a quarta questão, sabemos da necessidade de organização dentro da plataforma de forma que possa ser viável a busca por construções que levem em consideração as experiências e habilidades do sujeito; com essa afirmativa, questionou-

se à instituição se no momento da formulação dos padrões de acesso, são consideradas as experiências e habilidades do sujeito para desenvolver uma boa estruturação das coleções dentro das plataformas, ou seja, leva-se em consideração o comportamento prévio do usuário de acordo com o perfil? E a resposta foi: *“Sim, levamos em consideração os diferentes perfis de usuários”*.

Na questão de número cinco, questionou-se sobre a política de metadados, se aborda a descrição das informações dos documentos, conduzindo assim, a direção na qual o interagente (usuário) chegará às informações. Esse direcionamento é ou será estruturado a partir de quais princípios? Leva ou levará em conta a análise das intenções desse usuário?

Obteve-se como resposta do coordenador: *“Sim, levamos em conta as intenções dos usuários, mas as estruturas dos metadados seguem padrões da FBN baseados em normas nacionais e internacionais”*.

Na sétima questão, foi levantado que as instituições tiveram que lidar com as novas demandas de informação que passaram a predominar nos centros de documentação, bibliotecas, no formato digital, mudando dessa forma, o foco dos profissionais a respeito dos acervos e das novas necessidades dos usuários, visando essas novas mudanças, quais as maiores dificuldades que os profissionais e a própria instituição vem passando para adequar as novas necessidades informacionais?

Em resposta, temos: *“Manter-se atualizada com as novas tecnologias e desenvolver novos programas para toda cadeia de processos da digitalização”*.

As próximas questões feitas para a instituição passaram a ter a temática das LAM's na sua construção, foi feita uma breve apresentação sobre o assunto e foi indicado o exemplo da Europeana como proposta de sistema antes de sugerir as questões.

Com isso, a oitava questão foi abordada da seguinte forma: Há o cuidado de como essas coleções integralizadas podem ser estruturadas, organizadas e acessíveis, para isso ressalta-se a necessidade de políticas. Políticas que necessitam ser pensadas por uma equipe multidisciplinar. Por isso, ao total quantos funcionários integram a equipe de organização das coleções digitais e quais áreas de formação dos mesmos?

Como resposta obtivemos: *“Cinco funcionários: bibliotecário, historiador, arquivista e geógrafo”*.

A nona questão contemplou o tema da integração nesta abordagem da pesquisa: Já era de conhecimento esse tipo de integração entre instituições de memória e informação? A resposta foi: “Não”.

A décima indagação foi esta: A instituição já pensava nessa possibilidade de integralizar as coleções com outras instituições? Se sim, quais? E a resposta foi a seguinte: “Sim, já desenvolvemos programas nesse sentido. Programas de integração baseados em portais temáticos e agregadores de conteúdo, como o Portal da Brasileira Fotográfica, Rede de Memória Virtual da Brasileira, parceria entre Biblioteca Nacional da França e a Biblioteca Nacional do Brasil, Biblioteca Digital Luso-Brasileira, etc.”

Na décima primeira questão ainda sobre o processo de integração das coleções, abordou-se, que para o processo de integração das coleções institucionais possa acontecer é necessário que as instituições tenham um quantitativo de conteúdos já disponíveis em uma plataforma e de acesso não restrito, logo, pergunta-se: a instituição na qual você presta serviço tem uma periodicidade de atualizações das coleções disponibilizadas? Obteve-se a resposta do coordenador: “Sim, mas não tem uma periodicidade, é dinâmico”. Entende-se, então, que existem atualizações frequentes, sem uma periodicidade prefixada.

Na décima segunda e última pergunta, foi indagada a opinião do respondente sobre quais os pontos positivos e negativos de uma possível parceria com outras instituições de memória? A resposta foi a seguinte: *“Parcerias são fundamentais para qualquer iniciativa de acervos memoriais. Já os pontos negativos, não consideramos dessa forma, porém iniciativas dessa natureza requerem cuidados nos protocolos de segurança, direito autoral, normas, padrões e metadados”*.

A partir das questões de análise acima, foi identificado que a instituição compreende a importância do estudo do comportamento cognitivo dos usuários para elaborar e traçar os padrões de organização da informação na base. Porém, mesmo compreendendo essa necessidade, a instituição segue padrões já preestabelecidos nacional e internacionalmente. As políticas que a mesma utiliza são de digitalização e preservação, com isso compreende-se que o intuito maior é trazer as coleções do físico para o digital para que as mesmas possam continuar sendo utilizadas em outro formato, porém, continua se fazendo necessária uma política de como essas coleções podem ser acessadas e dinamizadas pelos usuários.

Entende-se que tanto a temática de encontrabilidade da informação quanto as LAM's são pouco conhecidas no Brasil por pesquisadores e profissionais da área da

informação, com isso, as práticas de estudo de usuários e comportamentos de busca e pesquisa são voltados para área de produtos e serviços, porém destaca-se que se faz necessário um olhar mais atento para a organização, padronização dos sites segundo os diversos tipos de usuários, inclusive pessoas com deficiência (PCD), considerando todos os pesquisadores, usuários e cidadãos que precisem da utilização da plataforma que possuam (ou não) quaisquer dificuldades ou limitações de busca. Instituições que já possuem vínculos com outras instituições de informação e memória tem forte diferencial e potencial para tais transformações em seus acervos e coleções, pois é de grande importância para a sociedade. Ressalta-se a necessidade de construção de políticas de coleções integradas nas instituições e, também, diante de parcerias, viabilizando a estruturação de um repositório integralizado por instituições que queiram divulgar suas coleções juntamente com outras; logo, para isso o panorama precisa ser estudado de acordo com os objetivos de cada uma delas, buscando, sobretudo, uma congregação viável.

6.3.2 Arquivo Nacional

O Arquivo Nacional foi criado no ano de 1838, com o intuito de manter a guarda dos documentos relativos administração pública da época. Chegando a ser conhecido primeiramente como Arquivo Público do Império. Foi uma organização em momento que o governo procurava consolidar o Estado como nação independente, para isso, passaram a entender que a necessidade de organização das documentações institucionais¹⁵ era algo importante a se fazer.

Em primeiro momento era organizada em três seções: legislativa, administrativa e histórica. Somente a partir de 1876 foram criadas as seções jurídica, biblioteca e mapoteca. As características de documentos administrativos permaneceram mais evidentes após a proclamação da república, onde passou a ter o nome atual (GABLER, 2015).

As coleções do Arquivo Nacional estão disponíveis dentro da plataforma, porém para encontrá-las o usuário que está acessando pela primeira vez não consegue

¹⁵ Informações retiradas do site da biblioteca nacional: <http://mapa.an.gov.br/index.php/dicionario-primeira-republica/539-arquivo-nacional#:~:text=O%20Arquivo%20Nacional%20foi%20criado,independente%20e%20estruturar%20suas%20institu%C3%A7%C3%B5es>.

encontrar com facilidade, não há na página principal um link que o direcione às coleções, como pode ser observado na Figura 7. É preciso que o pesquisador faça uma busca pelo termo Sistema de Informações do Arquivo Nacional (SIAN) ou procure na página os tutoriais que ensinam a como pesquisar. É importante destacar que os tutoriais foram feitos com a versão antiga do site, onde as formas de consultas e o próprio layout eram mais dedutivos, facilitando a utilização do site.

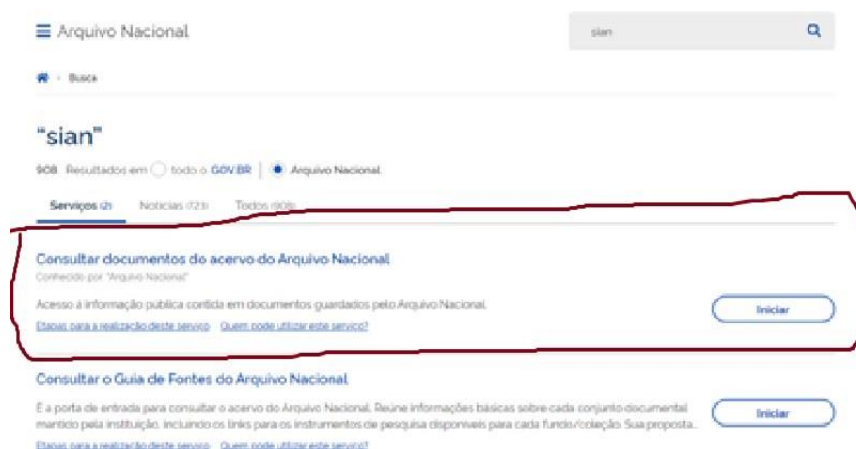
Figura 7- Página principal do Arquivo Nacional.



Fonte: <https://www.gov.br/arquivonacional/pt-br>.

Ao fazer a busca pelo SIAN, o site redireciona o pesquisador para outra plataforma fornecendo as opções para melhor suprir a necessidade de pesquisa. No acesso para a busca de documentos será necessária a primeira opção, “consultar documentos do acervo do Arquivo Nacional”, como mostra a figura (8) em sequência.

Figura 8- Busca pelo termo SIAN.



Fonte: <https://www.gov.br/arquivonacional/pt-br/search?SearchableText=sian>.

Ao clicar na opção “iniciar” o pesquisador, passa a ter acesso a página de login do SIAN onde terá que criar *login* e senha de acesso ou utilizar o acesso do gov.br, como a Figura 9 nos mostra, para localizar as guias de acesso para a busca pelos documentos digitalizados; se o pesquisador optar pela segunda opção, o mesmo será redirecionado para a página do gov.br para fazer o *login*.

Figura 9- Acesso ao sistema de informações do Arquivo Nacional.



Fonte: <https://sian.an.gov.br/sianex/consulta/login.asp>.

Nessa nova etapa, o usuário se depara com as pastas que poderão auxiliar na busca, para isso, o mesmo necessitará acessar a aba “funções/coleções” logo acima na página, como mostra a Figura 8. Ao passar o cursor por cima da opção, o site disponibiliza algumas formas de busca, como: pesquisa livre (pode utilizar qualquer termo pertinente ao que se deseja, separando apenas por vírgulas), pesquisa avançada (função que possui mais especificidades e aprofundamento, com campos que afinam a busca tornando mais precisa), pesquisa de multinível (nessa função o pesquisador necessita saber o nome da obra que ele busca, e o código de referencia que a mesma possui, essa forma de busca são para os usuários que possuem uma familiaridade com o acervo), pesquisa digital, instrumento de pesquisa e notação anterior, como demonstra a Figura 10.

Figura 10- Busca de coleções pelo SIAN

Fonte: https://sian.an.gov.br/sianex/consulta/pagina_inicial.asp.

Abaixo, segue a Figura 11 com o demonstrativo de busca avançada e as funções que necessitam ser preenchidas detalhadamente. Percebe-se que apesar da plataforma oferecer seis opções de busca à informação, não há um acesso direto e simplificado.

Figura 11- Pesquisa avançada na base do SIAN

Fonte: https://sian.an.gov.br/sianex/Consulta/pesquisa_avancada.asp.

Constata-se que no website não está disponível a política da instituição para análise desta pesquisa. Foi solicitado por e-mail aos colaboradores da instituição, porém não houve retorno, como também não foram respondidas as questões enviadas pelo *Google form*.

6.3.3 Museu Nacional

Criado no ano de 1808 por D. João VI, teve como principal objetivo fazer com que a cultura e a economia crescessem. Ao longo das décadas, a missão institucional mudou devido às novas coleções e a queda da monarquia. O Museu Nacional passou a ter coleções muito importantes para a cultura e a história do País e da América Latina, possuindo um legado imensurável para as gerações futuras (Sian, 2022).

Tornou-se um Museu universitário, com exposições e atividades de pesquisa e ensino, dessa forma, cumpre seu papel de disseminar o conhecimento nas áreas de Ciências Naturais e Antropologia. Entende-se que as estruturas e bases nas quais a instituição foi criada é um incentivo para pesquisas acadêmicas, passando a levar como missão:

Descobrir e interpretar fenômenos do mundo natural e as culturas humanas, difundindo o seu conhecimento com base na realização de pesquisas, organização de coleções, formação de recursos humanos e educacionais, assim como atuar na preservação do patrimônio científico, histórico, natural e cultural em benefício da sociedade (SIAN, 2022, n.p).

Ao pensar nessas questões de preservação do patrimônio histórico-social, por ser uma instituição pública, ligada a Universidade Federal do Rio de Janeiro, vinculada ao Ministério da Educação, destaca-se pelo seu papel fundamental no país. Infelizmente, sua estrutura física sofreu no ano de 2018 um incêndio por falta de manutenção predial. No ano em que completou 200 anos, o Museu Nacional enfrentou uma devastação com fortes perdas, visto que teve diversas coleções destruídas pelas chamas, levando as cinzas parte da história, cultura e arte.

A falta de manutenção e de preservação do Palácio por parte do poder público, e a omissão do Estado frente às reais necessidades das instituições de memória como o Museu Nacional, levam a sociedade brasileira à mesma situação que diversas civilizações antigas tinham quando seus centros de informação e memória eram saqueados e incendiados, perdendo parte de suas memórias, e para as nações, as consequências negativas são incalculáveis.

O acervo do Museu físico¹⁶ era dividido em três partes: o acervo bibliográfico formado por livros, folhetos e periódicos de domínio da Biblioteca Francisca Keller, pertencente ao próprio Museu, o acervo científico constituído por fósseis, objetos etnográficos e arqueológicos, e o acervo documental constituído por materiais

¹⁶ Informações coletadas do site institucional: <https://museunacional.ufrj.br/dir/acervo.html>.

arquivísticos. A partir das práticas de digitalização, o usuário tem acesso a algumas imagens de objetos tridimensionais.

Infelizmente o Museu ainda não possui de fato um acervo digital, o que constam são imagens de objetos tridimensionais, as quais faziam parte de exposições no ambiente físico. Para localizar as imagens no ambiente virtual basta entrar na página principal e acessar no lado esquerdo da tela a opção exposições como a Figura (12) abaixo mostra.

Figura 12- Designação das coleções dentro do site do Museu Nacional



Fonte: <https://museunacional.ufrj.br/index.html>

Logo após, o pesquisador será direcionado às exposições que foram divididas em seis seções: Antropologia Biológica, Arqueologia, Etnologia, Geologia, Paleontologia e Zoologia, onde dentro delas estão as imagens que foram proibidas de serem usadas com os fins de comercialização sem autorização prévia, pela constituição e a Lei Nº 9010 de fevereiro de 2008 (Sian, 2022).

Figura 13- Exposição de partedo acervo físico

Fonte: <https://museunacional.ufrj.br/dir/exposicoes/index.html>

Dentro das exposições há imagens sobre as temáticas, todas com descrição do que são e do respectivo período histórico ao qual são ligadas. Alguns desses macrotemas ainda são subdivididos como no caso da Arqueologia que se divide em quatro partes: Egito Antigo, Culturas do Mediterrâneo, Arqueologia Pré-colombiana e Arqueologia Brasileira, caracterizadas na Figura 14.

Figura 14- Subdivisões das exposições do Museu Nacional

Fonte: <https://museunacional.ufrj.br/dir/exposicoes/arqueologia/index.html>.

Compreende-se a falta de coleções disponíveis no website devido ao incêndio ocorrido no ano de 2018. Também não possui políticas para a estruturação das coleções digitais. Foi notado que não há muitas atualizações dentro do website desde o ocorrido,

apenas as divulgações de algumas ações promovidas e organizadas pela instituição para a sociedade. Não foi retornado o contato referente às questões de análise desta pesquisa, enviadas pelo *Google forms*.

Para o fechamento desta seção, tem-se o destaque de resultados de levantamentos, pesquisas, leituras, estudos empreendidos e de análises das três instituições da amostra realizadas com maior detalhamento para a Biblioteca Nacional com as respostas às questões da pesquisa.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa buscou mostrar a importância de entender as necessidades de adaptação das instituições de memória frente às novas tecnologias que a sociedade da informação vem construindo para agilizar a busca e a divulgação de acervos, coleções e conteúdos dentro dos centros de informação e documentação, às novas demandas dos usuários agora classificados como interagentes e suas construções de pesquisa e conhecimento.

Para isso, precisou percorrer alguns pontos da história das instituições, os marcos que foram necessários para que hoje todos tivessem direito ao acesso informacional, compreendendo que não apenas ocorreu por uma questão de dar às civilizações o direito a conteúdos, tornando assim, uma população igualitária no saber, mas também, por uma necessidade das demandas do capitalismo que precisou crescer e expandir. Entender que o acesso à informação principalmente as classes mais baixas da sociedade não foram concedidas por uma questão de conscientização social, nos faz entender que temos acesso ao que o sistema acha necessário.

Essa percepção nos é dada ao longo da história do desenvolvimento das culturas de informação, cada período teve uma ascensão de mídias e dispositivos que foram criados para “levar” a informação de acordo com cada época. Precisa-se salientar que os grandes eventos históricos sempre vinham seguidos de novas tecnologias informacionais que organizavam e divulgavam o acesso, e isso acontecia nas revoluções e guerras.

O entendimento de cada período e cultura informacional nos conta sobre como aos poucos à sociedade veio se adaptando ao acesso e uso de coleções dentro e fora das instituições de pesquisa e como as instituições foram repensando seus acervos e coleções para que os usuários pudessem usá-los. De detentoras do conhecimento a divulgadoras e disseminadoras da informação, as instituições de memória tiveram que lidar com questões internas e visões diferentes sobre sua atuação na sociedade.

Além da adaptação com as novas tecnologias, sendo elas, computador, internet, etc., lidar com o acesso aberto às informações foi um fator muito importante dentro das bibliotecas, arquivos e museus, principalmente por ter que entender que agora o público não necessita ir ao espaço físico para ter esse acesso para uso.

As questões voltadas ao livre acesso à informação surgiram no período social em que as pesquisas desenvolvidas passaram a ter apoio de outros pesquisadores, tornando

assim, pesquisas com co-participação e (ou) com abordagem multidisciplinar, logo as vantagens de ter outros profissionais com visões diferentes trabalhando em uma mesma pesquisa ou ter um outro olhar a partir de algo que já vem sendo estudado, mudou o mundo científico, e fizeram com que pesquisadores e profissionais da informação criassem mecanismos para a facilitação dos acessos.

A visão de novas práticas de interação com o usuário fez com que as instituições chegassem às redes de tecnologias digitais, a partir da criação de plataformas e sites de acesso. Entendemos que muitas instituições ainda estão em etapa de desenvolvimento nesse meio tecnológico, ou não estão bem estruturadas. Ao analisar a atual conjuntura, há um atraso nas atualizações e dinâmicas laborais nesse sentido.

O estudo durante a pesquisa e a coleta de dados nos mostrou a falta de literatura nacional sobre as temáticas das LAM's, e na área da encontrabilidade da informação foram encontrados alguns pesquisadores que se dedicam e se aprofundam nessa temática.

Para as questões sobre as características das LAM's foi sugerido como modelo a GLAM Europeia, que também foi analisada para trazer fundamentos norteadores para esta pesquisa. Sobre análise da plataforma Europeia chegamos as seguintes conclusões: a plataforma é totalmente acessível, indiretamente percebemos que há a preocupação com o usuário uma vez que a encontrabilidade da informação e os seus atributos focam na questão de acesso e usabilidade da informação, as coleções que fazem parte e estão disponíveis são construídas e disponibilizadas de forma que o usuário não tenha dificuldades no acesso. Quanto às políticas de estruturação, como encontramos nos repositórios habituais, não encontramos disponibilizadas, nem as diretrizes a serem seguidas. Entretanto, fornecem acesso a conteúdos estratégicos das plataformas que nos dão um norte de como as coleções são divulgadas.

No Brasil, considerando a situação relativa à literatura como pouco elaborada ainda, esta pesquisa buscou abordar a temática em casos nacionais de instituições importantes de memória e informação, como a Biblioteca Nacional, o Arquivo Nacional e Museu Nacional. Essas instituições foram analisadas partindo para uma possível integração de coleções (estrutura LAM's), considerando o critério de intencionalidade pertencente à encontrabilidade da informação. No entanto, encontramos dificuldades na coletar as de informações sobre as instituições da amostra, Biblioteca Nacional, Arquivo Nacional, e Museu Nacional, com a falta de contato e informações atualizadas sobre as mesmas em suas plataformas públicas de acesso.

A partir dos aspectos relevantes identificados na plataforma da Europena foram feitas análises nas plataformas da Biblioteca Nacional, Museu Nacional e Arquivo Nacional. Na Biblioteca Nacional percebemos e identificamos a preocupação que o usuário tenha o acesso as coleções de uma forma mais rápida e dinâmica, encontramos o critério de intencionalidade da informação na formação da busca e localização de acervos específicos, isso pode ser visto na busca geral que o próprio site disponibiliza, porém a instituição não disponibiliza as políticas nas quais se baseia para a estruturação. Sendo o único Centro a responder as perguntas de análise, o respondente apresentou desconhecimento, todavia, sobre as temáticas de encontrabilidade e LAM's, porém enfatizou a preocupação com a organização e disponibilidade das informações, além de produtos para os usuários, pontuando a necessidade de um estudo das necessidades do público que acessa as coleções, e sempre repensando as melhores práticas de integração.

Quanto ao Arquivo Nacional, à estrutura da Plataforma passou por uma modificação, anteriormente, as coleções eram acessadas com mais facilidade e dinamismo pelos pesquisadores logo no primeiro acesso, agora para chegar às coleções há uma necessidade que o usuário tenha uma experiência de pesquisa para achar o que busca. A plataforma disponibiliza tutorias de como fazer a pesquisa, entretanto os vídeos ainda são das modificações, no caso estão defasados. O pesquisador precisa utilizar critérios de busca bem construídos e elaborados para ter acesso, não sendo possível o uso de termos subjetivos. Não foram localizadas as políticas em seu website oficial de acesso público.

Na questão do Museu Nacional não há coleções disponíveis em sua plataforma, porém a mesma disponibiliza algumas imagens das peças que ficavam em exposições das coleções físicas. É compreensível a falta de coleções tridimensionais e do acervo digital por causa do incêndio que devastou as coleções físicas no ano de 2018, fazendo com que grande parte do acervo sucumbisse às chamas. Também não foram localizadas as políticas utilizadas pela instituição, e não obtivemos retorno com respeito às questões de análise para a pesquisa.

Ao ver esses cenários das três instituições de memória e informação do país, com as constatações nos websites e as respostas de uma delas, percebemos que as temáticas de encontrabilidade e LAM's parecem não ser do domínio delas, portanto, considera-se que não devem fazer parte do cotidiano, todavia. Mas, não se pode asseverar. A atuação nesse contexto pode facilitar a organização de suas coleções nas

plataformas de uma forma em que o usuário tenha a capacidade de encontrar os conteúdos que deseja.

Sobre análise da plataforma Europeia chegamos às seguintes conclusões: a plataforma é totalmente acessível, indiretamente percebemos que há a preocupação com usuário uma vez que a encontrabilidade da informação e os seus atributos focam na questão de acesso e usabilidade da informação, as coleções que fazem parte e estão disponíveis são construídas e disponibilizadas de forma que o usuário não tenha dificuldades no acesso, porém a instituição não tem políticas de estruturação como os repositórios habituais, isso nos mostra que mesmo sendo uma referência de plataforma GLAM's ela não possui parâmetros a serem seguidos, o máximo que disponibiliza são os conteúdos estratégicos das plataformas que nos dá um norte de como as coleções são divulgadas.

Para que haja a possibilidade de uma integração de coleções que abranjam as três instituições primeiramente seria necessário empreender algumas frentes, a saber.

De antemão, que as três criassem suas políticas, critérios ou conteúdos que especificassem suas coleções e a forma como elas precisam ser tratadas e disponibilizadas dentro do formato digital, congregando interesses para participação conjunta.

Segundo, criar uma equipe multidisciplinar que abranja não apenas bibliotecários, arquivistas, museólogos, analistas de sistemas, gestores da informação, ou seja, profissionais da área da Ciência da Computação, Sistemas de Informação e da Ciência da Informação, como outros profissionais de áreas correlatas com know-how teórico e (ou) operacional.

Outra vertente seria ter conhecimentos acerca da estruturação, operacionalização e importância de uma estrutura LAM, englobando a relevância para o contexto histórico, cultural e social, no qual as instituições fazem parte. De tal modo, a dinâmica dessa reunião LAM para o país seria estabelecida em grande porte e projeção.

Pensa-se em outra iniciativa que seria a atuação com os acervos de modo a indicar as diretrizes para a seleção e estruturação das coleções que poderiam configurar aporte maior, no próprio site, pensadas para a facilitação de uso pelos interagentes, isto é que sejam soluções amigáveis e acessíveis para acesso a todos os cidadãos, pois elas trazem informações pertinentes a toda a sociedade, por essa razão a informação deve ser de acesso a todos!

Em quinto as instituições de memória e informação atuariam como um sistema integrado que não anula a importância e a autonomia de nenhuma delas, porém visa o crescimento e visibilidade de todas com mais facilidade e dinamismo, mantendo inclusive suas peculiaridades institucionais. Destaca-se, então, que antes da criação do repositório, site ou plataforma, o planejamento para a construção dessa interface é fundamental para que seja bem estruturada. Além, disso é preciso percorrer todo o processo para definir questões relativas à alimentação de conteúdos, tratamento digital das coleções, em suma toda a parte da organização informacional e documental. Como se deve antecipar o estudo das necessidades informacionais, a análise dos perfis de usuário, a criação de personas e demais detalhamentos referentes aos usuários.

Constatamos ao longo da pesquisa que nossas instituições de memória ainda têm um longo percurso até chegar na visão de acessibilidade e acesso à informação das coleções, entendendo que além de ser algo historicamente a ser mudado também tem as questões de incentivo público e políticas que assistam essas instituições de memória como instituições também de informação aberta.

Essas questões estão sendo comenta das para reflexões na nossa área da Ciência da Informação, pelas Universidades, tanto no âmbito teórico quanto na área prática, para a atuação dos estudantes, futuros profissionais nas instituições.

Esperamos, com essa pesquisa, a realização de estudos futuros nas áreas de encontrabilidade da informação, com enfoque nos atributos de intencionalidade da informação que focam nas questões de análise dos conhecimentos prévios dos usuários para a estruturação de plataformas. Especificamente, estudos sobre as LAM's dentro do contexto nacional, focando na integração não apenas de coleções de seus acervos, como também de conteúdos pertinentes aos interesses históricos e socioculturais do país.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, I. R.; OLIVEIRA, B. M. J. F.; ROSA, M. N. B. Repositórios digitais como espaços de memória e disseminação de informação. **Informação em Pauta**, v. 4 n. especial, n. Especial, p. 117-131, 2019. DOI: [10.32810/2525-3468.ip.v4iEspecial.2019.42609.117-131](https://doi.org/10.32810/2525-3468.ip.v4iEspecial.2019.42609.117-131) Acesso em: 08 ago. 2022.
- ALMEIDA, Maria Christina Barbosa de. Bibliotecas, Arquivos e Museus: Convergências. **Conhecimento em Ação**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, p.161-185, 2016. Semestral. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/rca/article/view/2737/2807>. Acesso em: 05 mai. 2021.
- ANDRADE, M. M. de. **Introdução à metodologia do trabalho científico**: elaboração de trabalhos na graduação. São Paulo: Atlas,1994.
- ANNA, Jorge Santa. Desafios para a gestão de estoques de informação frente às coleções em diferentes contextos. **Revista ABC**, Florianópolis, v. 20, n. 3, 2015. Disponível em: <https://revista.acbsc.org.br/racb/article/view/1092/pdf>. Acesso em: 04 Mai. 2022.
- ARAÚJO, Carlos Alberto Ávila. **Arquivologia, biblioteconomia, museologia e ciência da informação**: o diálogo possível. Brasília, Brinquet de Lemos, 2014, p. 215.
- ARAUJO, Carlos Alberto Ávila. Ciência da Informação como campo integrador para as áreas de Biblioteconomia, Arquivologia e Museologia. **Informação&Informação**, Londrina, v. 15, n. 1, p. 173-189, 2010.
- BATES, Marcia, J.**The Information Professions**: Knowledge, Memory, Heritage. Association for Library and Science Education conference, Dallas, TX, 2012.
- BOERES, Sonia A, DE ASSIS; Arellano, Miguel A. Márdero. Políticas e estratégias de preservação de documentos digitais. **Anais do VI CIFORM – Encontro de Ciência da Informação**, Salvador, 2005. Disponível em: http://www.cinform-antiores.ufba.br/vi_anais/docs/SoniaMiguelPreservacaoDigital.pdf. Acesso em: 04 de Ago. 2022.
- BRIET, Suzanne. **O que é documentação**. Briquet Lemos, Brasília, 2016.
- BUCKLAND, M.K. **Information as thing**. Journal of the American Society for Information Science (JASIS), v.45, n.5, p.351-360, 1991.
- BUSH, V. As we may think. **Atlantic Monthly**, v.176, 1, p.101-108, 1945
- CAMPOS, Arthur Ferreira; SOUSA, Marckson Roberto Ferreira de; OLIVEIRA, Henry Poncio Cruz de. ENCONTRABILIDADE DA INFORMAÇÃO E ARQUITETURA DA INFORMAÇÃO: possíveis relações teóricas. **Encontros Bibli**, Florianópolis, v. 26, n. 8, p. 1-19, jan. 2021. Disponível em: <https://www.redalyc.org/journal/147/14768130013/14768130013.pdf>. Acesso em: 15 jul. 2021.

CASTELLS, M. **Networks of outrage and hope: social movements in the Internet age**. Malden: Polity Press, 2012.

CASTELLS, M. **O poder da identidade**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CASTELLS, M. **A sociedade em rede**. São Paulo: Paz e Terra, 2020.

CHAGAS, M. Memória e poder: dois movimentos. **Cadernos de sócio museologia**, v.19, n.19, 2002. Disponível em: <https://revistas.ulusoфона.pt/index.php/cadernosociomuseologia/article/view/367>. Acesso em: 10, jan. 2023.

CHAPMAN, A.; KINGSLEY, N.; DEMPSEY, L. *Full Disclosure – Realising the Value of Library and Archive Collections*, a Report to the Pathfinding Group, 1999. Disponível em: <http://www.ukoln.ac.uk/services/lic/fulldisclosure/report.pdf>. Acesso em: 04 de Ago. 2022.

CORRÊA, Elisa Cristina Delfini; SANTOS, Luana Carla de Moura dos. Deformação e desenvolvimento de coleções para gestão de estoques de informação: um panorama da mudança terminológica no Brasil. **Biblioteconomia e Ciência da Informação**, Campinas, 2015, v.13, n. 2. Disponível em: <https://docs.google.com/viewerng/viewer?url=https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rdbci/article/viewFile/8634631/3390>. Acesso em: 04 mai. 2022.

DANE, F. **Research methods**. Brooks/Cole Publishing Company: California, 1990.

DAY, R. **All that is the case: documents and Indexicality**. Scire: Representación y Organización Del Conocimiento, Zaragoza, v. 22, n. 1, p. 57-63, 2016.

DOSI, Giovanni; FREEMAN, Christopher; NELSON, Richard, SILVERBERG; Gerald; SOETE, Luc. **Technical Change and Economic Theory**. Laboratory of Economics and Management (LEM), Sant'Anna School of Advanced Studies, Pisa, Itália, 1988. Disponível: <https://EconPapers.repec.org/RePEc:ssa:lembks:dosietal-1988>. Acesso em: 10 Jan. 2023.

DURKHEIM, E. **As regras do método sociológico**. 12. ed. São Paulo: Nacional, 1985.

DIAS, Calíope Victor Spíndola de Miranda; MARTINS, Dalton Lopes. INICIATIVAS BRASILEIRAS EM TORNO DA CONSTRUÇÃO DE UMA POLÍTICA NACIONAL PARA ACERVOS DIGITAIS DE INSTITUIÇÕES DE MEMÓRIA: o desafio da memória em tempos de cultura digital. **Pol. Cult. Rev.**, Salvador, v. 13, n. 1, 2020.

FEITOSA, Luiz Tadeu. **CULTURA, MÍDIA E MEDIAÇÃO DA INFORMAÇÃO: aspectos culturais transdisciplinares**. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 18., 2017, Marília. **Anais [...]**. Marília: Unesp, 2017. p. 1-16. Disponível em: https://www.brapci.inf.br/_repositorio/2017/10/pdf_ec39ce9933_0000026934.pdf. Acesso em: 12 jul. 2022.

FLORIDI, Luciano. *Philosophy and computing: An introduction*. New York: Routledge. [citado por B.Van der Veer Martens / *New grounds for ontictrust: Information objects and LIS*]. 1999.

GABLER, Louise. *Entre a Administração e a História: O lugar do Arquivo Público do Império nos projetos de modernização do Estado na década de 1870*. Niterói: Universidade Federal Fluminense, Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, 2015. 130 p. (Dissertação de Mestrado).

GIL, A. **Como elaborar projetos de pesquisa**. Atlas: São Paulo, 2007.

GUIMARÃES, Thayz; GONÇALVES, Marcio. Os meios e suas implicações socioculturais nos indivíduos e na sociedade. In: ENCONTRO NACIONAL DE HISTÓRIA DA MÍDIA, 9., 2013, Ouro Preto. **Anais [...]**. Ouro Preto: Ufop, 2013. p. 1-11. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/encontros-nacionais/9o-encontro-2013/artigos/gt-historia-da-midia-impressa/os-meios-e-suas-implicacoes-socioculturais-nos-individuos-e-na-sociedade>. Acesso em: 05 jul. 2022.

GRISNPUN, M. P. **Educação Tecnológica**. Educação tecnológica, desafios e perspectivas. p. 25-74. São Paulo: Cortez, 2001.

HOMULUS, Peter. **Museums to libraries**: a family of collecting institutions. *Art Libraries Journal*, v.15, n.1, p.11-13, 1990.

INSTITUTO BRASILEIRO DE INFORMAÇÃO EM CIÊNCIA E TECNOLOGIA (IBICT). RI: repositórios institucionais: boas práticas para a construção de repositórios institucionais da produção científica. Brasília: IBICT, 2012. Disponível em: <http://livroaberto.ibict.br/bitstream/1/703/1/BoaspraticasparaconstruCAorepositoriosinstitucionaisdaproduCAocientifica.pdf>. Acesso em: 04 ago. 2022.

JAPIASSÚ, Hilton. **Introdução ao conhecimento epistemológico**. Rio de Janeiro, Livraria Francisco e Alves Editora S.A, 2. Ed., 1977.

JACOB, Christian. Prefácio. In: BARATIN, Marc; JACOB, Christian (Orgs.). **O poder das bibliotecas**: a memória dos livros no ocidente. Rio de Janeiro: UFRJ, 2000, p.9-17.

JÚNIOR, José Murilo Costa Carvalho; MARTINS, Dalton Lopes; GERMANI, Leonardo Barbosa. GLAMS E INSTITUIÇÃO DE MEMÓRIA EM REDE: uma 'infosfera' de Floridi? *rag MATIZES - Revista Latino-Americana De Estudos Em Cultura*, (16), 11-30. Disponível em: <https://doi.org/10.22409/pragmatizes.v0i16.27529>. Acesso em: 04 Ago. 2022.

KIRST, Alcido. Transformações tecnológicas. **Redes**, Santa Cruz do Sul, v. 1, n. 1, p. 93-94, jul. 1996.

KUHN, T.S. **A estrutura das revoluções científicas**. São Paulo: Perspectiva, 1998.

LARA, Marilda Lopes Ginez de; MENDES, Luciana Corts. **Suzanne Briet e a documentação como técnica cultural**. *Revista Brasileira de Biblioteconomia e*

Documentação, v. 14. 2018. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/download/41384>. Acesso em: 11 de Abr. 2022.

LAURENTIS, Carla de. Digital Knowledge Exploitation: ICT, Memory Institutions and Innovation from Cultural Assets. **Journal of Technology Transfer**, UK, 2006. Disponível em: <https://link.springer.com/content/pdf/10.1007/s10961-005-5014-6.pdf>. Acesso em: 04 de Ago. 2022.

LE COADIC, François. **A Ciência da Informação**. Brasília: Briquet de Lemos, 1996.

LE GOFF, Jacques. Memória. **In**: GIL, Fernando. Memória-História. Lisboa: Imprensa Nacional, Casa da Moeda, 1984. (Enciclopédia Einaudi, v.1). p.12-50.

LEITE, Fernando César Lima. **Como gerenciar e ampliar a visibilidade da informação científica brasileira**: repositórios institucionais de acesso aberto. Brasília, DF: IBICT, 2009.

LUCENA, S. Educação e TV Digital: situação e perspectivas. Maceió: EDUFAL, 2012.

LUCENA, Simone. Culturas digitais e tecnologias móveis na educação. **Educar em Revista**, Curitiba, v. 59, n. 1, p. 277-290, mar. 2016. Trimestral. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/er/a/Mh9xtFsGCs6HRpCWWM5XhvL/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 05 jul. 2022.

KURAMOTO, Hélio; MARCONDES, Carlos H.; TOUTAIN, Lúcia Brandão; SAYÃO, Luís. **Bibliotecas digitais**: saberes e práticas. Salvador, BA: EDUFBA; Brasília: Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia: 2006; 2ª. Ed.

MARQUES, Isabel da Costa. **O museu como sistema da informação**. 2010. Tese (Doutorado) - Curso de Museologia, Universidade do Porto, Porto, 2010. Disponível em: <https://repositorio-aberto.up.pt/handle/10216/55282>. Acesso em: 04 jun. 2019.

MANSFIELD, Tim; WINTER, Chris; GRIFFITH, Colin; DOCKERY, Michael; BROWN, Troy. Innovation study: challenges and opportunities for australia's galleries, libraries, archives and museums. **Common wealth scientific and industrial research organization**, Australia, 2014.

MASSON, S. M. Os repositórios digitais no âmbito da sociedade informacional. **Prisma.com (Portugual)**, n. 7, p. 105-152, 2008. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/62295>. Acesso em: 05 ago. 2022.

MAZLISH, B. **The fourth discontinuity**: theco-evolution of humansand machines. New Haven: Yale University Press, 1993.

MENÊSES, Raíssa da Veiga; De MORENO, Fernanda Passini. ESTUDOS DA LITERATURA SOBRE CIÊNCIA ABERTA NA CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO. **Pesq. Bras. Em Ci. da Inf. e Bibli**, João Pessoa, v. 14, n.2. 2019.

MIRANDA, M. K. F. de O. O acesso à informação no paradigma pós-custodial: da aplicação da intencionalidade para findability. 2010. 353 f. Tese (Doutorado em

Informação e Comunicação em Plataformas Digitais) – Faculdade de Letras, Universidade do Porto, Porto, 2010. Disponível em: <https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/50422/2/tesedoutmajorymiranda000112543.pdf>. Acesso em: 15 jul. 2022.

MIRANDA, Májory Karoline Fernandes de Oliveira. **O custodialismo e a teoria da intencionalidade**. Nectar, Recife, 2012, p. 375.

MIRANDA, Májory Karoline Fernandes de Oliveira. ENCONTRABILIDADE E TEORIA DA INTENCIONALIDADE: PROPRIEDADES PARA A INFORMAÇÃO. **Pesq. Bras. Em Ci. da Inf. e Bib.**, João Pessoa, v. 14, n. 2, 2019.

MIRANDA, M.; GALINDO, M.; VILA NOVA, S. Política de preservação digital nos repositórios institucionais de acesso livre: o caso das instituições de ensino superior no Brasil. In: ENCONTRO NACIONAL DE CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 12, 2011, Brasília, DF. **Anais...** Brasília, DF: ENANCIB, 2011.

MONTEIRO, Luís. A INTERNET COMO MEIO DE COMUNICAÇÃO: possibilidades e limitações. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE COMUNICAÇÃO, 24., 2001, Campo Grande. **Anais [...]**. Campo Grande: Intercom, 2001. p. 27-37. Disponível em: https://d1wqtxts1xzle7.cloudfront.net/57799090/Internet_como_meio_comunicacao-with-cover-page-v2.pdf?Expires=1657748051&Signature=RmlRo7ug-xwK6dF45k-QMDqL3KmlkY50TLL5OQ14gaGLIYEPTceizfrp-NyV4XmrAlgAR~86Pzt4dIM-tjQam~-oRXQlPkWemwGK4oxxUFk6wK-a7e4Ooys3hFPnU~4UCkEF0-gezh3N66WVeV31OIVL0lptHMAkHtHTcBDg8bPxCB4J~g19GhOKb6-SMQeEnXXYkNO-Gm6HwAg3dK84BjCeN4DC-puUhr7nwlW9SD5ipcYA-Hj76m9C-gQiiBeakPedR2ec7vQ6XCtD6IwM1qVT7bpbk5vsO5AHhCiKMsm6rmpRCvskG12fdPGonbBRPOOIIsuE5IuqSOKuf9BIuQ__&Key-Pair-Id=APKAJLOHF5GGSLRBV4ZA. Acesso em: 12 jul. 2022.

MORIN, E. **Os Sete Saberes necessários à Educação do Futuro**. São Paulo: Cortez, 2000.

MORVILLE, P. Ambientfindability. **Sebastopol**: O'Really, 2005.

MUELLER, Suzana Pinheiro Machado. A comunicação científica e o movimento de acesso livre ao conhecimento. *Ci. Inf.*, Brasília, v 35, n 2, p 27-38, maio/ago 2006. Disponível em: <http://revista.ibict.br/index.php/ciinf/article/viewArticle/826> – Acesso em: 12 de Jun. 2022.

NETO, Sertório de Amorim e Silva. O que é um paradigma?. Florianópolis: **Ciências Humanas**, v. 45, n. 2, 2011.

NORA, Pierre. Entre Memória e História: a problemática dos lugares. In: Projeto História. São Paulo: PUC, n. 10, p. 07-28, dezembro de 1993.

OLIVEIRA, Felipe Ribeiro e. **Psicologia Fenomenologia Existencial**. 2022. Resumo expandido. Disponível em: <https://www.studocu.com/pt-br/document/universidade->

norte-do-parana/psicologia-do-desenvolvimento-e-da-aprendizagem/resumo-o-que-e-fenomenologia/14294942. Acesso em: 16 jul. 2022.

ORTEGA, Cristina Dotta. **A Documentação como uma das origens da Ciência da Informação e base fértil para sua fundamentação**. BJIS, v.3, n.1, 2009. Disponível em: <http://www2.marilia.unesp.br/revistas/index.php/bjis>. Acesso em: 08 de Abri. 2022.

ORTEGA, Cristina Dotta. **Relações históricas entre Biblioteconomia, Documentação e Ciência da Informação**. DataGramaZero, v.5, n.5, 2009.

PARRA, Henrique Zoqui Martins; FRESSOLI, Mariano; LAFUENTE, Antonio. Ciência Cidadã e Laboratórios Cidadãos. **Liinc em Revista**, Rio de Janeiro, v.13, n.1, p. 1-6, 2017. Disponível em: https://ri.conicet.gov.ar/bitstream/handle/11336/76755/CONICET_Digital_Nro.881fd847-459e-49af-b296-ea07ca42a7db_A.pdf?sequence=2. Acesso em: 26 Set. 2021.

PESSOA, Luiz Gustavo Sena Brandão; SOUSA, Marckson Roberto Ferreira de. **A CIÊNCIA CIDADÃ NO CONTEXTO BRASILEIRO DOS DADOS GOVERNAMENTAIS ABERTOS**. Páginas a&b, v.3, nº especial ConfOA, 2021. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/download/157642>. Acesso em: 25 Abri. 2022.

RIOS, Fahima Pinto; LUCAS, Elaine Rosangela de Oliveira; AMORIM, Igor Soares. MANIFESTOS DO MOVIMENTO DE ACESSO ABERTO: Análise de Domínio a partir de periódicos brasileiros. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, v. 15, n. 1, 2019. Disponível em: <https://rbbd.febab.org.br/rbbd/article/view/1152/1103>. Acesso em: 23 Out. 2021.

ROMANI, Lucas Salviano; FUSCO, Elvis; SANTOS P. L. V. Amorim da Costa. **Análise e implantação de repositório digital utilizando software livre DSPACE**. 2009. p. 1-12. Disponível em: <http://www.lbd.dcc.ufmg.br/colecoes/sbsi/2010/0019.pdf> >. Acesso em: 17 Set. 2021.

SAMBAQUY, Lydia de Queiroz. Da biblioteconomia à informática. **Ci. Inf**, Rio de Janeiro, 1978.

SANCHEZ, Fernanda Alves; VECHIATO, Fernando Luiz; VIDOTTI, Silvana Aparecida Borsetti Gregório. ENCONTRABILIDADE DA INFORMAÇÃO EM REPOSITÓRIOS DE DADOS: uma análise do data one. **Inf. Inf.**, Londrina, v. 23, n. 1, 2019.

SANTAELLA, Lúcia. Da cultura das mídias à cibercultura: o advento do pós-humano. **Famecos**, Porto Alegre, v. 22, n. 1, p. 23-32, dez. 2003. Trimestral. Disponível em: Da cultura das mídias à cibercultura: o advento do pós-humano <https://revistaseletronicas.pucrs.br>. Acesso em: 12 jul. 2023.

SANTOS, Henrique Machado dos; FLORES, Daniel. Repositórios digitais confiáveis para documentos arquivísticos: ponderações sobre a preservação em longo prazo. **Perspectivas em Ciência da Informação**, v.20, n.2, p.198-218. 2015. Disponível:

<https://www.scielo.br/j/pci/a/mNsCkHM77L7RMrNqj8L57XF/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 04 de Ago. 2022.

SANTOS, Paola. Paul Otlet: um pioneiro da organização das redes mundiais de tratamento e difusão da informação registrada. **Ciência da Informação**, Brasília, DF, v. 2, n. 36, p.54-63, maio 2007.

SANTOS, Valéria Silva; LIMA, Marcos Galindo. SOARES, Sandra Veríssimo. **INFORMAÇÃO E MEMÓRIA ARQUIVÍSTICA: o custodialismo e outras discussões paradigmáticas**. XVI Enancib, João Pessoa. 2015. Disponível em: <http://www.ufpb.br/evento/index.php/enancib2015/enancib2015/paper/viewFile/3045/1234>. Acesso em: 13 Mai. 2022.

SAYÃO, Luís Fernando. Afinal, o que é a biblioteca digital? **Revista usp**. São Paulo, 2009. Disponível: <https://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/13709/15527>. Acesso em: 11 Mai. 2022.

SHINTAKU, Milton et al. Discussão sobre a avaliação aberta, no âmbito da Ciência Aberta. In: ABEC MEETING, 2019, Fortaleza. **Anais...** São Paulo: Associação Brasileira de Editores Científicos, 2019. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.21452/abecmeeting>. Acesso em: 26 mai. 2021.

SILVA, A. M. Mediações e mediadores em ciência da informação. **Prisma.com (Portugual)**, n. 9, 2009. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/70071>. Acesso em: 11 Mai. 2022.

SILVA. Armando Malheiros; RIBEIRO, Fernanda. **Paradigmas, serviços e mediações em Ciência da informação**. Recife: Nectar, 2011.

SILVA, Ana Pricila Celedonio da; CAVALCANTE, Lidia Eugenia; NUNES, Jefferson Veras. Informação e memória: aproximações teóricas e conceituais. **Encontros biblios**, Santa Catarina, vol. 23, n. 52, 2018.

SILVA, Fabiano Couto Corrêa da; SILVEIRA, Lúcia da. O ecossistema da Ciência Aberta. **TransInformação**, Campinas, 31:e190001, 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/tinf/v31/2318-0889-tinf-31-e190001.pdf>. Acesso em: 23 mai. 2021.

SILVA, Luiza Helena Goulart Da. **As políticas dos repositórios institucionais: conteúdo, acesso, preservação, metadados e submissão/ auto arquivamento**. 2010. 166 f. TCC (Graduação) - Curso de Biblioteconomia, Centro de Ciências da Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2010.

SILVA JÚNIOR, L. P.; MOTA, V. G. Políticas de preservação digital no brasil: características e implementações. **Ciência da Informação**, v. 41, n. 1, 2012. DOI: [10.18225/ci.inf.v41i1.1351](https://doi.org/10.18225/ci.inf.v41i1.1351) Acesso em: 04 ago. 2022.

SILVA, Paloma Rayana França Da. **Análise de repositórios de objetos digitais em instituições de ensino superior no país**. 2017. Monografia (Graduação) – Curso de Biblioteconomia, Universidade Federal de Pernambuco, 2017.

SILVA, Paloma Rayana França da; SILVA, Mayara Paula Atanásio Soares da. Encontrabilidade da Informação: análise do site da biblioteca nacional. In: JORNADA VIRTUAL INTERNACIONAL DE PESQUISA CIENTIFICA, 3., 2021, Porto. **Actos**. Porto: Cravo, 2022. v. 3, p. 1863-1877.

SMITH, A. **Riqueza das nações**: investigação sobre a natureza e suas causas. Os economistas. São Paulo: Nova cultura, 1996.

SOUSA, M. R. F.; PADUA, M. C. Arquitetura da informação pervasiva: desvendando as heurísticas de resmini e rosati. **Informação & Tecnologia**, v. 1, n. 1, p. 68-80, 2014. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/41042>. Acesso em: 15 jul. 2022.

RABELLO, R.; CASTRO, V. F. S. Intermediação da informação e preservação da memória digital. **Ciência da Informação**, v. 41, n. 1, 2012. DOI: [10.18225/ci.inf.v41i1.1349](https://doi.org/10.18225/ci.inf.v41i1.1349) Acesso em: 15 jul. 2022.

RIOS, F. P.; OLIVEIRA LUCAS, E. R.; SOARES AMORIM, I. Manifestos do movimento de acesso aberto: Análise de Domínio a partir de periódicos brasileiros. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, [S. l.], v. 15, n. 1, p. 148–169, 2019. Disponível em: <https://rbbd.febab.org.br/rbbd/article/view/1152>. Acesso em: 12 dez. 2022.

RODRIGUES, William Costa. **Metodologia Científica**. FAETEC/IST: Paracambi, 2007. Disponível em: http://pesquisaemeducacaoufrgs.pbworks.com/w/file/64878127/Willian%20Costa%20Rodrigues_metodologia_cientifica.pdf. Acesso em: 25 Abr. 2022.

ROSA, Maria Virgínia de Figueiredo Pereira do Couto; ARNOLDI, Marlene Aparecida Gonzalez Colombo. **A entrevista na pesquisa qualitativa**: mecanismos para a validação dos resultados. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2006. 112 p.

ROSENFELD, L; MORVILLE, P; ARANGO, J. **Information Architecture**: for the web and beyond. Canadá: O'Reilly Media, 2015.

TILIO, Rogério. Reflexões acerca do conceito de cultura. **Revista Eletrônica do Instituto de Humanidades**, Rio de Janeiro, v. 17, n. 7, p. 25-36, mar. 2009. Trimestral. Disponível em: http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/2010/artigos_teses/Ingles/tilio.pdf. Acesso em: 13 jul. 2020.

THIESEN, Icléia. Museus, arquivos e bibliotecas entre lugares de memória e espaços de produção de conhecimento. **In**: Museu e Museologias: Interfaces e Perspectivas. Rio de Janeiro: MAST, p. 63-78, 2009.

THOMAZ, Kátia; Soares, Antonio José. A preservação digital e o modelo de referência Open Archival Information System (OAIS). **DataGramaZero**, v 5, n 1. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/6608>. Acessado em: 04 de Ago. 2022.

TYLOR, E. B. **La civilization primitive**. 2 v. Paris: Reinwald, 1878.

VALENTIM, M. L. P. (Org.). **Ambientes e fluxos de informação**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010. 282p.

VALENTIN, Marta Ligia Pomim. CONCEITOS SOBRE GESTÃO DO CONHECIMENTO: uma revisão sistemática da literatura brasileira. **Informação e Sociedade**, João Pessoa, vol. 30 n. 4. 2020.

VECHIATO, Fernando Luiz; VIDOTTI, Silvana Aparecida Borsetti Gregorio. Encontrabilidade da Informação: atributos e recomendações para ambientes informacionais digitais. **Informação & Tecnologia**, Marília/João Pessoa, v. 2, n. 1, p. 42-58, dez. 2014. Semestral. Disponível em: https://www.brapci.inf.br/_repositorio/2015/12/pdf_22269d886d_0000016343.pdf. Acesso em: 15 jul. 2022.

VERGUEIRO, Valdomiro de Castro Santos. **Desenvolvimento de coleções**. São Paulo: Polis, 1989. p. 94.

VERGUEIRO, W. C. S. O futuro das bibliotecas e o desenvolvimento de coleções: perspectivas de atuação para uma realidade em efervescência. **Perspectivas em Ciência da Informação**, v. 2, n. 1, 1997. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/33189>. Acesso em: 04 Mai. 2022.

VIEIRA, Paulo Henrique. **O amor como revolução**. Rio de Janeiro: objetiva, 2019.

WAIBEL, Gunter. **Library, archive and museum collaboration**. 2018. Disponível em: <https://www.oclc.org/research/activities/lamsurvey.html>. Acesso em: 05 Abr. 2021.

WRIGHT, Alex. The Time Web forgot. **The New York Times**. New York, 17 jun. 2008. Science, p. 1-6. Disponível em: http://www.nytimes.com/2008/06/17/science/17mund.html?_r=0. Acesso em: 03 ago. 2022.

ZAHER, Célia Ribeiro; GOMES, Hagar Espanha. **Da Bibliografia à Ciência da Informação: Um Histórico e Uma Posição**. Ciência da Informação, Rio de Janeiro, 1972. Disponível: <http://revista.ibict.br/ciinf/article/view/1/1>. Acesso em: 11 de Abri. 2022.

ZUMTHOR, P. (1987). **A letra e a voz: a “literatura” medieval**. São Paulo: Cia. das Letras, 1993.

APÊNDICE A- QUESTIONÁRIO APLICADO ÀS INSTITUIÇÕES DE MEMÓRIA.

APRESENTAÇÃO

Prezado (a) Convidado (a),

Estamos enviando este convite para participação em pesquisa que está sendo realizada para fins científicos.

As instituições vêm se dinamizando com novas formas organizacionais e com isso ocorre a necessidade de modificações nas unidades de informação, cultura e memória com a reorganização de coleções, sobretudo no ambiente digital, para melhor atender a demanda e as necessidades dos seus usuários, seu acesso e uso, visando que o público ao qual se destinam os conteúdos são os novos interagentes da informação (usuários que não apenas pesquisam e usam a informação, mas que produzem, divulgam e disseminam), o que os tornam dessa forma, seres críticos e seletivos nas suas pesquisas e produções.

Diante das novas demandas de informação por parte dos usuários, a prática de boas formas de utilização dos recursos digitais e de ambientes virtuais tem possibilitado aos cientistas da informação disponibilizar conteúdos e documentos de forma acessível à todos que tenham acesso e utilize as mesmas.

É importante destacar que, tais ações podem ser melhor realizadas após a elaboração de uma política de interação e a disponibilização de uma estrutura tecnológica que tenha parâmetros de encontrabilidade e acessibilidade que permitam que os usuários acessem às informações que necessitam.

Devido a esse novo contexto abordado acima a pesquisa a ser realizada tem por objetivo estudar a viabilidade de criar uma estrutura LAM's dentro do escopo da Biblioteca Nacional, Arquivo Nacional e Museu Nacional, visando o melhor acesso das informações por parte dos usuários dessas três instituições, ajudando na colaboração institucional das mesmas a partir da divulgação das peças que já são disponibilizadas em seus espaços. Tudo isso, predominando a encontrabilidade da informação (melhores

formas de uso e divulgação das informações por parte dos usuários) nas estruturas de buscas pré estabelecidas pelos responsáveis institucionais.

Diante disso, esperamos contar com sua participação!

Pesquisa realizada pela aluna do Mestrado em Ciência da Informação, Paloma França, do Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal de Pernambuco para a elaboração da dissertação que está sendo orientada pela Doutora Marjory Miranda, professora do Departamento em Ciência da Informação da mesma instituição.

TERMO DE AUTORIZAÇÃO

Questões:

1. Em caso do (a) convidado (a) respondente concordar em participar desta pesquisa, os resultados obtidos serão utilizados para finalidade científico-acadêmica, conforme texto introdutório. Necessitamos do consentimento e autorização do respondente salvaguardando os aspectos éticos.

2. Sobre a identificação e o anonimato da proveniência das respostas fornecidas nos questionários, por gentileza assinalar uma das opções para apresentação dos resultados referentes à sua contribuição:

a) Autorizo incluir do nome da instituição, da unidade de informação e do(a) responsável pelas respostas fornecidas ou do(a) gestor(a).

b) Autorizo incluir o nome da instituição e o tipo da unidade de informação (ex: biblioteca, arquivo e museu)

c) Autorizo incluir apenas o nome da instituição.

d) Autorizo divulgar as respostas apenas com a identificação do tipo de instituição (ex. Universidade Federal, Universidade Particular, etc), e cidade onde a mesma está situada.

e) Autorizo a divulgação das respostas sem qualquer identificação

DADOS DE IDENTIFICAÇÃO

3. Nome da Instituição.

4. Nome do Respondente (opcional).
5. Cargo do Respondente.

QUESTÃO SOBRE AS POLÍTICAS DE COLEÇÕES

5. Sabemos que por conta da grande demanda de informações e mudanças tecnológicas que as sociedades vêm adquirindo ao longo dos anos, e o impacto que essas transformações têm no desenvolvimento das coleções institucionais, há uma periodicidade em que as políticas das coleções são revistas? Se sim, qual período?
6. Quais são os tipos de políticas que a instituição possui (no ambiente digital)? Ex: Política de acesso, políticas de conteúdos, etc.

ENCONTRABILIDADE DA INFORMAÇÃO

Dentro da encontrabilidade da informação há um atributo de intencionalidade, o mesmo é utilizado na melhoria da recuperação, acesso e apropriação da informação a partir das construções mentais formadas pelos usuários na busca por informação. Essas construções são advindas de experiências anteriores, compreende-se dessa forma, todos os processos vivenciados (experiências prévias), que no momento da busca são reutilizados mentalmente. A partir dessas informações, buscamos saber:

7. A formulação das políticas de acesso às coleções precisam ter o foco voltado nas melhores práticas de busca para a encontrabilidade, para isso, de que forma a instituição estrutura ou pretende estruturar essas políticas para que haja essa facilidade de acesso aos conteúdos?
8. As coleções necessitam ser organizadas, dentro da plataforma, de forma que possa ser viável a busca por construções que levem em consideração as experiências e habilidades do sujeito. A instituição no momento de formulação dos padrões de acesso pensa nessas questões de estruturação das coleções dentro das plataformas, levando em consideração o comportamento prévio do usuário de acordo com o perfil?
9. Na elaboração da política de metadados que aborda a descrição das informações, conteúdos dos documentos, conduzindo, assim, a direção na qual o

interagente (usuário) chegará as informações. Esse direcionamento é ou será estruturado a partir de quais princípios? Leva ou levará em conta a análise das intenções desses usuários?

10. As instituições tiveram que lidar com novas demandas de informação que passaram a predominar nos centros de documentação e bibliotecas, no formato digital, mudando dessa forma, o foco dos profissionais a respeito dos acervos e das novas necessidades dos usuários, visando essas novas mudanças, quais as maiores dificuldades que os profissionais e a própria instituição vem passando para se adequar as novas necessidades informacionais?

LAM'S

LAM's é o termo em inglês empregado para a **INTEGRAÇÃO DE** bibliotecas, arquivos e museus. Este conceito tem por finalidade integrar e divulgar as coleções de suas respectivas instituições formando uma rede de compartilhamento e maximização do acesso às suas coleções (WAIBEL, 2018, n.p.).

Disponibilizamos aqui um exemplo de LAM's.

Europeana Collections: <https://www.europeana.eu/pt>.

11. Há o cuidado de como essas coleções integralizadas podem ser estruturadas, organizadas e acessíveis, para isso ressalta-se a necessidade de políticas. Políticas que necessitam ser pensadas por uma equipe multidisciplinar. Por isso, ao total quantos funcionários integram a equipe de organização das coleções digitais e quais as áreas de formação dos mesmos?

12. Já era de conhecimento dos mesmos esse tipo de integralização entre instituições de memória e informação?

() SIM

() NÃO.

13. A instituição já pensa nessa possibilidade de **integralizar as coleções** com outras instituições? Se sim, quais?
14. Para que o processo de **integração** das **coleções institucionais** possa acontecer é necessário que as instituições tenham um quantitativo de conteúdos já disponíveis em uma plataforma e de acesso não restrito, a instituição na qual você presta serviço tem uma periodicidade de atualizações das coleções disponibilizadas?
15. Ao seu ver qual ou quais os pontos positivos e negativos de uma possível parceria com outras instituições de memória.